UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO E CULTURA

MARIANELA LAURA QUISBERT

JOVENS DO NORTE INTERAGINDO COM JOVENS DO SUL DO BRASIL: UM DIÁLOGO DE SABERES AMBIENTAIS POR MEIO DO FACEBOOK

CAMETÁ / PA

2018

MARIANELA LAURA QUISBERT

JOVENS DO NORTE INTERAGINDO COM JOVENS DO SUL DO BRASIL: UM DIÁLOGO DE SABERES AMBIENTAIS POR MEIO DO FACEBOOK[1]

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Educação e Cultura, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins, na linha de pesquisa Educação Básica, Tecnologia, Trabalho e Movimentos Sociais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação e Cultura[2].

Orientador:
Prof. Dr. Ariel Feldman
Co-Orientadora:
Profa. Dra. Ademilde Silveira Sartori

CAMETÁ / PA

2018

[1] COMITÉ DE ETICA UDESC - CAAE 68041317.7.0000.0118

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Q6j Quisbert, Marianela Laura
JOVENS DO NORTE INTERAGINDO COM JOVENS DO SUL DO BRASIL: UM DIÁLOGO DE SABERES AMBIENTAIS POR MEIO DO FACEBOOK / Marianela Laura Quisbert. — 2018
167 f. : il. color

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), Campus Universitário de Cametá, Universidade Federal do Pará, Cametá, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Ariel Feldman
Coorientação: Profa. Dra. Ademilde Silveira Sartori .

1. Dialogo de saberes ambientais. 2. Interação digital. 3. Educomunicação. 4. Facebook. 5. Jovens de Brasil. I. Feldman, Ariel , *orient.* II. Título

---

CDD 607.1

MARIANELA LAURA QUISBERT

JOVENS DO NORTE INTERAGINDO COM JOVENS DO SUL DO BRASIL: UM DIÁLOGO DE SABERES AMBIENTAIS POR MEIO DO FACEBOOK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Educação e Cultura, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins, na linha de pesquisa Educação Básica, Tecnologia, Trabalho e Movimentos Sociais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação e Cultura.

Data de aprovação:
27/Abril/2018

Conceito: EXCELENTE

Banca examinadora:

_____

Prof. Ariel Feldmam (UFPA/CUNTINS/PPGED) – Orientador

_____

Profa. Dra. Maria Sueli Corrêa Dos Prazeres (UFPA) – Membro Interno

_____

Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve (UDESC) – Membro Externo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO E CULTURA

ATA DE DEFESA DE MESTRADO

Aos vinte e sete dias do mês de abril do ano de 2018, às 09:30horas na sala 01 do PPGEDUC, Prédio Orlando Cassique, térreo, CUNTINS, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação de Mestrado, intitulada **JOVENS DO NORTE INTERAGINDO COM JOVENS DO SUL DO BRASIL: Um diálogo de saberes ambientais por meio do Facebook**, de autoria da Mestranda **MARIANELA LAURA QUISBERT**, discente da Turma 2016 do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura. A Banca Examinadora esteve constituída pelos professores: Prof. Dr. Ariel Feldman (Orientador). Instituição: PPGEDUC/UFPA-Cametá, Presidente; Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve (Examinadora Externa). Instituição: FAED- UDESC; Profa. Dra. Maria Sueli Correa Dos Prazeres (Examinadora Interna). Instituição: PPGEDUC/CUNTINS/UFPA. Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, a candidata foi APROVADA pela Banca Examinadora, obtendo o conceito EXCELENTE.

Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora e Secretaria do PPGEDUC.
Sala de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá.

Cametá, 27 de abril de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ariel Feldman
(Orientador) - Instituição: PPGEDUC/CUNTINS/UFPA

Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve
(Examinadora Externa) - Instituição: FAED- UDESC

Profa. Dra. Maria Sueli Correa Dos Prazeres
(Examinadora Interna) - Instituição: PPGEDUC/CUNTINS/UFPA

p/ Gilcilene Dias da Costa
Secretaria do PPGEDUC

MI DEDICATORIA ES...
A LA VIDA QUE ESTA DENTRO DE TI Y DE MI

Ahora sé que existen saberes que forman parte de historias reales.

Ahora sé que muchas otras historias son inventadas por otros que son solo eso.

Ahora sé que ser entendida y escuchada no es de cualquiera, sino de un corazón dispuesto.

Ahora sé que existen muchas fronteras humanas que limitan el amor de Dios [Efesios 3:17-19], Su anchura, Su largura, Su longitud, Su profundidad y Su altura.

DEDICO, CON LA DELICADEZA de un Rio, este tiempo de profundos diálogos y silencios, reales y/o virtuales. A esa Vida que nace y muere aparentemente sola, que está dentro de cada Ser que me vio pasar por su camino. Y aprendió conmigo, a escuchar también lo que no se sabe decir…

SI ES PARA TI! Que te esforzaste y dialogaste!

AGRADECIMENTOS

Profundamente agradecida, impressionada e maravilhada por aquela vida que cuida e que um dia decidi dialogar com Deus sobre ela, com perguntas em que as respostas pareciam surgir em mim mesma! Tinha que aprender a escutar, a olhar...! Descobri assim, o que não é dialogar... Fui tentando. E foi dialogando!

Neste tento surgiu esta pesquisa fluindo entre águas norte e sul brasileiras, muito longe de minha família e ainda sem boa comunicação, eu senti o grande apoio espiritual que foram os meus pais: minha mãe, com a firmeza misturada com doçura, e meu pai, numa sabedoria com força, e ambos com humildade no coração, me ensinaram a não ter medo do sacrifício. A eles, meu maior agradecimento humano pelo seu amor com paciência, além da saudade de uma filha que como o vento, vai e vem.

Agradeço à Organização dos Estados Americanos (OEA) e ao programa PAEC que me permitiu ter a oportunidade de me candidatar a esta bolsa de mestrado que dou fim com a experiência que não ficara neste escrito, mas transbordará fronteiras reais e virtuais. Pelo menos este é meu alvo e esforço contínuo, intrinsecamente possa ser aquela que une vidas através de experiências vivas! “De cá para lá”.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação de Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins, em Cametá, na pessoa da Prof. Dra. Celeste Pinto, na minha estadia como primeira estudante estrangeira do Campus, me recebeu com o cuidado e atenção de sua sábia, esforçada e forte persona. Uma parte do meu ser fico admirando seu recorrido e família.

Agradeço infinitamente a possibilidade de fazer realidade um diálogo interinstitucional UFPA-UDESC por meio de minha co-orientadora, a Prof. Dra. Ademilde Silveira, grande pessoa e profissional, que exerce a coordenação dos programas de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Santa Catarina. O fundo desta pesquisa é parte de nosso dialogar entre duas essências, orientadora e pesquisadora, que se encontraram e desfrutaram de estar juntas, aprendendo e se surpreendendo com os pequenos grandes detalhes da vida. Um agradecimento fica curto ante sua guia, seu cuidado, Sua Vida!

Agradeço com profundo carinho à Prof. Dra. Suely, por sua escuta atenta, por seu cuidado e empatia de um ser que foi longe geograficamente para sacar adiante um estudo e sabe o que se passa quando isto acontece. Numa comunicação virtual e por meio da tecnologia sempre estaremos em contato para ter conversas valiosas da vida, dos rios, de um olhar crítico e real, sem esquecer de um sorriso e de ser sensível à vida, aquela que está longe de só aparências.

Agradeço à Profa. Anita, que com sua amável e grande vontade de ensinar, conversar e dialogar com os jovens das escolas ribeirinhas do estado de Pará foi parte importante desta pesquisa, já que nasceu num diálogo que tivemos em Cametá, cidade ribeirinha que uniu nossos caminhos e nossos fluíres de rios de vida com uma viva experiência da vida que tem a Amazônia do Norte do Brasil.

Agradeço à Profa. Adriane, que com admirável forma de ser e de proceder é uma das professoras da educação básica que eu tenho como modelo de esforço, alegria e boa energia para todo novo empreendimento. A conheci no Sul de Brasil, num encontro de essências por meio da Profa. Alveni Santos, que foi nossa ponte para um diálogo que será para toda a vida. Obrigada a vocês e a toda Candelária, cidade acolhedora do Rio Grande do Sul, por toda sua disposição de coração!

Agradeço a meu orientador, Prof. Dr. Ariel Feldman, quem com muito bom ânimo, conseguiu ser parte da pesquisa, ainda não de maneira subjetiva, me apoiou em tudo o que tinha na frente, objetivamente. A forma deste projeto é parte de nosso trabalho em conjunto. Seu esforço por me entender não só na barreira do idioma, mas na vida e seus vaivéns me serão lembrados sempre.

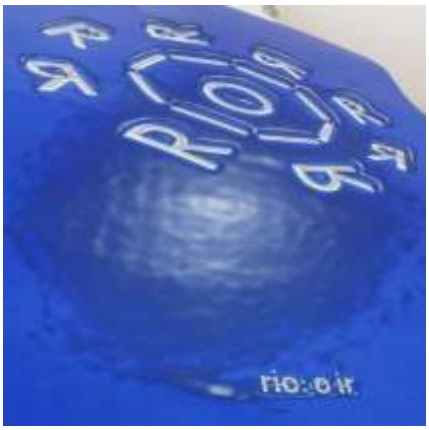
Agradeço à Prof. Dra. Ana Hoepers, por seu olhar, é assim que podemos olhar outro mundo. Esperando ser menos individualistas, sabermos que somos parte de um cenário natural, que de um caos e redemoinhos, se forma o mais calmo horizonte de uma pesquisa provavelmente inacabada, mas viva. Aprendo que ser indiferente é o caminho mais fácil, no entanto, o menos proveitoso. O valorizar e compartilhar do interior de cada ser e sua essência é urgente e que nem sempre se tem um coração disposto.

Muito obrigada pela Essência e Vida que fluem de cada ser que conheci neste território tão diverso que é o Brasil. Que cura, dia a dia, minha essência e existência.

Na escuta atenta ao outro, podemos nos ver no reflexo

das águas que se movimentam no nosso interior.

Visualizando uma mensagem do rio



NAVEGAR SEM NAUFRAGAR ATE CHEGAR AO M@R
A partir dos
Rios amazônicos
Sentindo-me como um peixinho que quer chegar
A algum lugar…
Depois de olhar um mapa e ver o longe que teria que navegar
Aventurei-me com medo de naufragar. Assim cheguei aos
Rios gaúchos
Que já estão querendo tocar seu destino final.
Achando a cada passo olhares de
Jovens Brasileir@s
Do Norte e do Sul,
Que me viam com esse vivo 'toquezinho' de
luz que Tem sua ***Essência,*** *a mesma em*
qualquer lugar, Que sem palavras, me
falava:

"Se você se deixar levar, pode chegar ao mar!"

Ali meu ser reagiu um pouco doente, cansado, assustado e tratado, no entanto com um pouco de força e persistência que caracteriza a minha essência, falou também sem palavras:

"Vou, sim! Vou tentar ou simplesmente
Morrer tentando, procurando e
achando, E precisando do ar, para
continuar,
Assim foi que cheguei ao mar"

Valorizando cada palavra, cada dialogar,

Cada saber, cada olhar...
Cada compartilhar.

MARianela

RESUMO

Na atualidade, existe a necessidade de se refletir acerca das interações digitais da juventude por meio de uma Mídia Social, como o Facebook. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é identificar e avaliar quais as contribuições que possam surgir a partir da interação digital para fundamentar uma proposta de sensibilização ambiental da juventude para o respeito ao seu Meio Ambiente. Foi criado um espaço virtual na mídia social Facebook, que gerou um diálogo de Saberes Ambientais entre estudantes jovens das series finais do Ensino Fundamental de quatro escolas, duas da Região Norte e duas da Região Sul do Brasil. Neste contexto, e após a análise dos indicadores elencados, afirma-se a possibilidade de diálogos de saberes, que são construtores de conhecimentos por meio de uma mídia social, a partir de uma concepção Educomunicativa. O referencial teórico é a base dialógica que propõe Paulo Freire (1987), enriquecida por diversos autores que auxiliam a consolidar o pensamento sobre a tecnológica na educação como Álvaro Vieira Pinto (2005) e Pierre Levi (1999). No ambiente criado no Facebook, os jovens dialogaram, criando com sua participação um espaço que propiciou uma convivência segura na diversidade dentro de um ambiente digital oferecido pela tecnologia. Neste processo, se propôs aos jovens um diálogo de sentidos e saberes de coletividade no princípio da complementaridade de práticas ambientais que desenvolveu Enrique Leff (2013). A partir de indicadores de diálogo, como a necessidade de horizontalidade que Buber (2006 [1979]) propõe na sua filosófica do diálogo e Paulo Freire (1987) na sua Pedagogia do Dialogo, realiza-se uma análise de conteúdo dos comentários e conversas no chat do Facebook, que provocaram as interações entre jovens e professoras. O resultado confirma que este movimento de subjetividades consegue criar a possibilidade de refletir com as professoras e os jovens. A pesquisa-ação demarcou a rota desta travessia, a análise de conteúdo permitiu analisar os dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas. Assim, a contribuição da pesquisa na educação e cultura brasileira, se confirma na afirmação da possibilidade de uma ação dialógica que gere uma aprendizagem, com limites e limitantes a serem considerados e isto será compartilhado para ser fonte de futuras e novas experiências.

Palavras-chave: Dialogo de saberes. Saber ambiental. Educomunicação. Facebook. Jovens de Brasil. Interação digital.

RESUMEN

En la actualidad, existe la necesidad de reflexionar acerca de las interacciones digitales de la juventud a través de una Media Social, como Facebook. En tal sentido, el objetivo de esta investigación es identificar y evaluar cuáles son las contribuciones que puedan surgir a partir de la interacción digital para fundamentar una propuesta de sensibilización ambiental de la juventud para el respeto a su medio ambiente. Se creó un espacio virtual en la red social Facebook, que generó un diálogo de Saberes Ambientales entre estudiantes jóvenes de las series finales de la Enseñanza Fundamental de cuatro escuelas, dos de la Región Norte y dos de la Región Sur de Brasil. En este contexto, y tras el análisis de los indicadores enumerados, se afirma la posibilidad de diálogos de saberes, que son constructores de conocimientos por medio de una media social a partir de una concepción Educomunicativa. El referencial teórico se desarrolla en base a la propuesta dialógica que propone Paulo Freire (1987), enriquecida por diversos autores que auxilian a afianzar el pensamiento sobre la tecnológica en la educación, como Álvaro Vieira Pinto (2005) y Pierre Levi (1999). En el ambiente creado en Facebook, un grupo cerrado, los jóvenes dialogaron estableciendo, con su participación, un espacio que propició una convivencia segura en la diversidad dentro de un ambiente digital ofrecido por la tecnología. En este proceso, se propuso a los jóvenes un diálogo de sentidos y saberes de colectividad en el principio de la complementariedad de prácticas ambientales que desarrolló Enrique Leff (2013). A partir de indicadores de diálogo, como la necesidad de horizontalidad que Buber (1979) propone en su filosófica del diálogo y Paulo Freire (1987) en su Pedagogía del Dialogo, se realiza un análisis de contenido de los comentarios y conversaciones en el chat de Facebook, que provocaron las interacciones entre jóvenes y profesoras. El resultado confirma que este movimiento de subjetividades logra crear la posibilidad de reflexionar con las profesoras y los jóvenes. La investigación-acción demarcó la ruta de esta travesía, el análisis de contenido permitió analizar los datos recolectados por medio de entrevistas semiestructuradas. Así, la contribución de la investigación en la educación y cultura brasileña, se confirma en la afirmación de la posibilidad de una acción dialógica que genere un aprendizaje, con límites y limitantes a ser considerados y esto será compartido para ser fuente de futuras y nuevas experiencias.

Palabras clave: Dialogo de saberes. Saber ambiental. Educomunicación. Facebook. Jóvenes de Brasil. Interacción digital.

ABSTRACT

At present, there is a new approach to the digital interactions of youth through a Social Media, such as Facebook. This aims to the identification and evaluation that are proposed from the digital events in at least the proposal of environmental awareness the youth for the respect their environment. The goal of this project is to create a virtual space for social media on Facebook, which should have started the debate about young people born in the final series of elementary schools of four schools, two from the North Region and two from the South Region of Brazil. In this context, and after an analysis of the indicators listed, a possibility of dialogues of knowledge is affirmed, which are builders of knowledge through social media from an educational conception. The theoretical framework is a dialogical basis stipulated by Paulo Freire (1987), enriched by authors who aid a teaching on a technological communication such as Álvaro Vieira Pinto (2005) and Pierre Levi (1999). In the blog created in Facebook, the young people dialogued, creating with the help of a space that provided a safe coexistence in diversity within a digital environment by technology. In this process, the students were initiated in the dialogue of polls and collective knowledge in the sense of the complementarity of the exercise that Enrique Leff (2013). From a dialogue of indicators, such as horizontality that Buber (2006 [1979]) proposes in his philosophy of dialogue and Paulo Freire (1987) in his Pedagogy of Dialogue, a content analysis of the comments and conversations in the chat of Facebook, which provoked interactions between young people and teachers. The result confirmed that this movement of subjectivities can create a possibility to reflect with teachers and young people. The action research demarcated the label of this crossing, a basic analysis of the data was analyzed through semi-structured interviews. Thus, research on Brazilian research and culture refers to the possibility of a dialogical action that aims at learning, with limits and limitations the possibility of being applied to a source of new and future experiences.

Keywords: Dialogue of knowledger. Environmental knowledge. Educommunication. Facebook, Youth of Brazil. Digital Interaction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização e tecnologia de escolas de Educação Básica de Cametá, Pará 36
Figura 2. Localização e tecnologia de escolas de Educação Básica de Candelária, Rio Grande do Sul 37
Figura 3 – Dados de faixa etária e educação do município de Cametá.....53
Figura 4 – Dados de faixa etária e educação da cidade de Candelária.....54
Figura 5 – Estatísticas dos usuários de *Facebook* no mundo e no Brasil 88
Figura 6 – Capa do Grupo "DE CÁ PARA LÁ", espaço dos jovens participantes da pesquisa no *Facebook.....97*
Figura 7 – Apresentação dos jovens das escolas Prof. Jacinto Garcia e Jadielson de Souza Moraes 98
Figura 8 – Apresentação dos jovens das escolas Professor Penedo e São Paulo.....100
Figura 9 – Publicação da professora do Norte sobre o rio Tocantins e sua ida as escolas.....105
Figura 10 – Publicação da professora do Sul das plantações de tabaco.....106
Figura 11 – Publicação da professora do Sul [Prof-S] sobre o fruto das araucárias: o pinhão..108
Figura 12 – Pergunta de J6-S, da escola Prof. Penedo, sob o relevo da geografia de Cametá..110
Figura 13 – Pergunta de [J3-S] da escola São Paulo, Candelária, sobre as matas de Cametá..111
Figura 14 – Jovens e professora do Norte respondendo às perguntas sob as frutas da região amazônica 112
Figura 15 – Vídeo postado por uma jovem de Candelária, perguntando à jovem de Cametá..114
Figura 16 – Chat sobre as frutas amazônicas, suas variedades e as formas de comer: interação [Prof-N], 2[J-N] e 2[J-S] 116
Figura 17 – Chat sobre as gírias e o clima, no Norte e no Sul do Brasil [J8-S] 118
Figura 18 – Compartilhando minirreportagem sobre o Rio Pardo, seus afluentes e história....120
Figura 19 – Compartilhando o dia de gravação da minirreportagem da escola São Paulo, Linha do Rio 121
Figura 20 – Compartilhando minirreportagem sob a *cidade de Candelária* e seus atrativos ...122
Figura 21 – Professora do Norte apresentando suas emotivas viagens as escolas no Rio Tocantins 132
Figura 22 – Professora do Sul apresentando as paisagens de grandes quedas d'águas da região..... 133
Figura 23 – Descrição do diálogo entre professoras sobre cultura gaúcha e amazônica e as comidas..... 137

Figura 24 – Barco chegando à escola na orla do Rio Tocantins..... 140
Figura 25 – Transporte escolar e pontes na região amazônica de Cametá, PA.....140
Figura 26 – Rio Pardo e pontes da região gaúcha de Candelária, RS 141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Utilização das redes sociais por alunos brasileiros 41

Tabela 2 – Escolas participantes da pesquisa 51

Tabela 3 – Planejamento dos momentos da pesquisa 56

Tabela 4 – Atores da pesquisa e sua nomenclatura na pesquisa 60

Tabela 5 – Etapas da pesquisa seguindo a metodologia Pesquisa-Ação 95

Tabela 6 – Alunos por principal equipamento utilizado para acessar a internet 103

Tabela 7 – Resumo dos resultados do conteúdo dos saberes compartilhados no grupo "De cá para lá" 135

LISTA DE ABREVIATURAS

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CETIC – Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

EEEF – Escola Estadual de Ensino Fundamental

EDUCOM Floripa – Grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PA – Estado do Pará, Brasil

PPGEDUC – Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura

PPGED – Programa de Pós-graduação em Educação

UDESC – Universidade Estadual de Santa Catarina

UFPA – Universidade Federal do Pará

USP – Universidade de São Paulo

RS – Estado do Rio Grande do Sul, Brasil

SUMÁRIO

PRÓLOGO **17**
INTRODUÇÃO **18**
1 DA IDEIA ATÉ A PROPOSTA: O RIO AVISTA O SEU HORIZONTE **46**
1.1 ABORDAGEM E METODOLOGIA DA PESQUISA 46
1.2 DIALOGANDO COM A REALIDADE 47
1.3 TIPO E MODALIDADE: PESQUISA-AÇÃO 47
1.3.1 Ciclo da pesquisa-ação **49**
1.3.2 Reconhecimento da situação **49**
1.3.3 Diagnóstico situacional dos sujeitos da pesquisa **51**
1.3.4 Declaração de intenções: o que saber? O que fazer? Quais os riscos? **54**
1.3.5 Planejamento: o que foi possível dentro do tempo da pesquisa? **55**
1.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E SUA ANÁLISE 57
1.4.1 Amostra **58**
1.4.2 Diário de Campo **59**
1.4.3 Análise de Conteúdo **60**
2 O FLUIR DA PESQUISA: RECONHECENDO-SE NESTE MOVIMENTO **61**
2.1 CONCEPÇÃO 61
2.2 MÉTODO DIALÓGICO DE PAULO FREIRE: PEDAGOGIA DO OPRIMIDO 65
2.2.1 Criticidade com o Facebook **66**
2.2.2 Detectando a situação-limite **67**
2.2.3 Na procura do conteúdo programático **69**
2.3 “A DIALOGICIDADE É A ESSÊNCIA DA EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE” 69
2.3.1 O significado de diálogo na essência da educação **70**
2.3.2 Diálogo de Saberes Ambientais **71**
2.3.3 Como um meio, uma ponte para políticas educacionais **73**
2.3.4 Implícito na educomunicação ambiental **76**
2.3.5 Saberes ambientais em movimento: Desde Enrique Leff até a empiria da realidade **77**
2.4 DIALOGANDO SOBRE OS CONCEITOS DO SER, DA TECNOLOGIA E DA REDE 78
2.4.1 Álvaro Vieira Pinto, um olhar desde Brasil **79**
2.4.2 Pierre Levy, um olhar desde o mundo **82**
2.5 O DIÁLOGO COMO FUNDAMENTO PARA O USO DA TECNOLOGIA 85

2.5.1 Espaços digitais e redes sociais como meio de um possível diálogo 85
2.5.2 Comunidade Virtual: Grupo de Facebook, 'nosso espaço na rede' 87
2.5.3 Interação e Indicadores de diálogo.....89
2.5.4 Aprendizagem cooperativa colaborativa.....90
3 DIALOGANDO E CHEG@NDO.....92
3.1 NAVEGANDO ENTRE MEANDROS, REDEMOINHOS E CORRENTEZAS.....92
3.1.1 Que rota navegar?.....93
3.1.2 Etapas e instruções.....93
3.1.3 Grupo em *Facebook*.....95
3.1.4 Apresentação dos jovens e suas escolas.....96
3.2 DESCRIÇÕES DAS MOVIMENTAÇÕES NO *FACEBOOK*.....100
3.2.1 A partir do rio Tocantins, no Norte, começa o fluir 103
3.2.2 Desde o Sul, Rio Pardo: de uma história a um destino 104
3.3 JOVENS EM DIÁLOGO.....108
3.3.1 Ir e vir de perguntas postadas 108
3.3.2 Chat: Perguntas e respostas daqui e dali 114
3.3.3 Minirreportagem 118
3.4 INTERPRETAÇÃO DA AÇÃO DIALÓGICA "DE CÁ PARA LÁ" 122
3.4.1 Da Interação digital 122
3.4.2 Das situações-limite e limitantes 123
3.5 SABERES COMPARTILHADOS, DOS MEANDROS ATÉ AS CORRENTEZAS 129
3.5.1 Do Sul ao Norte: a figura de um possível meandro.....129
3.5.1 Do norte ao Sul: os possíveis redemoinhos na correnteza.....132
3.5.2 Contribuições da pesquisa, indicadores de diálogo e saberes valorizados133
CONSIDERAÇÕES FINAIS 138
REFERÊNCIAS.....146
APÊNDICES 152
Apêndice A – Instruções para os jovens no terceiro momento da pesquisa 153
Apêndice B – Roteiro de entrevista para diretor e professor.....155
Apêndice C – Entrevistas das professoras.....156
Apêndice D – Reações das professoras fechamento da pesquisa.....157
ANEXOS 158

Anexo A – Resolução n. 510, 07 de abril de 2016 159
Anexo B – Projeto aprovado pelo comitê de ética da UDESC 161
Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 162
Anexo D – Consentimento para fotografias, vídeos e gravações 165
Anexo E – Entrevista do jornal de Candelária com a pesquisadora 166

PRÓLOGO: Palavras Iniciais sobre a essência da pesquisa

Esse trabalho é como um rio que nasce de gota a gota, transita por sendas que ele mesmo constrói, chega a se converter num forte e caudaloso 'ser' em movimento, achando e fortalecendo-se com outros rios no caminho. Possivelmente na sua trajetória formará um grande espaço onde muitos seres podem conviver, um meio para que eles possam fluir e estar neste fresco contato com a vida de outros seres vivos, que ainda sem ter contato direto, estão na mesma corrente, no mesmo movimento. Pode-se perceber que depois de nascer, as ações destes seres vão se comunicando, mesmo sem estarem fisicamente juntos, eles estão perto, aprendendo, ensinando, vivendo.

Este navegar, este encontro de vidas torna-se tão enriquecedor para todos os seres que vão se conhecendo e reconhecendo na mesma rota de navegação que os levará certamente a algum lugar. Mas será esse o lugar onde el@s querem cheg@r? Ali a vida falará sem palavras, ali o que cobra a vida são as decisões de cada um, que enquanto vai navegando com orientação ou sem ela, corre risco de naufragar, possibilidade sempre presente, mas com o refletir de cada agir, pode-se tomar ou não, a direção correta, ao m@r.

Aonde se quer chegar? Procurando a força e os diferentes fluíres de outros rios, às vezes, com muita correnteza e, às vezes, com obstáculos no caminho, no entanto se avista desde o início o horizonte, muito amplo e aparentemente sem movimento. Será que o rio, ao chegar ao mar, não terá mais que correr com aqueles outros afluentes que foi conhecendo no caminho? Aqueles que ainda sem ser parte de sua procura, simplesmente já não estão ali, no seu destino. Será aquele o lugar final que el@s esperav@m ach@r? Existe a possibilidade de que cada ser, que foi aparecendo no caminho desde a nascente, não saiba o que queria achar, mas chegando resolve suas dúvidas num enriquecedor espaço onde as turbulências não rompem aquelas relações feitas. O que se pode saber das conexões da vida será a riqueza que cada um levará a seu ambiente, onde quer que este esteja localizado, é um lugar onde possivelmente pode dialogar com outros seres, sem importar muito as distâncias, mas no mesmo fluir até chegar ao destino final.

INTRODUÇÃO

APRESENTANDO A ROTA DA NAVEGAÇÃO

Um pequeno território com um autor proprietário, um começo, um fim, margens formando fronteiras [novos saberes e vivencias] espalhadas por todo o planeta. Gotas do mesmo oceano mundial de sinais flutuantes. (LÉVY, 1999).

Da nascente ao fluir: a construção da pesquisa

Na intenção de materializar as reflexões que a vida que rodeia ao ser humano oferece se apresenta esta pesquisa, e como ela nasce a partir de uma ideia inspirada nos rios que aparecem na natureza, eles ensinam um movimento que está se gerando também nos espaços digitais. Cumprindo os requisitos da Academia, como parte do Programa de Pós-Graduação de Educação e Cultura, da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins, como pesquisadora procurei uma orientação no Norte e no Sul do Brasil, para conseguir atingir estas duas realidades. É assim que surgiu a parceria com a Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), conseguindo um diálogo não só inter-regional, mas também interinstitucional.

Dessa forma, esta pesquisa foi direcionada a refletir sobre as realidades educativas de escolas ribeirinhas e as dinâmicas na estrutura educacional formal em duas regiões da sociedade brasileira, cada uma com suas particularidades a nível geográfico, acesso tecnológico e participação dos sujeitos (jovens, professoras e pesquisadora) nesta tentativa de diálogo.

O acesso aos estabelecimentos escolares na Amazônia, no caso, as escolas ribeirinhas do município de Cametá, no estado do Pará, no Rio Tocantins, é através de um barco como transporte escolar que leva aos alunos de suas casas até a instituição educativa. Na região gaúcha, município de Candelária, no Rio Grande do Sul, alguns alunos, apenas aqueles que moram em uma das margens do Rio Pardo, chegam à escola em van, os outros alunos, que moram na outra margem do rio, o atravessam a pé por uma ponte de madeira. Estas duas regiões são conectadas nesta pesquisa gerando no espaço digital, dentro da rede social *Facebook*, a mais

usada pelos jovens na atualidade, um lugar onde eles puderam se encontrar e compartilhar seus saberes. Neste encontro se gerou um território de aprendizagens.

O espaço virtual é aqui entendido como o aquele espaço gerado pela tecnologia digital na criação de novos lugares para que o ser humano possa se relacionar, vencendo as barreiras de tempo, espaço e distância. Com a possibilidade de contatar novos 'amig@s' de regiões distantes e com interesses comuns, pode-se descobrir ou produzir novos saberes. Considerando os riscos deste tipo de procura e levando em conta que cada ação e reflexão se manifesta e pode ser analisada de forma crítica com os participantes.

Na atualidade, existe a necessidade de refletir acerca da concepção de uma comunidade virtual por meio de uma mídia social como o *Facebook* e das interações digitais da juventude, o cenário escolhido é um ambiente virtual, um grupo de *Facebook*, espaço de possibilidades. Os membros foram jovens do oitavo e nono ano de Ensino Fundamental da educação formal, alunos de quatro escolas de regiões geograficamente diferentes: duas da Região Norte e duas da Região Sul de Brasil. Se criou este espaço digital dentro da rede social escolhida, onde as interações, conversas e diálogos de saberes ambientais foram surgindo. Assim, possibilidades para este efeito serão analisadas nesta pesquisa.

A eleição dos participantes é feita por eles representarem populações ribeirinhas do Norte e Sul de Brasil, a decisão de participar é de cada um, jovens e professores. A faixa etária foi escolhida porque é a etapa em que eles aprendem e descobrem os diferentes usos deste espaço digital, é uma etapa-chave para seu maior aproveitamento e para que eles possam refletir sobre o uso das ferramentas que oferece a tecnologia sendo críticos e procurando o bem-comum neste ambiente.

Entre março e dezembro de 2016, estive no estado do Pará, cursando matérias no PPGEDUC/UFPA, com visitas ao hospital pela falta de resistência ao clima e a grande mudança que me ocasionou este estudo. Em janeiro e fevereiro de 2017, tive a oportunidade de ir a Candelária, Rio Grande do Sul, onde fui recebida com muita amabilidade pelas famílias de lá e ainda procurando um equilíbrio na minha saúde, visitei as duas escolas selecionadas de maneira estratégica, para propor o projeto às

diretoras, que aceitaram com muita resiliência, emoção e até o jornal da cidade ficou interessado em saber desta movimentação de saberes a partir de seus jovens com os jovens da Amazônia Brasileira (ver Anexo E).

Já entre março e julho de 2017, estive em Florianópolis, Santa Catarina, cursando duas matérias na UDESC como parte de minha planificação e para poder interagir com minha co-orientadora, Ademilde S., professora que dirige o grupo de pesquisa EDUCOM Floripa, ao qual fui convidada em participar. Com admiração pelos pesquisadores que conheci, fiquei atenta, o melhor que pude, para aprender de cada um e compartilhar experiências, impressões, projetos e debates sobre educomunicação e seus impactos na educação e na sociedade em geral.

Por fim, em agosto, encontrei-me novamente em Cametá. Cursando as últimas matérias do meu estudo e para a defesa do projeto. Nesta etapa, tentei falar com os jovens, com as professoras e diretoras das escolas participantes que foram selecionadas, de tal maneira que pudesse ter um olhar tanto urbano e rural dos dois municípios, Cametá e Candelária.

No percurso da pesquisa surgiram imprevistos: a renúncia de uma professora da escola de Cametá e foi então que a escola deixou de participar na pesquisa, situação que permitiu a participação de outra escola ribeirinha muito interessada. Pretende-se explicar toda esta dinâmica que se gerou nas escolas no capítulo 3 deste documento, ao analisar os dados da pesquisa.

O meu deslocamento físico foi realizado nesses espaços geográficos com o apoio da bolsa Capes, que é a que me sustenta no Brasil e que tenho que administrar prudentemente. Esta movimentação foi um desgaste a nível físico, emocional e com sérias repercussões na minha saúde, o que só foi suportável com o ânimo dos sorrisos que achei no meu caminho de gente cheia de vida, jovens e professores, que são agora minh@s amig@s nas redes sociais, *Facebook* e *Whatsapp*.

Para que este encontro de jovens seja possível, foram necessários não somente ideias, mas ações, idas e vindas, para ter um contexto real das reais possibilidades a nível geográfico, tecnológico e, principalmente, educomunicativo. Contudo, será que os jovens e professoras do Sul e do Norte, participantes dessa pesquisa, conseguiram

realizar essas idas e vindas através de um espaço digital?

Procurou-se responder as dúvidas que surgiram ao longo da pesquisa e as questões norteadoras: (1) Quais as proximidades culturais, ambientais e educacionais do Cametá, Pará, e Candelária, Rio Grande do Sul? (2) Quais são os panoramas básicos destas regiões específicas representantes do Norte e do Sul brasileiro com relação às tecnologias da comunicação e da informação (disponibilidade de infraestrutura e acesso da população)? (3) Que contribuições e recursos poderiam fazer que o aluno, membro de comunidade virtual, interaja e gere um diálogo de saberes ambientais? Em que sentido esses recursos influem?

Assim, tendo um movimento vivo nesta proposta tão complexa quanto o ser humano, pode se ver de qualquer perspectiva e aprender, ensinar compartilhando. No contexto descrito, se identifica e se avalia quais serão as contribuições e questões contraditórias das possibilidades, aplicando a criticidade em tudo, como o risco do espaço digital atingir a um objetivo comum e que este seja entendido. A partir da proposta desta interação se fundamenta uma sensibilização ambiental dos seres alcançados pela pesquisa, produzindo neles um respeito ao seu meio ambiente, o que se traduz também num respeito entre eles e uma valorização de suas culturas.

Este é o preâmbulo para entender o que se pretendeu fazer nesta pesquisa, e já no fluir pode-se sentir o valor das perguntas e das dúvidas, que ajudam a entender a essência das coisas e seu sentido, deixando ver o porquê da sua existência, neste tempo, neste lugar, neste espaço e com estes atores e sujeitos. Essa dúvida é respondida ao leitor no seguinte ponto que tem o nome de quem fluindo, acha a rota que pode ser correta ou não, mas é fruto de uma história de vida. Onde a rota será importante, mas o imprescindível será o fato de ter ‘navegado’ pelas rotas da vida.

Navegando no memorial da pesquisadora

Na escrita fluida, assim como um rio...
Que descansa no mar. Posso só chegar!

Para iniciar o diálogo, conto um pouco como o fluir dos rios foram aparecendo na minha vida: quando tinha aproximadamente três anos de idade, caí em um rio, no povado do meu pai, cristalino e forte demais porque chega lá do derretimento da neve em direção aos vales. Esqueci aquela dor ao bater nas pedras, mas foi a impressão e o medo de meus pais de perder uma filha, o que marca minha lembrança. A reação deles era justificada, pois levada pela corrente, meu pai correndo, salvou-me desta força natural que provavelmente não seria suportável para uma menina tão pequena.

Minha procura começou poucos anos depois deste acidente, acho que foi uma decisão que tomei quando estava sentada nas escadas da casa de meus pais e olhava a porta com nostalgia, naquele momento da minha vida não sabia de capitais, países, nem fronteiras, só que era de minha essência descobrir as outras cores que a vida tem. Ainda com tristeza e nostalgia de ir sozinha e com angústia pelas incertezas de um mundo cheio de perigos e de muitos 'talvez', um dia simplesmente parti.

Eu nasci em La Paz, capital da Bolívia, país que fica no coração da América do Sul. Continuando com esse fluir e depois de ter a experiência da força de um rio na minha vida, agradecida pelo apoio destes seres amorosos e esforçados que me resgataram (daquele primeiro rio que certamente me levaria a algum lugar), comecei a estudar na escola e depois na Universidade Pública de La Paz. Etapa cheia de números e cálculos que eu gostava de fazer, longe do um estudo sobre a vida que não deixava de me surpreender pelas forças incríveis e delicadezas que a natureza tem e que se mostram no dia a dia, com pequenos e grandes detalhes.

Na Universidade, apesar de estudar Engenharia, eu nunca desisti de minha admiração pela vida na natureza e cada passo que dava estava permeado de outro enfoque, mais amplo, como o da Eletrônica em projetos no ar livre que exigiam dos meus professores e colegas um aporte, ou pelo menos, considerar não alterar o meio ambiente. Experimentei, assim, que a ciência esquece muitas vezes dessa vida que me

chamava tanto a atenção e que exigia meu olhar. Alguns autores a chamam 'ciência sem consciência' (como Guatarri[3]) e a esta visão acadêmica eu denominei 'Uma ciência sem Vida, *morta!'*

Isso motivou minha procura dentro de meu contexto e fora dele, foi assim que saí de minha cidade em diferentes etapas do meu percurso acadêmico. As saídas mais marcantes foram no meio dos estudos de graduação, quando visitei a Universidade de São Paulo, em São Carlos, no Sudeste brasileiro, sem saber falar português, aproveitando a oportunidade para conhecer a educação brasileira e suas possibilidades. Em seguida, durante os estudos de uma pós-graduação, morei na capital da Colômbia, Bogotá, cidade amigável e de uma realidade maquiada, bem descrita como uma "selva de concreto"[4].

Agora, viajando por várias cidades do Brasil durante meus estudos de Mestrado em Educação e Cultura da UFPA, do estado do Pará, com um enriquecedor semestre na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), posso ver que sou uma andarilha! Uma parte de mim se alegra com a ideia, a outra me exige saber a que horas vou parar de caminhar daqui para ali. Apesar disso, sigo. Neste preciso momento, a motivação é fazer uma pesquisa de mestrado viva (é assim que descrevo uma pesquisa boa). De tempo em tempo, outro porque se estende até o infinito, avistando um futuro sem localização, sem um lugar físico, sem território! Ou com muitos territórios dentro do meu.

Esse território que se faz em cada passo, será algo assim como um 'território móvel'? E se esse termo não existe na Ciência, na Academia, na Cartografia? Poderia considerar uma forma de denominar uma movimentação permeada de impressões,

---

[3] "Sempre me irritou a ladainha em torno do tema da ciência sem consciência: 'como seria bom se conseguíssemos colocar um pequeno suplemento de alma na ciência e na técnica', e essa coisa toda... Besteira, pois é a partir de essa subjetividade, que está indo no sentido de uma degenerescência irreversível, acelerada, que os sistemas maquínicos puderam se desenvolver. E, depois, não é um pouco idiota querer melhorar essa espécie humana, que é uma das mais vulgares, maldosas e agressivas que existem?" (GUATARRI-ROLNIK, 1993, p.277).

[4] 'S*elva de concreto'* expressão usada pelos mesmos moradores e visitantes da grande metrópole Bogotá, capital de Colômbia. Refere-se a uma cidade cheia de prédios com uma paisagem que só muda de acordo com a zona rica ou pobre, na quantidade e qualidade das construções de tijolo e cimento.

emoções, sentimentos e achados? Serão as cartografias intensivas[4] as que me descrevem? De ponto em ponto chego sem querer chegar e, querendo por casualidade ou por causalidade, finalmente estou ali ou aqui, criando-se assim em mim um espaço pessoal onde mundos e realidades diferentes e aparentemente distantes, podem-se tocar pela primeira vez num esforço por entendimento.

Mesmo dentro de alguém que nasceu com asas e olhos de pesquisadora, meu ser, às vezes, fica alterado, meio torto e quase sem poder continuar o voo, cheio de questionamentos, mas aproveitando cada momento e lugar para fazer perguntas e tentar respondê-las com outras novas perguntas, que podem ser mais complexas, ou outras de simples respostas, mas que mostram o esforço por entender a situação. E assim sigo, tentando não impor meu modo de ver a vida, guardando cada sorriso e mágoa, construindo-me como pessoa não tão livre (lamentavelmente) dos 'preconceitos'[5], palavra que muitos insistem em repetir sem perceber, esses clichês que não desistem de estar ali, escondidos nos possivelmente perigosos meandros do viver.

Embora não consiga digerir bem o significado de 'preconceito', esta palavra tão repetida do norte a sul de um país grande e diverso como é o Brasil, estou permeada dele sem querer, só por ser parte deste mundo cheio de confusões. No meio desta realidade, eu me dou conta que existe muita vida e saberes sobre a vida que devem ser valorizados sem nenhum tipo de preconceito, o que permitiria só ir adiante num enriquecimento baseado em diversos olhares do mundo dentro de um só país. A partir do meu olhar de estrangeira, percebo que esta é uma necessidade urgente no mundo todo.

No percurso das caminhadas que fiz, motivada pelas minhas curiosidades e afrontada pelo esforço para achar um olhar diferente, tanto fora como dentro de meu mundo e, além de cumprir com o compromisso acadêmico, me movimento por razões mais subjetivas, procurando o "caminho da vida" que percorre a essência de uma semente para ser semente, só para dar um exemplo. No meu caminho achei pessoas

[5] Exemplos: preconceito do Norte: "o pessoal do Sul é frio, carece de alegria e afetividade e você vai achar portas fechadas e não será ouvida" (Fala resgatada no Norte de Brasil). Preconceito do Sul: "o pessoal do Norte tem pouco acesso, verdade? " (Fala resgatada no Sul de Brasil).

que olham o mundo como eu! (Jovens, como Yhasmin, de Rio Tentém, interior do Pará, ou Cesar, de Candelária; ou Marcos, de Cametá; ou Camila, de Linha do Rio, RS; ou como minhas amigas guerreiras Ana, de Belém; Alveni e Adrianni, de Candelária, ou minhas professoras Celeste Pinto, do PPGEDUC; Ademilde e Ana, ambas da UDESC, três grandes exemplos de luta, sensibilidade e vida para mim.

Assim nasceu a ideia de tentar um real diálogo entre duas essências, cada uma com a disposição de escutar e se manifestar. Vidas compartilhando vida para aprender da vida.

Nesta procura vou fazendo um caminhar, numa trilha 'norteada' (e porque não dizer também 'sulteada'[6]) por diferentes encontros que permitem conectar-me com seres únicos que conheço neste percurso cheio de surpresas. Impactante perceber uma sociedade que se fundamenta nas 'conexões', informações e informações conectadas em diferentes espaços e lugares. Durante a pesquisa, eu tive que viajar do Norte ao Sul de Brasil e observei que as pessoas estão pensando, sentindo e se relacionando de maneira diferente, com uma nova lógica[7], navegando livremente (ou não) pela Internet.

Eu estou conectada (aparentemente), porque tenho três contas de correio eletrônico e faço parte de três redes sociais: *Google Plus, Linkedin* e *Facebook* (agora estou achando que para este tempo é pouco, porque existem muitas). Então, estou incluída nessa "conexão global" em que se tem grande movimentação de informação, com o qual um computador se torna um aparato do tamanho do mundo.

Precisei estar conectada para me comunicar, primeiro no Norte, na verde Amazônia, e depois em diferentes cidades de Brasil até chegar ao Sul, às terras gaúchas. Em diferentes lugares, eu senti que a questão de infraestrutura e geografia é

---

[6] 'Sulteada', parte das palavras que foram surgindo no decorrer e refletir de minhas descobertas. Entres minhas reflexões me perguntando "porque não existe um oposto a expressão *nortear?*"

No espaço de fluxo das redes circulam basicamente informações, que podem ser conectadas como se apresentam mixadas, recortadas, combinadas, ampliadas, fundidas, de acordo com os interesses e as necessidades de quem as acesse. Além disso, esse novo espaço pode ligar-se ao espaço físico, estabelecendo as mais variadas e amplas recombinações organizações, que se esforçam para acompanhar a flexibilidade e velocidade de suas alterações e movimentos. No entanto, essas pessoas vivem no mundo físico, o espaço dos lugares, e não consegue garantir ás suas vidas as características do espaço de fluxo, embora tentem. A nova lógica das redes interfere nos modos de pensar, sentir, agir, de se relacionar socialmente e adquirir conhecimento. Cria uma nova cultura e novo modelo de sociedade. (MOREIRA, 2007, p. 40).

importante para o propósito de comunicar-se. O nível de acesso foi sendo verificado pela importância das cidades, mais ou menos fácil. No entanto, o básico sempre estava disponível, quero dizer, um celular facilita a conexão sempre, com um celular na mão, o tema de minha pesquisa tinha sido escolhido.

No projeto de dissertação, tentei pôr em comunicação o Norte e Sul do Brasil por meio do diálogo entre jovens, para que eles pudessem contar suas histórias, seus saberes uns aos outros e interagissem, se surpreendendo ao ver realidades distantes e diferentes, geograficamente, mas ao mesmo tempo tão parecidas, tão cheias de Vida.

O esforço nesta pesquisa se concentra em propor 'um diálogo entre duas essências' que, surpresas pela possibilidade de se encontrar num espaço comum que oferece a internet, tentam aproveitar esta ferramenta para se beneficiar, se comunicar, compartilhar, ensinar e aprender mediados pelo mundo. Refletir coletivamente sobre a possibilidade de efetivar uma ação dialógica, no que Paulo Freire descreve tão charmosamente no seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1987).

Na atualidade, os jovens têm novas exigências, como defende a Unesco (2017, p.10): "precisam ter certas competências-chave que lhes permitam participar de forma construtiva e responsável no mundo de hoje". Nesta dinâmica percebo e concordo com que "não é possível ensinar competências, elas têm de ser desenvolvidas pelos próprios educandos. Elas são adquiridas durante a ação, com base na experiência e na reflexão" (UNESCO, 2017, p. 9).

No percurso deste recorrido, reconheço as possibilidades de uma aprendizagem na interação[8] por meio de telas, fora e dentro da escola, o que é importante e necessário para desenvolver nos jovens a socialização, o compartilhar,

> a capacidade de analisar questões globais e interculturais de forma crítica e de várias perspectivas, para entender como as diferenças afetam as percepções, os julgamentos e as ideias de si e dos outros, e envolver-se em interações

[8] "A interação proporcionada pelas "telas" amplia as possibilidades de comunicação como outros espaços do saber. As informações fluem de todos os lados e podem ser acessadas e trabalhadas por todos: professores, alunos e pelos que, pelos mais diferenciados motivos, se encontram excluídos das escolas e dos campus: jovens, velhos, doentes, estrangeiros, moradores distantes, trabalhadores em tempo integral, curiosos, tímidos, donas de casa... pessoas" (KENSKI, 2003, p.101).

> abertas, apropriadas e efetivas com outros de diferentes origens, com base em um respeito comum pela dignidade humana (OCDE, 2016, p. 4).

E depois de ter o privilégio de interagir com professores e jovens da Amazônia, perto de muitos rios, me lembro da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jacinto Garcia, que fica na orla do Rio Tentém, um rio calmo e grande no interior de Cametá, interior do estado de Pará. Depois de uma longa viagem, cheguei à escola EMEF São Paulo, na margem do Rio Pardo, no interior de Candelária, interior do estado de Rio Grande do Sul.

Estes interagires foram cheios de cores, sabores, abraços e relações reais que se mantêm vivas por meio da tecnologia que permite esta ‘conexão’. O último ‘vivo’ encontro foi com pesquisadores catarinenses, que pertinho do mar, na capital de Santa Catarina, se esforçam por uma melhor educação, problematizando os efeitos da tecnologia na sociedade, tema que nos une no grupo de pesquisa Educom Floripa.

Finalizo aqui o intento de cartografar meu memorial, avistando um território que está se configurando como um mar tão grande para mim que temo naufragar. Nos naufrágios, porém, é que também podem se achar outros tipos de encontros e desencontros, isso por si só já é um bom motivo para continuar. Parti de meu país com a convicção de que voltarei para compartilhar o vivenciado, ensinar, fazer conexões e comunicar. Levada pelos fortes ou delicados fluíres da vida, foi que cheguei ao Brasil, país que admiro e que me surpreende dia após dia. Foi assim que, com uma coragem permeada de medos, querendo vencer temores internos para compartilhar meus saberes e aprender dos saberes dos jovens brasileiros e suas histórias é *Que De rio em rio, cheguei ao M@r.*

Neste ponto descobri que eu não escolhi...
meu tema de pesquisa,
ele me escolheu.
Marianela L.

Fluindo até chegar: avistando o final

Retornando aos atores principais desta ação dialógica, os jovens e as professoras das escolas participantes deste processo, propõe-se um diálogo de sentidos e saberes de coletividade no princípio da complementaridade de práticas ambientais, como defende Leff (2013).

A partir de alguns indicadores de diálogo como a necessidade de horizontalidade (BUBER, 2006 [1979]) e ação dialógica (FREIRE, 1987) e habilidades a ser desenvolvidas nos jovens como aprender a falar, a ouvir e a respeitar se realiza uma análise de conteúdo das reações que provocaram as interações dos jovens com e sem intervenção das professoras e pesquisadora.

Este alvo é interessante e trabalhoso sabendo que os jovens têm a motivação inicial e que se tem que aproveitar cada oportunidade para agir nas conversas, as que se podem tornar em diálogos, considerando as características de uma ação dialógica e comprovando os indicadores que o corroborem.

Aproveitando recursos que oferecem o *Facebook*, como o *chat*, que permite uma comunicação síncrona e assíncrona, um interacionar-se e um conhecer-se entre as professoras, os jovens e a pesquisadora. Esta possibilidade de expressão, com o máximo de liberdade que permite o espaço gerado com pessoas, tem como fim comum o de conhecer a outra região distante geograficamente, culturalmente e nos seus meios ambientes em geral. Toda esta movimentação mexe em cada um dos atores participantes.

Tão importante como esta deslocação virtual com recursos digitais que permite esta interação é relatar a movimentação que tive que fazer como pesquisadora, conhecendo rotas e travessias objetiva e subjetivamente, mas como contar todo o vivido? Como contar todo o dialogado?

Na tentativa de pôr em palavras o vivenciado se apresenta um desafio, que se descreve e analisa no capítulo 3, aqueles agires posteriores ao planejamento com as professoras, o que era factível de se fazer, os refletires sobre o ocorrido, do início até a finalização da pesquisa. Dessa maneira, semelhante a um barco que chega a um porto,

se apresentam os resultados desta pesquisa de mestrado, em que os aprendizados são compartilhados e isto não significará o final das relações feitas, do território virtual alcançado e do espaço apropriado.

Dando continuidade aos fatos da investigação, nos passos que são precisos para cumprir a pesquisa-ação, como observar, planejar, agir, refletir… observar, refletir, agir novamente, se faz um relato desta movimentação dentro da rede. Assim, o leitor terá a um panorama completo nos capítulos 3 e 4 deste documento.

Em julho de 2017, foi criado um grupo fechado no *Facebook* intitulado “De Cá pra Lá”, um nome decidido coletivamente pelos jovens. O nome do grupo surgiu, incialmente, dos jovens da região Sul e todos gostaram da proposta, os jovens da região Norte acharam uma proposta muito criativa. Os membros do grupo eram cinco alunos de cada escola, informação descrita com detalhe no capítulo 3. Primeiramente, os alunos do Sul e do Norte se apresentaram através de vídeos postados no grupo entre julho e agosto de 2017.

Na sequência, em agosto, foi criado o chat de conversas no *Messenger*, que é o aplicativo do *Facebook* para conversas instantâneas. O nome do chat é o mesmo do grupo fechado: “De cá para lá”. A partir da criação desse chat, iniciaram-se diversas comunicações espontâneas entre os jovens, o que permitiu o segundo momento da planificação da pesquisa: gerar a situação-limite a partir das curiosidades e perguntas que tem entre eles. Estas conversas foram ilustradas e transcritas no capítulo de análise de dados, e trazem temáticas diferentes na liberdade dos jovens conversarem, apontar suas curiosidades ou simplesmente ‘*chatear’*.

Já no mês de outubro de 2017, os jovens ingressaram na última atividade da pesquisa, cuja instrução final, era que eles poderiam escolher uma das perguntas feitas na etapa anterior e responder de maneira que acharem melhor, fazendo uma minirreportagem, com os recursos que achassem disponíveis e seguindo as instruções (apresentadas no Apêndice B).

Serão os dados reconectados e o seu conteúdo os que foram analisados de maneira minuciosa fazendo dos indicadores de diálogo nosso guia neste caminhar. O

resultado desta análise permitiu a confirmação ou não da hipótese proposta e este movimento traz consigo a possibilidade de refletir o que se gerou nos jovens neste intento de diálogo.

Finalmente, se pretende enviar a cada uma das escolas participantes os resultados desta análise, para se tornar um apoio no seu labor de educar, que nestes tempos de grande movimentação é um desafio pelo grande cenário que a tecnologia está propondo à sociedade. Espero que esta pesquisa seja de utilidade para todos os atores envoltos e devolvendo o apoio inicial dos jovens, das professoras e diretores das instituições participantes.

Antecedentes e delimitação de tema de pesquisa

Que valor se deu aos saberes da juventude ao longo da história? Onde nasceu esse interesse pela tecnologia dos jovens hoje, estão se afastando mais e mais da natureza? Desde o século XVI, através do conhecimento adquirido ou descoberto, a ciência tentou responder às perguntas do homem sobre a natureza e tentou resolver todos os seus problemas. O saber ambiental, não necessariamente relacionado à ciência, sempre esteve presente na vida do ser humano, por exemplo, aplicado no cuidado da terra ao longo da história em muitas culturas.

Hoje, no século XXI, se tem um problema que está levando o ser humano a considerar muitas coisas até mesmo seu próprio comportamento e pensamento. É a chamada crise ambiental, que não é uma crise ecológica, porque não vem de uma história natural, como afirmou Leff (2007), mas uma doença da terra que está sendo causada pela ação humana.

Esta problemática afeta constantemente ao ser humano e o levou a reconsiderar seu comportamento e sugerir novas formas de pensar, a parar de negar a natureza, promovendo uma reflexão sobre as coisas, sua essência e sentido de ser. Neste processo, o mundo procura respostas na interdisciplinaridade no diálogo sobre as suas questões atuais, em que novos conhecimentos são apreciados, como explica Delgado (2010, p. 29): "Entre los elementos básicos del saber nuevo se encuentran el

reconocimiento de la necesidad de un diálogo entre científicos y no científicos; entre el saber científico y otros saberes; la urgencia del cambio en el objeto de la ciencia".

Assim, experimentar o diálogo entre as diferentes formas de conhecimento científico com o conhecimento ancestral, local e da comunidade poderia ser uma ferramenta valiosa para construir pensamentos e atitudes significativas para seus atores e permitir a construção de uma realidade atual diferente.

Precisa-se abordar a necessidade desta mudança no pensar e agir do ser humano, devido aos transtornos que se vê no meio ambiente e que surgem de seu comportamento. Quando se fala sobre a relação entre os seres humanos e a natureza, há uma urgência de um diálogo com a natureza, e devemos reconhecer que ele não é o único ser criativo, mas a natureza tem criatividade, no dizer de Delgado (2010).

A este respeito, a educomunicação propõe a criação de conteúdos educacionais que possam disseminar e facilitar a aproximação e intercâmbio de informações, quer dizer, um conteúdo que comunique e eduque usando as ferramentas e recursos oferecidos pela tecnologia. Propósitos comuns podem alcançar um movimento social e mudança de atitude coletiva em que os limites e as fronteiras físicas deixaram de ser limitantes, porque a internet tem a capacidade de abranger essas barreiras, como em uma “fundamentación teórico-práctica de un diseño educomunicativo ambiental orientado a establecer esa comunicación dialógica y transformadora del ser humano con su entorno, en una práctica pedagógica que humanice” (BASTO, 2011, p.43).

O aporte de Basto (2011) é importante e significativo, pois faz um estudo das propostas de autores, como Freire, Rousseau, Buber e Freinet, entre outros pedagogos influentes, que nos seus estudos se focam em dimensões comunicativas e de relações interpessoais e também com o planeta.

Na realidade de uma sociedade global se acham seres humanos individualistas e indiferentes ao outro que precisam ter uma mudança de sua forma de pensar e agir, coerentes com seu entorno, seu ambiente, usando para este propósito as tantas ferramentas que a tecnologia tem facilitado.

Na internet se pode ter acesso a muita informação de maneira permanente e instantânea, o que provoca as aprendizagens ubíquas[9] com,

> O aumento do uso de dispositivos portáteis, juntamente com a rede sem fio onipresente, significa que as oportunidades de aprendizagem estruturada estão-se tornando uma **empresa** "a qualquer hora, em qualquer lugar". Falamos sobre essa mudança em termos de ubiquidade: a divisão tradicional entre os contextos formais e informais de aprendizagem é quebrada. Mudanças tecnológicas, sociais, culturais e institucionais significam que a aprendizagem é uma possibilidade contínua. (BURBULES, 2014, p.2).

Na atualidade, esta aprendizagem 'estruturado a qualquer hora e lugar' está se tornando uma empresa, como refere Burbules (2014), que corre risco de dar continuidade à chamada "educação bancaria", no dizer de Freire (1996), em que o aluno, visto como um objeto não sujeito de um ato educativo, é um depósito de informação do professor. Este é o tipo de educação mercantilista que se destaca um processo de saberes acabados e preconcebidos, que com a tecnologia se difundem e compartilham sem verificar ou refletir criticamente sua veracidade. Gera-se uma preocupação na educação, já que os alunos precisam aprender a usar e se beneficiar desta conjuntura sem se distrair para aproveitar seus efeitos como sociedade. Segundo Irina Bokova, diretora-geral da UNESCO,

> É necessária uma mudança fundamental na maneira como pensamos o papel da educação no desenvolvimento global, porque ela tem um efeito catalisador sobre o bem-estar das pessoas e para o futuro do nosso planeta […]. Agora, mais do que nunca, a educação tem a responsabilidade de se alinhar com os desafios e aspirações do século XXI, e promover os tipos certos de valores e habilidades que irão permitir um crescimento sustentável e Inclusivo. (UNESCO, 2017, p.7).

Neste processo de adaptação, os jovens vão descobrindo e aproveitando estas novas ferramentas oferecidas pela Rede com novas formas de usá-las. Nesta pesquisa, na base freireana, se apontou o *Facebook* de uma maneira crítica, alunos e professoras o usaram sabendo 'o bom e o ruim' deste espaço na rede. Esta mídia ganhou muita popularidade por ser um espaço de socialização por excelência dentro da Internet que

[9] As novas tecnologias permitem que usuários móveis estejam interligados com outros usuários e serviços. A computação ubíqua admite uma maior mobilidade, em que usuários e serviços se encontram em simultâneo na rede, todo tempo.

foi tomada pelo jovem para fazê-lo ‘o seu espaço’ e na sua origem, o *Facebook* foi criado com essa finalidade no sistema educativo, conforme o descrito na seguinte citação:

> O Facebook foi criado em 2004 por Mark Zuckerberg, como rede privada universitária, sendo que no início só podiam criar perfis os alunos das universidades admitidas na rede. Em 2006, com a abertura da rede a todos os internautas, o Facebbok experimentou um período de expansão e, depois de algum tempo de maturação, o seu poder atrativo e catalisador veio a contribuir para que cada vez mais jovens adiram a esta rede social. Tirando partido desta crescente popularidade junto dos jovens, os professores têm procurado explorar as possibilidades educativas desta rede. No em tanto, tem se revelado um desafio [...] aproveitar esta tecnologia da Web 2.0 para construir novos ambientes de aprendizagem estimulantes. (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014, p.75).

Como um precedente importante e uma razão desta pesquisa é o fato de que, atualmente, estabelecimentos de ensino têm a impressão de que o uso da rede social *Facebook* é prejudicial por vários motivos e é proibido utilizá-lo, o que também traz diferentes reações negativas dos jovens, além disso, se perde a oportunidade de aproveitar os benefícios desta poderosa ferramenta de comunicação com inegável influência na educação.

Esta pesquisa propõe a criação de condições para a apropriação, dos jovens participantes, da tecnologia (não unicamente no seu acesso, mas também de seus usos) mediante o aproveitamento de um espaço digital onde possam se encontrar, se expressar e compartilhar suas distantes realidades, isto através da ação e reflexão que surge nas interações entre os participantes.

A teoria é articulada e praticada permitindo a professores e alunos formarem parte de um ato dialógico, em que o aluno é colocado como protagonista da sua aprendizagem, compartilhando saberes ambientais com a possibilidade de ser coprodutor de novos conhecimentos não percebidos, a partir das experiências e reflexão de suas realidades.

Na intenção de delimitar o tema de pesquisa apresenta-se uma contribuição de diálogo de conhecimento ambiental por meio de uma comunidade virtual, a rede social *Facebook* entre jovens do Norte e do Sul do Brasil. A análise da informação recolhida irá mostrar como essa interação pode ser um aporte e seu subsequente impacto na escola.

Nesse sentido, será necessária uma reflexão inicial sobre a concepção de uma comunidade virtual através de uma mídia social, *Facebook*, que propõe um diálogo de saberes ambiental entre os jovens estudantes de duas escolas em diferentes regiões geográficas, Norte e outro no Sul do Brasil. Pretende-se identificar e avaliar quais são as contribuições que possam surgir a partir deste diálogo para apoiar uma proposta de formação on-line em Educação Ambiental e uma consciência ambiental que respeite o meio ambiente, o que também se traduz em respeito e valorização de suas culturas.

Este estudo centra-se no diálogo entre os alunos do Ensino Fundamental de quatro escolas em duas regiões geograficamente diferentes: Norte e Sul do Brasil, membros de uma comunidade virtual no Facebook, criada como um espaço digital sempre acessível para todos os interessados no tema da pesquisa. Esta ação na educação é importante porque, como defende Freire (1973, s.p.): é necessário propor espaços de diálogo de conhecimento que possam gerar "uma educação transformadora".

Como *lócus* do objeto de observação na pesquisa foi criado um Grupo no *Facebook*, espaço digital na rede que permite o encontro dos jovens vencendo barreiras das distâncias. O *Facebook* foi a plataforma escolhida porque é a mídia que hoje "faz parte do entendimento de como as novas tecnologias de comunicação estão influenciando e mudando a socialização das pessoas" (RECUERO, 2001, s.p.). Neste espaço digital, sucede-se um diálogo de ações, reações e interações dos participantes pela publicação de informação e o conteúdo que é produzido por eles, é o material analisado.

Os atores principais desta pesquisa-ação são os jovens, professora e pesquisadora, descritos da seguinte forma: a) cinco alunos da escola EMEF Prof. Jacinto Garcia, no Rio Tentém, b) cinco alunos da escola EMEF Jadielson de Souza Moraes, na Ilha de Pacovatuba, ambas no município de Cametá, estado de Pará, Norte do Brasil; c) cinco alunos da EMEF São Paulo; d) cinco alunos da escola Professor Penedo, as duas no município de Candelária, no estado do Rio Grande do Sul, Sul do Brasil; e) duas professoras: uma do Norte e outra do Sul de Brasil; d) a pesquisadora.

A partir da interação entre grupos de estudantes e professoras, a tarefa neste estudo é descobrir 'o que emerge do outro', para entender as diferentes realidades e,

portanto, refletir e atuar novamente como o método pesquisa-ação propõe: "Planeja-se, programa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação" (TRIPP, 2005, p. 446).

As Tecnologias de Informação e Comunicação inseridas no contexto atual estão ligadas ao ciberespaço todos os dias dentro e fora da escola. Os professores confrontam situações na sala de aula através de ações sobre o ensino do uso da tecnologia (como ferramentas de pesquisa, de comunicação, de informação e não somente como entretenimento) que oferece a rede e que estão sendo mais usados pelos estudantes em suas vidas diárias. O acesso tecnológico oferece todo esse cenário que permite a interação dos jovens e sua relação com os outros e com seu ambiente.

Localização e cenário tecnológico das escolas participantes

Na região Norte de Brasil se encontra o estado de Pará, um de seus municípios é Cametá, com o Rio Tocantins e ilhas na sua geografia, entre elas estão a Ilha Tentém e a Ilha Pacovatuba, onde estão duas escolas participantes da pesquisa que são descritas e abordadas com detalhe no seguinte capítulo.

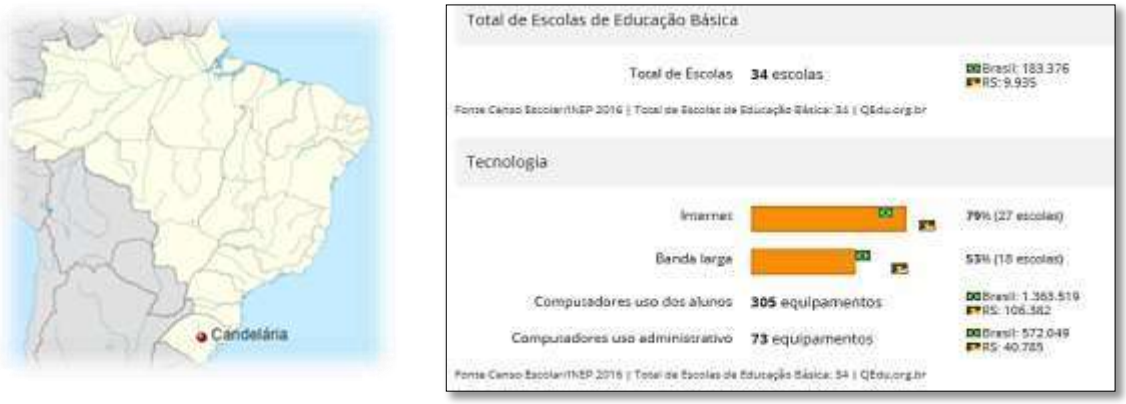
Figura 1. Localização e tecnologia de escolas de Educação Básica de Cametá, Pará

Fonte: http://www.qedu.org.br/cidade/859-cameta/censo-escolar

O número de escolas com acesso à tecnologia depende da cercania do centro do município. Esta realidade educativa está presente tanto em Cametá como em Candelária, município do Sul brasileiro, com o Rio Pardo, na sua geografia, é ali onde se encontram as outras duas escolas participantes.

As figuras 1 e 2 particularizam as regiões participantes da pesquisa, é importante considerar que o estado do Pará é bem maior em extensão do que o estado de Rio Grande do Sul, a equipe da organização *QEdu* difunde e processa dados educacionais, e as imagens apresentam os resultados do censo escolar recente.

Figura 2. Localização e tecnologia de escolas de Educação Básica de Candelária, Rio Grande do Sul



Fonte: http://www.qedu.org.br/cidade/859-candelaria/censo.

Segundo os dados do Censo Escolar feito pela INEP no ano de 2016, 28% (63 escolas) do total de escolas tem o serviço da internet instalado em sua infraestrutura, e só 11% (25 escolas) tem banda larga localizadas geralmente nas áreas urbanas. Dados do norte?

Na região Sul, devido a sua extensão, se tem 34 escolas de Educação Básica, com 79% (27 escolas) com serviço da internet instalado na sua infraestrutura, e 53% (18 escolas) tem banda larga. Estes dados são uma amostra de que as conexões são desiguais e dependem de muitos fatores.

Com este panorama das escolas e dos jovens alunos foi possível continuar com uma visão do cenário dos sujeitos participantes da pesquisa. É significativo ter em conta a cultura de cada região, as peculiaridades, as geografias e as acessibilidades. No estado de Pará por ser na região amazônica, área de grandes rios, a energia elétrica, muitas vezes, é oscilante, melhora nos centros urbanos, como a cidade de Cametá, mas no interior o acesso é inconstante e depende de muitos fatores.

O município gaúcho de Candelária tem como característica a forte presença de costumes germânicos por causa da sua colonização, sendo comum encontrar pelas ruas pessoas falando alemão, esta região tem uma história que se conserva até hoje, ali a acessibilidade é bem melhor pela geografia amigável, ou seja, com rios e cerros que cooperam com a conexão elétrica e de internet.

Justificativa

É de grande relevância a produção de conhecimentos a partir de um diálogo de saberes e troca de conhecimentos, assim, esta pesquisa é uma alternativa de desvelamento do problema de uma comunicação que precisa melhorar, o mau uso das ferramentas que oferecem a internet, que são cada vez mais numerosas e mais frequentes, daí a necessidade de abordar as conectividades e suas implicações na educação.

Por isso, com rápido avanço da tecnologia, precisamos transformar a nossa relação com um mundo que se faz diferente a cada curto espaço de tempo. Se considerarmos que uma das tecnologias de maior impacto – a internet – está cada vez mais presente na vida de alunos e professores, também são necessárias transformações na educação, pois o ideal é que seus processos acompanhem essa evolução.

É assim que no âmbito acadêmico, em relação ao conceito de "diálogo de saberes" como parte de uma educação transformadora, como defendia Freire (1973), se permite transformar assim a realidade ou, pelo menos, o pensar dessa realidade. É por isso que é considerada por muitos investigadores como um mecanismo transformador, pois promove uma mudança de atitude, uma mudança de pensamento, para que o novo agir como humanidade seja coerente, em que é necessário compartilhar e saber que nada somos sem os demais e nada seríamos sem a Terra que habitamos.

Desse modo, este projeto de pesquisa busca participar, refletir sobre a realidade dentro das redes sociais, que por meio de uma pesquisa-ação gerará diálogos sobre saberes ambientais, se demonstra que é possível um diálogo produtivo e educativo por meio de uma comunidade virtual que gera respeito como um valor ubíquo, em todo tempo e em todos os espaços, tanto reais como virtuais.

O tema se justifica pela necessidade de problematizar todo o impacto que têm as redes sociais na realidade dos jovens e na sociedade em geral, e como esta ferramenta pode ser bem ou mal utilizada. Vendo isto nem sempre como um problema, mas também como um desafio para os atores envolvidos neste processo através da prática inovadora: os jovens, os professores, as escolas e a universidade.

Ressalta-se que os benefícios, da perspectiva da pesquisadora e das professoras, são importantes tanto para os jovens como para os professores porque fazem a

diferença com seu agir em uma rede social, a qual já é parte de seus cotidianos. O fato de ser um projeto que coloca em contato jovens que estão geograficamente distantes é, em si, motivador, fazendo com que eles queiram e gostem de participar desde o momento em que se propõe a pesquisa e esse é um fator que influenciará no processo e nos resultados da pesquisa.

Entre os benefícios que podemos indicar está a troca de conhecimento sobre aspectos culturais e geográficos regionais e a possibilidade de se comunicar com outros jovens, trocando experiências e aprendendo de modo coletivo.

Uma possível forma de visualizar os sentidos das diferentes dimensões deste cenário e contexto gerado na escola será acionar os hábitos que vão se gerando de modo "individual e coletivo", as relações de amizade, colaborativas, pedagógicas, e outras que se tem que ajustar na escola as regras estabelecidas pelas suas políticas educativas.

Pondo o olhar no ambiente escolar achamos um lugar onde as relações são tão diversas como diversos os muitos universos se encontrando e interagindo com um objetivo comum: o aprendizado, no entanto, com outros interesses perceptíveis ou não. Ali, alunos e professores na procura de seu avanço na sociedade e exigências acadêmicas, se veem envolvidos em processos que vão definindo uma cultura influenciada pela midiatização por tudo o que oferece a internet, o que com certeza afeta a vida escolar em geral.

Esta pesquisa propõe a afirmação de que "*é* possível uma ação dialógica" entre jovens do Norte e Sul do Brasil por meio da mídia social *Facebook*, que gera conhecimento, entendimento, colaboração, união, organização e uma síntese cultural entre jovens de escolas dos municípios de Cametá e de Candelária, na região Norte e na região Sul do Brasil, respectivamente, é corroborada neste escrito.

No processo de pesquisa surgem os objetivos, a se procurarem ao longo da pesquisa, o principal é 'verificar se a mídia social *Facebook*, como um meio de comunicação entre jovens, é um espaço digital com o qual se possa gerar uma ação dialógica de saberes ambientais de alunos de Ensino Fundamental de quatro escolas do

Norte e Sul do Brasil, ou melhor, duas escolas de Cametá, Pará e duas da Candelária, Rio Grande do Sul.

Entre os objetivos secundários se acha importantes aprendizagens e percepções como as de compreender as proximidades culturais e educacionais de Cametá, Pará com Candelária, Rio Grande do Sul, a partir dos jovens participantes, seus diálogos e interações. Ao se descreverem os panoramas do Norte e do Sul brasileiro em relação às tecnologias da comunicação e da informação (disponibilidade de infraestrutura e acesso dos jovens participantes) se efetiva outro objetivo.

Tabela 1 – Utilização das redes sociais por alunos brasileiros

RECOLHER FILTROS

Ano

2016

Indicador (ALTERAR)

E6 - PROPORÇÃO DE ALUNOS, POR REDES SOCIAIS UTILIZADAS

Categoria Marcar/Desmarcar todos

(+)Instagram

E6 - PROPORÇÃO DE ALUNOS, POR REDES SOCIAIS UTILIZADAS

Categoria	Facebook				WhatsApp			
Subcategoria	Sim	Não	Não sabe	Não respondeu	Sim	Não	Não sabe	Não respondeu
– TOTAL								
Total	82	18	0	0	80	20	0	0
– SÉRIE								
2º ano do Ensino Médio	93	7	0	0	92	8	0	0
4ª série/5º ano do Ensino Fundamental	58	42	0	0	60	40	0	0
8ª série/9º ano do Ensino Fundamental	92	8	0	0	87	13	0	0
– SEXO								
Masculino	81	19	0	0	78	22	0	0
Feminino	82	18	0	0	82	18	0	0

(1) Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras - TIC Educação 2016

Fonte: Lucena, 2016 (Por questões de arredondamento, a soma dos resultados pode não totalizar 100%).

Explicitam-se as possíveis contribuições e recursos que podem fazer que o aluno, membro da comunidade virtual *Facebook*, interaja e gere um diálogo de saberes ambientais. Que sentido teria um diálogo por meio do *Facebook* na escola e qual seria a contribuição para o campo educacional? Apresenta-se o problema e a contribuição da pesquisa respondendo a perguntas fundamentais: Como se descobre qual o sentido de uma ação comunicativa realizada pelos jovens nas redes sociais, no caso no *Facebook*?

O jovem, aluno ao mesmo tempo, na sua necessidade de se relacionar com os seus semelhantes, com o seu ambiente, que sentido acha na possibilidade que lhe oferece a tecnologia, por meio das mídias, neste tempo de mudanças constantes? Que sentido tem procurar um diálogo de seus saberes ambientais nestas condições e neste contexto?

Na procura de responder estas e outras questões, os pesquisadores sociais no campo da educação tiveram que conhecer a realidade das relações entre os jovens e as mídias nestes dias, dentro e fora da escola. Estudos recentes indicam que

> Os jovens são os sujeitos que se veem mais cotidianamente afetados pela midiatização em seus mapas de referências culturais e identitários. Eles *navegam* em rotas que se cruzam, entre espaços midiáticos e escolares, promovendo trocas e interações (extensas e intensas, de inclusão e/ou exclusão) entre virtualidades e realidades cotidianas, identificando-se com diferentes papéis sociais e grupos de relacionamentos, como as inscrições de perfis de suas turmas escolares. (SOUSA; LEÃO, 2016, p. 298).

Na escola, alunos interagindo através das mídias já não é novidade, ainda mais importante a se considerar é “o fato de que os alunos, ao mesmo tempo em que rejeitavam o ofício de aluno na sala de aula, o reproduziam no espaço on-line” (SOUZA; LEÃO, 2016, p. 299). Um adequado diálogo de saberes na escola, com a rede social *Facebook* como meio de comunicação, que facilite e vença as barreiras das distâncias geográficas, tem um aporte na relação entre os atores educativos que se traduz em um incremento de liberdade de expressão para geração de conhecimento, valorizando o que cada um é, quer aprender ou pode ensinar sobre seu ambiente.

Isto será detalhado no item do Referencial Teórico, considerando que a essência de uma educação dialógica é principalmente o fato de ter a predisposição para um diálogo (FREIRE, 1987) ou uma adequada comunicação de um ‘Eu e Tu’ e um ‘Eu e Isso’ (BUBER, 2007).

Para o pessoal que trabalha e tem contato como os jovens nas escolas, tanto para professores como administradores, se tem convertido em um desafio ver o *Facebook* como algo positivo, pois se trata de uma rede social que causa distração e gera outros questionamentos que não são mal fundamentados. Os jovens, mediatizados, tem este espaço digital como um lugar de encontro onde podem trocar seus aprendizados,

compartilhar temas de estudo, acessar conteúdos escolares e fazer juntos suas tarefas colaborativamente e coletivamente, esta é uma vantagem que a escola pode aproveitar na sua função de educar.

Muitas são as coisas que se perdem ou se sacrificam se não se consideram os saberes dos jovens influenciados pelas mídias e a habilidade que eles têm ao publicá-los nas redes sociais, como mostram os resultados de a pesquisa: “Ser Jovem e Ser Aluno: entre a escola e o Facebook” feita em escolas públicas e privadas de Brasil na quão, “de forma geral, os jovens pesquisados nos indicaram que essa nova ambiência comunicativa inaugura novas formas de produzir e processar saberes favorece novas formas de interação e remodela os modos de ser jovem-aluno na contemporaneidade” (SOUSA; LEÃO, 2016, p. 300). A interação entre jovens-alunos e o contexto midiático contemporâneo precisa ser compreendida e isso requer esforço.

O Brasil é um país que tem muita população jovem e, além disso, a sua população é uma das mais conectadas na internet, com mais de 100 milhões de usuários (quantidade já ultrapassada segundo estatísticas da CETIC.br citadas por Lucena (2016), precisa-se de estratégias educomunicativas, quer dizer, práticas aplicando os princípios da comunicação na educação que apoiem uma boa utilização desta tecnologia e seu aproveitamento na escola.

Neste contexto, os jovens têm tido uma grande oportunidade de achar um lugar, espaço ou ambiente onde podem se expressar livremente, encontrar-se ou reunir-se digitalmente. Assim, a pesquisa feita por Sousa e Leão (2016) mostra uma realidade não só de relacionamento entre jovens, mas também com os aparelhos oferecidos pelo mercado tecnológico:

> [...] os jovens falaram claramente de suas preferências por marcas e empresas, comentaram diferenças de gêneros televisivos, exploraram os vários tipos de aplicativos e funções dos aparelhos digitais; e disseram preferir aparelhos convergentes e televisão a cabo. Esses dispositivos incidiam com grande centralidade na percepção de si e de suas relações, como revelaram alguns depoimentos: "Eu e meu *iphone* temos uma história de amor" (Entrevista com Lorena, escola particular, 2012; "Meu *iphone* é tudo na minha vida" (Irene, escola pública, 2012). (SOUSA; LEÃO, 2016, p. 287).

Jovens e a sociedade em geral, tem dado importância às mídias no seu dia a dia,

até afetiva, que só se aproximando a esta geração é possível entender a definição de "geração digital" (TAPSCOTT, 2010) ou a de "nativos digitais" (PRENSKY, 2001), conceitos (os quais propõem uma maneira de pensar a construção da subjetividade do sujeito, que em determinado tempo e contexto apresentam determinadas características) em constante debate ao longo dos últimos anos. Este comportamento em diferentes faixas etárias será um indicador e um bom ponto de partida para os pesquisadores sociais que se dedicam a projetos educativos na atualidade.

Estruturação da Dissertação

O capítulo 1 começa trazendo uma reflexão de cunho histórico sobre a relação do homem com a natureza, ou seja, sobre a natureza como parte da história do ser humano. Assim se justifica o tema da pesquisa, os objetivos, a metodologia para a coleta de dados e a forma pela qual serão analisados. Fazendo uma contextualização, se descreve o Brasil como um país muito rico na sua geografia, na sua cultura e com jovens que se interessam pelo que a tecnologia oferece sem parar para pensar criticamente.

No capítulo 2 se apresenta um referencial teórico baseado no diálogo entre autores reconhecidos pela sua trajetória e reflexões, começando pela definição de concepção da pesquisa, e se continua com o significado de Diálogo na essência da educação que Freire (1987, s.p.) descreve como: "A dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade".

Na continuidade, se define e categoriza Diálogo de Saberes Ambientais, considerando-o como uma ponte para políticas ambientais e implícito na educomunicação ambiental. Na base freireana, se predispõe um diálogo entre o Norte e o Sul do Brasil: desde sua geografia até sua tecnologia, onde geograficamente se avistam rios grandes e rios pequenos, por outro lado tecnologicamente se vivenciam conexões fácies e difíceis. Mas, onde estão as fronteiras? A geografia que o ser humano propõe para descrever este mundo, talvez também tenha a resposta a esta questão.

Dialogando sobre os conceitos do Ser, da Tecnologia e da Rede com A. V. Pinto, um olhar na perspectiva do Brasil e com P. Levy, com uma perspectiva internacional. Logo se realiza uma prática como proposta no livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo

Freire, detectando a situação-limite nas escolas escolhidas. Finalmente, os espaços digitais e redes sociais se definem como meio de um possível diálogo, que ao aproveitar os recursos que tem para a interação e interatividade, viabilizam a aprendizagem cooperativa e colaborativa num ambiente que os jovens gostam e que nesta pesquisa se descreve como 'nosso espaço na rede'.

O capítulo 3 apresenta a 'rota de navegação' do processo da pesquisa que se movimenta desde instruções, ações, reflexões, planejamentos e estes passos são enriquecidos pela experiência dos jovens e professoras ante cada momento da pesquisa. Cada postagem, comentário compartilhado e, especialmente, as minirreportagens feitas são dados importantes, no entanto, pela quantidade de dados se selecionou os mais marcantes para este documento. É a partir do Norte que começa o fluir da vida até um histórico Sul que marca um destino. São os rios, seus meandros, correntezas e redemoinhos que se representam as relações e amizades feitas ao longo deste tempo.

Contém também a descrição de dados das instituições participantes, a descrição das reações e participação de cada jovem participante, os diálogos entre jovens e professoras no grupo do *Facebook* 'De Cá para Lá' através das postagens e no chat. A análise de conteúdo é feita com o detalhe que requer cada saber compartilhado, curtido e dialogado. Além disso, descreve-se as contribuições e decisões tomadas em conjunto, as instruções e a realização das atividades.

Finalmente, considera-se uma reflexão da análise de dados em diálogo com os indicadores propostos pelos autores já mencionados. O resultado da pesquisa se mostra numa empiria valiosa para propostas para o uso de redes sociais, estratégias educomunicativas, interações biorrizomáticas e outras tantas possibilidades. Enfim, depois de uma pesquisa-ação que abarca lugares que não se conheceriam se não fosse através deste espaço na rede, se escreve e descreve o vivenciado e suas contribuições, mesmo assim não deixam de surgir novas perguntas que representam uma dissertação que se estende a novos desafios acadêmicos.

1 DA IDEIA ATÉ A PROPOSTA: O RIO AVISTA O SEU HORIZONTE

"Eles, [os jovens] navegam em rotas que se cruzam, entre espaços midiáticos e escolares" (SOUSA, 2016)

"Neste lugar de encontro não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos, há homens que, em comunhão buscam saber mais". (FREIRE, 1987)

1.1 ABORDAGEM E METODOLOGIA DA PESQUISA

No contexto já descrito, cenário social, comunicacional, educacional e digital se elegeu em primeira instância a Pesquisa de Campo, já que as perguntas estão direcionadas aos atores da educação (alunos, professores e diretores das escolas). Adotou-se o enfoque qualitativo pela "necessidade de investigar os fenômenos educacionais em toda a sua complexidade e em contexto natural" (TEIXEIRA, 2005), enfoque que é proposto por Bogdan e Biklen (1994) seguido no Brasil por Triviños (1987) e Marli e André (1996). Para esta pesquisa, se usou a metodologia descritiva qualitativa das Ciências Sociais, com os seguintes aspectos definidores,

> Os dados recolhidos sempre serão em forma de palavras e/ou imagens. Os resultados escritos contêm unidades retiradas das falas dos autores, dos diários de observação, de documentos etc. A abordagem qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora de nosso objeto de estudo" (TEIXEIRA, 2005, p.123).

O enfoque de pesquisa escolhido "oferece subsídios de conhecimento geral para orientar a concepção da pesquisa-ação" (THIOLLENT, 1986), método usado para o desenvolvimento da pesquisa. Então se propôs, numa primeira instância, um trabalho Descritivo de Interação no Mundo Digital de dois diferentes grupos de duas diferentes regiões do Brasil, Norte e Sul. No processo, descobrimos que este caminho pode ser enriquecido pelos atores da pesquisa, pelos dados inesperados e até pelo amadurecimento da atuação da pesquisadora.

1.2 DIALOGANDO COM A REALIDADE

Freire (1981) defende em seus escritos a importância de uma reflexão crítica das práticas educacionais, além disso, uma problematização da realidade dos atores envolvidos e do ato em si, isto consolidou a eleição do tipo de pesquisa proposto: a Pesquisa-Ação, que na área educacional propõe o que é defendido por Stephen Corey, na década de 1950: “ouvir dizer o que devemos fazer é muito diferente de descobrir pessoalmente o que devemos fazer” (COREY, 1979, p. 298), pois uma pesquisa-ação,

> [...] que se almeja a autonomia dos sujeitos, mas chama a atenção para o fato de que, assim como a comunidade não tem todas as respostas, os pesquisadores também não, ou seja, deve-se reconhecer a relevância tanto do conhecimento científico, como do conhecimento popular, pois estes não são concorrentes, mas sim complementares” (DEMO, 2007, p.76).

É assim que jovens das escolas participantes, abertos a um diálogo e com a disposição de escutar o que o outro tem para compartilhar (conhecimento popular), com um interesse real de conhecer uma região distante de seu país além do que falam os livros (conhecimento científico), atribuiu sentido a este projeto e a escolha do tipo da pesquisa ganhou vida através de uma interação e troca de conhecimentos e saberes que foram reforçados para que os

> Indivíduos como sujeitos sociais e a tomada de consciência, pois, ao interagir com os pesquisadores e com outras pessoas que vivenciam situações semelhantes, as representações desses sujeitos são reconhecidas ou transformadas [assim, o] uso da pesquisa-ação como extremamente adequada na área da educação, já que ambos processos objetivam estimular a autonomia dos sujeitos, por meio da construção dialógica de saberes (FERRAZ; JACOBI, 2013, p. 169).

Esta construção em conjunto, como atores de um processo educativo que pretende ser dialógico para um maior e melhor aproveitamento das condições que oferece a tecnologia, produziu uma transformação, ainda que mínima, nos jovens participantes, pois através da pesquisa-ação eles foram, a cada passo, participantes ativos da construção de seus próprios conhecimentos através da interação entre eles.

1.3 TIPO E MODALIDADE: PESQUISA-AÇÃO

Os estudos feitos sobre a pesquisa-ação ao longo do tempo são muitos, mas

para esta pesquisa se escolheu a abordagem de Michel Thiollent que a define como:

> Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p.14).

E, segundo estudos de Franco (2005) sobre esta metodologia no Brasil, é possível visualizar três tipos:

> a) quando a busca de transformação é solicitada pelo grupo de referência à equipe de pesquisadores, a pesquisa tem sido conceituada como *pesquisa ação colaborativa*, [...]; b) se essa transformação é percebida como necessária a partir dos trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo, decorrente de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas à emancipação dos sujeitos e das condições que o coletivo considera opressivas, essa pesquisa vai assumindo o caráter de criticidade e, então, tem se utilizado a conceituação de *pesquisa ação crítica*; c) se, ao contrário, a transformação é previamente planejada, sem a participação dos sujeitos, e apenas o pesquisador acompanhará os efeitos e avaliará os resultados de sua aplicação, essa pesquisa perde o qualificativo de pesquisa-ação crítica, podendo ser denominada de *pesquisa-ação estratégica*."(FRANCO, 2005)**.**

De acordo com informações da ação coletadas, a pesquisa realizada tende a ser estratégica porque, a partir da interação entre grupos de jovens e professores, a tarefa neste estudo é descobrir "a imersão de ouvir o que emerge (o outro), se você ouvir melhor ainda acontece de forma profunda" (PANIAGO, 2014). A este respeito, Thiollent (1986) complementa,

> [...] consideramos que a pesquisa-ação é uma estratégia metodológica da pesquisa social na qual: (a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; (b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problema a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação completa, (c) o objetivo de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problema de diferentes naturezas encontrados nesta situação; (d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos em esclarecer os problemas da situação observada; (e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação; (f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou "nível de consciência" das pessoas e grupos considerados (THIOLLENT, 1986, p.16).

E para entender as diferentes realidades dos atores da pesquisa e refletir, e agir novamente como a pesquisa-ação propõe, as etapas se descrevem como: “Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (TRIPP, 2005).

1.3.1 Ciclo da pesquisa-ação

O processo de pesquisa-ação, segundo Lewin, considera três etapas:

> [...] de forma semelhante a um espiral cíclico: 1) planejamento (*planning)*, que envolve o conhecimento e reconhecimento da situação; 2) ação (*action)*; e 3) encontro de fatos (*fact-finding*) sobre os resultados da ação os quais devem ser incorporados na fase seguinte de retomada do planejamento e assim sucessivamente. Dessa forma, por meio desses espirais, as ações tornam-se cada vez mais ajustadas às necessidades coletivas (LEWIN, 1946 apud. FERRAZ; JACOBI, 2013, p. 159).

Neste processo de “reflexão, análise da realidade, produção de conhecimentos e enfrentamento dos problemas” (FERRAZ; JACOBI, 2013, p. 156) se gerou uma dinâmica que para “sua verdadeira efetivação a participação não pode limitar-se a uma simples divulgação de informações, ou ainda a uma consulta popular, mas implica uma postura proativa no processo de tomada de decisões” (FERRAZ; JACOBI, 2013, p.159) dentro do contexto proposto da pesquisa.

É o pesquisador que cumpre um papel importante neste tipo de pesquisa porque ao aplicar todas as etapas do processo também deve procurar e oferecer subsídios que “propiciem a participação dos atores sociais envolvidos em todas as etapas e assegurar o rigor metodológico, o qual favorece o cumprimento dos objetivos propostos (instrumentais, educacionais, científicos, entre outros)” (FERRAZ; JACOBI , 2013, p.60).

1.3.2 Reconhecimento da situação

Um primeiro passo da pesquisa foi explorar o contexto no qual os atores da pesquisa se desenvolveram, o que eles esperavam de uma possível pesquisa da sua realidade e propor um enfoque diferente ao problema que poderia estar afetando seu

cotidiano escolar e procurar novas ações para melhorar este processo, esta etapa se descreve como,

> A fase exploratória [que] consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou "diagnóstico") da situação, dos problemas prioritários e eventuais ações [...] Nos seus primeiros contatos com os interessados, os pesquisadores tentam identificar as expectativas, os problemas da situação, as características da população e outros aspectos que fazem parte do que é tradicionalmente chamado "diagnóstico". (THIOLLENT, 1986, p.48)

Conhecendo as escolas e depois das conversas com os professores e diretores das instituições educativas participantes, foram sendo vencidas barreiras que, às vezes, são provocadas pela distância que impede uma boa comunicação. Assim, foi se definindo o tema da pesquisa e a colocação das questões e, principalmente, estabelecendo a escolha da teoria de uma Ação Dialógica e o que deve ter no plano de Ação para que a hipótese possa ser comprovada ou refutada.

A partir de contatos com professores e diretores, foram escolhidas escolas que contam com acesso à internet e que se mostraram interessadas em participar da pesquisa, as escolas foram a EMEF Professor Jacinto Garcia e EMEF Jadielson de Souza Moraes, com a professora [Prof-N][10], como escolas do estado de Pará.

Na EMEF São Paulo, com [Prof-S], e EEEF Professor Penedo, como escolas do estado de Rio Grande do Sul, com o 8º ano do Ensino Fundamental, esta informação aparece na seguinte tabela.

Tabela 2 – Escolas participantes da pesquisa

GEOGRAFIA	ESCOLA	LOCALIZAÇÃO	ACCESO	ATUALIZAÇÃO
NORTE: Estado Pará, Brasil	EMEF Jacinto Garcia	Rio Tentém, no distrito de Juaba, escola ribeirinha do município de Cametá.	Não tem laboratório de informática na escola. Conexão muito boa através do celular, mas com falhas constantes de energia elétrica.	Com participação ativa de 5 meninas, porque são mais constantes na assistência na escola por conta de que os meninos estão na coleta de açaí, e a professora do Norte.

[10] Os nomes dos participantes da pesquisa são codificados para garantir o anonimato deles.

	EMEF Jadielson de Souza Moraes	Ilha de Pacovatuba, no distrito de Juaba. Escola ribeirinha do município de Cametá.	Não tem laboratório de informática na escola. Conexão muito boa através do celular, mas com falhas constantes de energia elétrica.	Com participação ativa de cinco jovens e a professora do Norte mais com os problemas de energia, a participação é oscilante.
SUL: Estado Rio Grande do Sul, Brasil.	EMEF São Paulo	Escola da Linha do Rio Pardo, área rural do município de Candelária, município da região Sul.	Tem laboratório de informática na escola. Conexão excelente	Aproximadamente 45 minutos da cidade de Candelária, participam a professora do Sul com cinco estudantes muito ativos .
	EEEF Professor Penedo	Escola da área urbana de	Tem laboratório de informática na	Escola se encontra num sector periférico da
		Candelária município da região sul.	escola. Conexão excelente	cidade de Candelária, com 5 estudantes que são ativos mais precisam de instruções e não se vem tão alegres, provavelmente por a situação social que vivem.

Elaboração: Da autora, 2018

Na fase exploratória da pesquisa se deram as primeiras interações com as professoras, foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada que tendeu a ser dialogada (elas enviaram mensagens entre si). Segundo Thiollent (1986), a atitude e disposição ao diálogo e a participar ativamente, permite lidar como as dimensões coletiva e interativa da pesquisa.

1.3.3 Diagnóstico situacional dos sujeitos da pesquisa

Com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de estimativas populacionais para os municípios, se obtém um panorama geral dos municípios estudados, assim, o município de Cametá, a qual pertence as Ilhas Tentém e Pacovatuba, onde se encontram as escolas participantes da região Norte, tem os seguintes dados:

Figura 3 – Dados de faixa etária e educação do município de Cametá

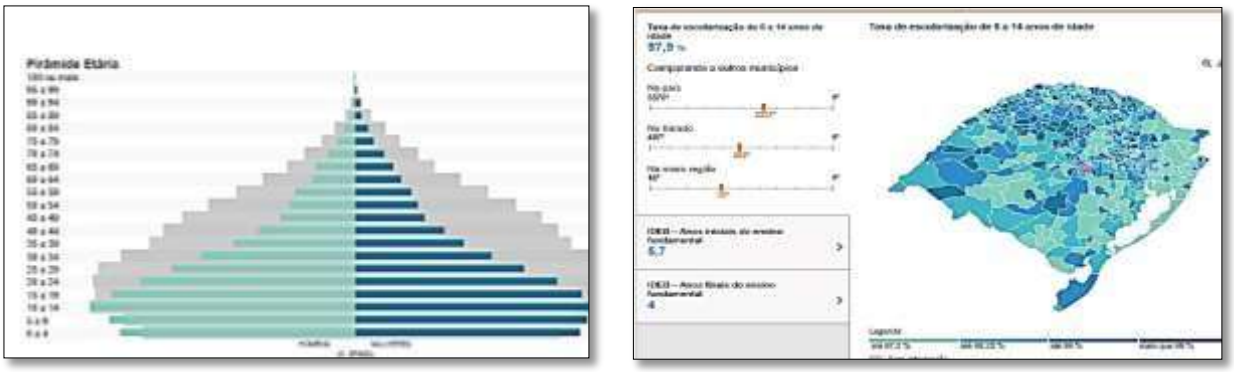
Fonte: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cameta/panorama

A figura 3 mostra que a faixa etária predominante na região Norte é de 10 a 14 anos de idade. As escolas participantes na pesquisa estão no interior do município de Cametá, localizadas nas Ilhas Pacovatuva e Tentém, na orla do Rio Tocantins. A professora do Norte descreveu na seguinte fala os lugares e os jovens, junto ao acesso deles à internet e ao *Facebook,*

> "O mais que têm eles [jovens] no seu aceso é ao Facebook, [...] a internet tem pouco tempo de uso, não são todos os que tem esse aceso a internet. A eletricidade na ilha vai ter dois meses que vão ter [...] olha! eu tenho 203 alunos e vai mais do 10% deles que tem, [...] dá sim para trabalhar de 5 a 10 estudantes que tem internet e celular e poderiam participar. ... na escola tem equipamentos, mas na escola não tem um pessoal responsável. E si eu levo es estudantes para fazer algum trabalho lá, sou a direta responsável, então melhor não levo. ... é novo, a tecnologia é algo novo, até o espanhol é novo para eles ... Parece que o pensamento deles é transitório, é de agora. A gente fala agora, passam 15 ou 20 minutos eles não lembraram mais... eu sou muito curiosa, a parte da linguística me traz questionamentos. Gostei muito da ideia de ter um intercambio, para ter um contato e intercambio cultura. A minha indagação e pensamento de querer mais e mais eu vou lá e procuro, é uma forma de nunca mais esquecer ne? Porque além de nós termos tantas coisas ao redor, tanta riqueza cultural, o Facebook serve para isso nem?
>
> A visão deles é muito restrita, eles repetem o mesmo o que eu falo. Eu veio muita carência econômica, cultural e afetiva. Eu penso, mas não tenho a certeza porque precisaria ter uma pesquisa de campo nem? A família de aqui tem 5 – 6 filhos ... si eu falar alguma coisa é aquilo e pronto...
>
> As duas ilhas em as que eu trabalho: Tentém e Pacovatuba tem internet. Eu preferiria trabalhar com os meninos da escola de Tentém porque os jovens têm mais apertura e o pessoal também os jovens são mais abertos, proativos (Fala da professora do Norte, julho de 2016).

A descrição que a professora do Norte fez tem relação como a figura 1 (p. 29), do capítulo anterior, em que se tem dados sobre a tecnologia deste município em comparação com o Brasil. No outro extremo do país, Candelária, município do estado do Rio Grande do Sul do Brasil, segundo o IBGE, a faixa etária da população em sua maioria é de 10 a 19 anos.

Figura 4 – Dados de faixa etária e educação da cidade de Candelária



Fonte: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/canadelaria/panorama.

Os alunos da escola Penedo, participantes da pesquisa, são descritos na seguinte fala da professora do Sul.

> Referente aos alunos do Penedo [J6-S], [J7-S], [J8-S], [J9-S], [J10-S] todos eles moram no bairro Rincão Comprido, tem sua casa própria onde suas famílias trabalham em empresas daqui da cidade e onde sua situação sócia econômica são de média a baixa. São pais presentes na escola e preocupados com sua aprendizagem e todos têm acessibilidade a Internet por meio do aparelho celular e fico te devendo por não ser sabedora a existência de se tem por notebook ou em casa alguns tem (Fala da professora do Sul, dezembro de 2017).

Segundo a descrição, a professora da EMEF São Paulo, em Candelária, o contexto dos alunos que participam na pesquisa é assim,

> Em quanto que os alunos da escola São Paulo: [J1-S], [J2-S], [J3-S], [J4-S] e [J5-S] todos eles residem no interior de Candelária, os pais são donos das propriedades, que são pequenas onde trabalhando no cultivo a principal é o plantio do fumo, sendo diversificado com outros cultivos de milho, soja. Além disso tem criações de animais como porco, galinhas, gados… que ajudam na entrada de ganho extra para a sustentabilidade com sua venda de leite, ovos e carne. As famílias são bem estruturadas com utensílios agrícolas tendo uma renda média alta e todos tem acesso a Internet pelo celular e notebook, alguns, as vezes tem a dificuldade de sinal devido sua localização que fica entre matos. (Fala da professora do Sul, dezembro de 2017).

Desta maneira, através de um diálogo cordial entre os participantes, se possibilita um encontro com o outro, até então desconhecido, e isto cria sentidos e significados para a pesquisadora, em que as entrevistas permitiram que as professoras se manifestassem livre, afetiva e criticamente ao relatar as realidades que vivenciam seus jovens-alunos, atores principais da pesquisa.

1.3.4 Declaração de intenções: o que saber? O que fazer? Quais os riscos?

Realizamos a análise das intervenções dos jovens e concluímos que este diálogo de conhecimento ambiental é possível se há respeito ao outro, às suas opiniões. Com base nas experiências que as professoras e os jovens estabeleceram no grupo de Facebook, se criou o espaço digital e, através do estudo do processo, verificou-se a existência de uma disposição ao diálogo no ciclo interativo da pesquisa-ação. Os membros do grupo se apresentaram e eram livres para agir nessa etapa da pesquisa.

Esta pesquisa teve a intenção de saber se é possível um diálogo entre jovens do Norte e Sul brasileiros que conseguissem um intercâmbio de saberes ambientais que permitissem ter neles uma nova perspectiva da realidade de culturas diferentes. Foi marcante e relevante tanto para as professoras como para os jovens, saber e se sentir ativos, pois existe um leque de possibilidades para motivar o diálogo.

O risco na implementação da metodologia da pesquisa-ação, como afirma Thiollent (1986), é o abandono de um ideal científico ou uma manipulação política do processo e resultados da pesquisa, os quais foram evitados com um “adequado embasamento metodológico”. A participação nesta pesquisa não teve risco para os jovens porque não realizaram ou se envolveram em atividades que pudessem afetar a sua segurança tanto física quanto emocional.

As ações para amenizar qualquer risco, que são mínimos, foram a criação de um grupo de *Facebook* fechado no qual os integrantes da pesquisa puderam interagir sem que outras pessoas pudessem afetar o diálogo, a garantia do anonimato, a garantia de que podiam abandonar a pesquisa se e quando quiserem, o consentimento e acompanhamento do *Facebook* por parte dos pais, a participação de professoras das

escolas que conhecem a realidade local e podiam tomar atitudes necessárias para resolver qualquer situação que trouxesse algum inconveniente aos participantes pelo fato de serem sempre convidados a realizar as atividades, podendo não realizá-las se não quisessem, e o modo de realizá-las era da escolha deles, dentro da suas realidades, o ambiente deles, seu mundo.

1.3.5 Planejamento: o que foi possível dentro do tempo da pesquisa?

Foi importante a definição do que podia ser feito dentro do tempo estabelecido para interação, depois de um bom embasamento teórico que sempre tem que estar presente durante todos os meses da pesquisa. Foram discutidos os tópicos e as informações compartilhadas, juntamente com os diálogos gerados a partir das instruções. Os tópicos que foram considerados foram tecnologia, educomunicação, conhecimento ambiental no tempo, espaço e cultura, jovens, redes sociais e os recursos do *Facebook* na educação.

Uma vez que a metodologia que foi utilizada é estratégica, a ação foi provocada pelos membros do grupo. Planejou-se os momentos de interação, o que permitiu aos alunos se apresentar e compartilhar seus saberes ambientais, cada um em sua região. O plano de ação da pesquisa com tempos de execução se resume na seguinte tabela.

Tabela 3 – Planejamento dos momentos da pesquisa

MOMENTO	Agir dos jovens e professores	Registro e agir da pesquisadora
Primeiro (julho – agosto 2017)	São livres[11] para se apresentarem e dialogarem de modo informal normal para os jovens. Com a única instrução de se apresentarem.	Neste período, o que os jovens entendem como diálogo será registrado.

[11] Livres no sentido de se comportarem como se comportam normalmente na rede, sem instrução, deixando que os jovens achem sua forma de se conhecer.

Segundo (Setembro a outubro 2017)	Por meio de perguntas, eles irão dialogando sobre seus interesses. A procura do conteúdo programático a partir das situações-limite de suas realidades, como aconselha Freire (1987).	Assim, eles escolheram um tema gerador de diálogo. Na análise de dados se encontram ilustrações destes diálogos e a transcrição deles, seguindo a técnica da análise de conteúdo.
Terceiro (Novembro a - dezembro 2017)	Receber instruções detalhadas para realizar uma minirreportagem sobre seu tema de investigação escolhido por eles no segundo momento.	No Apêndice B têm-se as instruções que foram dadas aos jovens. Registrou-se os vídeos deles que respondem a suas próprias curiosidades, expondo seus saberes ambientais a partir de cada uma de suas realidades e regiões.
Quarto (Janeiro 2018) Arquivando o diálogo no chat e as postagens no grupo.	Postaram/Registraram as últimas dúvidas e postagens que não foram feitas nas datas instruídas.	As reações das professoras aos diálogos e postagens e a pesquisa em geral foram positivas e estão no Apêndice E.

Elaboração: da autora, 2018

O tema gerador diz respeito às situações-limite, como os desastres naturais nas regiões ou o perigo de navegar na internet que os jovens vivenciam, entendidas aqui como as define Freire (1987), situações significativas do modo de viver dos envolvidos e que signifique algo urgente no que pensar e agir. Essa etapa durou dois meses com o acompanhamento contínuo da pesquisadora e as professoras.

No terceiro momento, que durou também dois meses, os estudantes receberam instruções para realizarem uma minirreportagem do tema de sua escolha relacionado à pesquisa e comentar as reportagens um dos outros. Esses comentários consistiram em fonte de dados que foram coletados e analisados. Nessa etapa, a pesquisadora realizou o registro das participações e do trabalho em equipe, colaborativo e cooperativo de cada escola.

Finalmente, num quarto momento realizou-se, durante um mês, o arquivamento das atividades e diálogos. Neste tempo, se percebeu a satisfação das

professoras com a participação nesta pesquisa, registrada no grupo de chat e apresentada no Apêndice E.

Uma pergunta que é nossa guia constante: Até onde se quer chegar com a pesquisa? A avaliação das ações e das aprendizagens foi feita a cada momento para os novos agires. O processo foi acompanhado pelos pais e diretoras das escolas que tiveram acesso ao grupo, ainda que sem interagir, se converteram em público para a pesquisa se desenvolver com segurança para os sujeitos envolvidos. A experiência foi valiosa para os jovens, professores e diretores das escolas, pois, por se tratar de um grupo fechado de *Facebook*, se converteu num repositório de publicações, fotos e vídeos produzidos pelos jovens participantes e as professoras, que estão disponíveis para enriquecer possíveis experiências futuras.

1.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E SUA ANÁLISE

A pesquisa configurou-se como pesquisa-ação, de caráter qualitativo. O método da coleta de dados foi a observação e a técnica de coleta foi a retirada de dados dos comentários e participações no chat, curtidas e reações que os estudantes fizeram no grupo de *Facebook* “De Cá para Lá”, o ambiente virtual da pesquisa.

A recolecção de dados imediatos é para “esboçar a situação do trabalho de campo, mas como a análise (ou reconhecimento) inicial” (TRIPP, 2005, s.p.). Assim, surgiram os tópicos, selecionados pelos participantes, sobre os quais se basearam a pesquisa. Visitar cada escola ou inicializar a conexão entre os sujeitos contemplados permitiu a recolecção de dados de cada participante e cada ciclo do processo desta pesquisa-ação. Deste passo inicial surgiu a “declaração de intenções” (HERON, 1987), que guia os seguintes passos do processo, pois se propôs a seguinte participação: Os sujeitos de observação foram os grupos de estudantes das quatro escolas, as duas professoras e a pesquisadora descritos na Tabela 4.

A técnica de observação é uma forma de levantamento de dados naturalista, conceito que os investigadores usam para conseguir pesquisar os fenômenos nos seus contextos naturais, neste caso, a escola e o *Facebook* são os ambientes normais dos jovens, sua realidade.

O *lócus* de observação/participação foi uma comunidade virtual criada na mídia social *Facebook*, representada por um grupo fechado dentro deste espaço digital. De acordo com seu conceito, a observação participante implica a inserção do investigador na comunidade, para registrar comportamentos, interações ou acontecimentos. Fazendo uma descrição da aplicação deste espaço na educação,

> Os membros de um grupo não são necessariamente uns amigos do outro (ou que exista conexão anterior entre eles), o que possibilita uma troca de conhecimentos entre pessoas sem links na rede e a formação de novas conexões em suas redes. [Num Grupo] **Fechado**, o grupo e os participantes estão visíveis, mas quem não faz parte do grupo não pode visualizar as publicações. Qualquer um pode solicitar participação neste grupo, mas tem que ser autorizado pelo administrador do grupo[...] (CHAGAS; LINHARES, 2014, p.298).

Assim, o uso deste espaço digital aproximou os atores da pesquisa, aplicando as vantagens que traz esta ferramenta a nível comunicativo e educativo com as postagens e comentários feitos pelos participantes. O que faz deste recurso útil para o processo de construção do conhecimento, por possibilitar o começo de um diálogo sobre determinada temática postada.

Na procura de ter uma descrição do contexto em que se encontravam os jovens participantes da pesquisa, se propôs uma entrevista às professoras e as diretoras das escolas que aceitaram ser parte do projeto. Esta entrevista aberta foi semiestruturada e tem como objetivo conhecer as realidades da região e da escola. Como mencionado antes, as entrevistas se basearam em um diálogo cordial e aberto que começou com um reconhecimento situacional das escolas e jovens para a pesquisa (Apêndice D) e as reações encontradas no encerramento do projeto (Apêndice E).

1.4.1 Amostra

Os nomes dos usuários de *Facebook*, participantes, são substituídos por [Ator n.] – [Região do Brasil ao que pertence] e a tabela que segue os detalha:

Tabela 4 – Atores da pesquisa e sua nomenclatura na pesquisa

ATORES DA PESQUISA	CODINOME/ IDENTIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO ONDE OS ATORES RESIDEM
Dez jovens da região de Cametá, estado do Pará	Jovem 1 – N [...] Jovem 10 – N	Participantes de duas escolas, uma na área urbana e outra na área rural de Cametá, PA.
Dez jovens da região de Candelária, estado do Rio Grande do Sul	Jovem1 – S [...] Jovem 10 - S	Participantes de dois escolas, uma na área urbana e outra na área rural de Candelária, RS.
Uma professora de Cametá	[Prof – N]	A professora foi escolhida pelo interesse na pesquisa e as escolas são distantes atravessando o Rio Tocantins, município de Cametá no estado de Pará.
Uma professora de Candelária	[Prof – S]	A professora trabalha em duas escolas do estado, no município de Candelária que é atravessado pelo Rio Pardo.
Uma pesquisadora	Pesquisadora	A pesquisadora fez visitas para concretizar a pesquisa com os diretores das escolas. E nas entrevistas, as professoras participantes foi fundamental o diálogo para o propósito.

Elaboração: da autora, 2018

Os dados foram fornecidos pelas interações entre os jovens participantes e pelas professoras que os orientam. Com base na informação recolhida se conhecem subjetividades que direcionam a narrativa dos comentários postados e interações no chat do grupo de *Facebook*.

1.4.2 Diário de Campo

O diário de campo numa pesquisa-ação é importante porque se podem registrar dados, informações, experiências, reflexões que se passam no processo da pesquisa. Além disso, as fotografias, vídeos e fichas que estão sendo usados dentro de um diário

de campo interativo, como é o que oferece a aplicação *Evernote*, podem ser usados para sistematizar a observação das realidades dos jovens em seus diferentes níveis.

1.4.3 Análise de Conteúdo

Os dados serão analisados pela técnica da Análise de Conteúdo, que tem como ponto de partida "a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada" (FRANCO, 2008, p.12), com a qual fez-se o processamento, a interpretação e a exposição dos resultados a partir das informações coletadas nas diferentes interações digitais,

> Uma informação puramente descritiva não relacionada a outros atributos ou ás características do emissor é de pequeno valor. Um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado, no mínimo a outro lado. O liame entre este tipo de relação deve ser representado por alguma forma de teoria. Assim, toda análise de conteúdo implica comparações contextuais. Os tipos de comparações podem ser multivariados. Mas, devem obrigatoriamente, ser direcionadas a partir da sensibilidade, da intencionalidade e da competência teórica do pesquisador. Isso não significa, porém, descartar a possibilidade de se realizar uma sólida análise acerca do conteúdo "oculto" das mensagens e de suas entrelinhas, o que nos encaminha para além do que pode ser identificado e teoricamente relacionado, para o que pode ser decifrado mediante códigos especiais e simbólicos. Aliás, esse procedimento tende a valorizar o material a ser analisado, especialmente se a interpretação do conteúdo "latente" estipular, como parâmetro, os contextos individuais, sociais e históricos nos quais foram produzidos. (FRANCO, 2008, p.16).

Por fim, depois de rever e reler os dados produzidos ao longo da pesquisa se fez a confirmação da possibilidade de uma ação dialógica por meio do *Facebook*, baseada nos indicadores de diálogo propostos por Paulo Freire e Martin Buber. Os resultados serão socializados entres os jovens das escolas participantes através da mesma mídia social, o *Facebook*, possibilitando, assim, conhecer suas reações. A socialização dos resultados da pesquisa para a Academia será realizada pela divulgação dos resultados por intermédio de publicações científicas e apresentações em eventos científicos.

2 O FLUIR DA PESQUISA: RECONHECENDO-SE NESTE MOVIMENTO

"É quando ouço o que o Outro fala, às ideias do Outro, que posso organizar minhas ideias, saber como me colocar melhor, reconhecer as diferenças no diálogo não há como se fechar ao mundo. "Ao contrário, construímos saberes e nos reconhecemos como seres inacabados". (FREIRE, 1987)

"É preciso imaginar modos de reconhecimento dos saberes que possam prestar-se a uma exposição na rede [...] no universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e se alimentam nesse universo".(LÉVI, 1999)

2.1 CONCEPÇÃO

A pesquisa iniciou-se fazendo uma delimitação da percepção do leitor com respeito ao projeto e sua relação com a realidade. Cada ser humano percebe o mundo a partir de seu contexto, sua geografia, seu território e isto faz com que cada um tenha sua própria representação da realidade desde sua geografia pessoal, que na atualidade, tende a se difundir rapidamente, entre jovens internautas educandos através das redes sociais da internet, fenômeno a ser estudado nesta pesquisa. Com esta base, a proposta está voltada para a Educomunicativa e tende a ser também Biorizomática.

A educomunicação é um campo de intervenção que permite um diálogo transdisciplinar e interdiscursivo entre os componentes da interface educação/comunicação (SOARES, 2011). O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizado pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam como defende Freire (1976, p. 43) no seu livro *Pedagogia do*

Oprimido, que foi escrito durante o exílio do educador brasileiro, o que lhe permitiu um olhar diferente desde fora de seu país, longe também da América Latina e isto enriqueceu suas percepções do mundo todo. Na atualidade, este livro é uma das literaturas-base desta nova área de conhecimento.

A educomunicação promove uma educação crítica que ensina o respeito pelos direitos humanos e todos os direitos de uma comunidade de vida à qual o homem pertence. Para isso, é necessário considerar que um processo comunicativo precisa de um ‘feedback’ para ser, de uma adição e circulação de mensagens entre os atores emoldurados em seus contextos. Como o defendido por Eco (1979) não é o mesmo uma vaca para um argentino do que é para um hindu, porque o sentido é obtido em contextos específicos e é isso que dá um significado real aos seus atores, gerando uma reflexão sobre sua realidade.

Canclini (2002), por outro lado, mostra a interseção do "culto com o popular" e essa é a relação que tenta estabelecer um diálogo de saberes, que através de todas as suas experiências em diferentes contextos se constrói como uma relação entre duas entidades, ciência e tradição, conhecimento e reconhecimento, buscando uma reflexão entre o prático e o teórico.

A educomunicação propõe, desde sua essência, superar a concepção instrumental com o uso de tecnologias para estimular o trabalho pedagógico ou apenas como meio de apoio, propõe uma visão crítica, para uma educação permanente, para uma comunicação dialógica, como é defendida por Mario Kaplún citado por Valenzuela (2010): com base no legado freireano, fornece reflexões fundamentais, de inegável validade, sobre comunicação educacional e seu caráter dialógico, qualidade o que torna [ela em] uma formação alternativa.

E desta proposta se pode pensar um novo modo de comunicação num mundo mais humano onde o diálogo seja aquela força que transforma a realidade atual em uma mais viva que considere todas as singularidades, valorizando e criando uma consciência crítica sobre a tecnologia que educa e comunica sem impor pontos de vista, mas tentando, coletivamente, refletir e agir pensando num bem-comum, que inclua a natureza e o meio ambiente, entes vivos que sustentam o ser humano onde ele esteja.

Por outro lado, a concepção de pesquisa biorrizomática tem significado na origem

do termo '*biorrizoma'*, que nasce da conjunção de duas palavras: *bio,* que tem origem no latim *veneratio vitae,* conceito trazido à ciência por Albert Schweitzer (1875- 1965) e a palavra *rizoma* proposta pelos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995), como parte de sua visão de uma realidade em que é possível interpretar a partir deste termo usado na Biologia.

O significado delas alude a uma integração da Vida no Rizoma, a proposta de Azevedo (2013) faz um aporte na educação baseado no "cuidado, a alteridade e a solidariedade no rizoma da Vida". Conhecendo que um rizoma já e vida, algo que não para de crescer e de se multiplicar.

A importância de contextualizar o termo rizoma como 'modelo descritivo ou epistemológico' neste ponto é significativa, junto com a sua aplicação na educação. Deluze e Guatarri (1995) o definem assim,

> Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, entre ser, *intermezzo*. A árvore é filiação mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente de sacudir e desenraizar o verbo ser. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.17).

Na atualidade, o homem é o centro dos estudos da ciência e o movimento do mundo em geral. Esta pesquisa faz parte de um movimento contrário, em que se valoriza a vida. Trata-se de um deslocamento, desde uma visão antropocêntrica passando por uma biocêntrica até chegar a uma visão biorrizomática, movimentos que se diluem e mostram uma melhor perspectiva de respeito e valorização da vida que está em cada ser.

A expansão parte do ponto de vista abordado, que se toma como referência, desde diferentes dimensões. A ideia, a partir do rizoma, é de conferir a centralidade da vida. Na realidade do ser humano atual, com ires e devires, desde encontros reais até interações digitais passando por mundos virtuais, se gera um "[...] microrrizoma conectado aos fluxos dos macrorrizomas como um rizoma da instituição mediática, familiar, educativa, etc." (AZEVEDO, 2013, p. 49).

Na sua tese doutoral *Por uma Educação Ambiental Biorizomática: cartografando devires e clinamens através de processos de criação e poéticas audiovisuais,* Azevedo

(2013) analisa a possibilidade de aplicação dos rizomas da vida na Educação Ambiental através da multimídia e esta é uma proposta que se relaciona com esta pesquisa pelas suas características e no objetivo fundamental de sensibilizar a vida pela vida.

Ao longo da pesquisa surgiram perguntas, não como aquelas fechadas a um só tipo de respostas, tais como: “como transmutar de um paradigma antropocêntrico e narcisista para uma visão biodescentralizadora, ou seja, entendendo a vida de maneira rizomática, sem um centro? ” (AZEVEDO, 2013, p.114). Este é um exemplo de questionamentos que se tenta responder ao longo desta e em futuras pesquisas.

O dilema de uma vida guiada pela ciência que gira sempre em torno do homem, põe na mesa de diálogo também o conceito de ecologia, que vai mais além de sua esfera tradicional e é através de estudiosos, como Guatarri (1994), que conhecemos a concepção de três ecologias que se entrelaçam, como descreve Vizzoto (2000):

> [...] a ecologia da rede de relações físicas- naturais a da rede de relações de trabalho, que transforma constantemente a natureza em natureza humanizada; e a de rede das ideias, que Guatarri qualifica como uma de produção de subjetividade, em níveis que vão do global ao individual. A indissociabilidade dessas três ecologias consiste no fato de que as redes de relações interferem cada uma na dinâmica das outras [...] Em Guattari, a representação de mundo é um importante elemento da ecologia social, pois se trata de modo como os indivíduos – constituídos na rede social de produção de valores- representam essa mesma ambiência em que se constituem. (VIZZOTTO, 2000, p. 46).

A ‘ecologia’ é uma palavra usada com muitos clichês, aqui é Vizzoto (2000) que traz o conceito estendido de Felix Guatarri, autor de análises do subjetivo do mundo. Na pesquisa de Azevedo (2013), com a qual se compartem visões essenciais, a educação é abordada a partir da concepção biorizomática, que não só toma em conta cada ser como parte de uma totalidade, mas também a interação entre eles como algo muito importante em uma relação e no estudo dela. Assim, se concorda que

> Na escrita, temos a fixação de instantes por meio dos coletivos de frases e palavras. No entanto, ao se fixarem, tornam-se como a água calma de um rio que parece não se mexer. Até que a interação acontece. Pois é o olhar do leitor, do apreciador, do fruidor que coloca isso tudo em movimento. O devir, nessa situação, depende dessa interação. Um dos desafios desta pesquisa é tornar este texto vibrátil, como as águas de um rio. (AZEVEDO, 2013, p.2013)

Dessa forma, o presente texto se vislumbra desafiador na sua escrita para se tornar

‘*vibratil’*, frente a uma educação biodescentralizadora em que a reflexão e a ação não permitem “que o capital cultural especista seja reproduzido, que as crianças e os jovens cresçam tendo como natural a banalização do mal e a Coisificação da vida” (DENIS, 2010, p. 78). Apresenta-se esta pesquisa como a procura de um diálogo entre seres vivos, jovens brasileiros que valorizam a vida, usando o que gostam para se comunicar e se educar, sendo eles os protagonistas.

2.2 MÉTODO DIALÓGICO DE PAULO FREIRE: PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

A presente pesquisa toma como referência fundamental a Pedagogia que Paulo Freire defende, baseada numa educação dialógica em que os seres humanos aprendem mediatizados pelo mundo. Educador brasileiro de uma história ainda viva na atualidade, o que propôs Paulo Freire ganhou um importante lugar a nível mundial.

O pensamento freireano na prática educativa tem princípios aplicáveis a realidades diferentes de jovens em escolas ou em outros ambientes, estas premisas são,

> evidenciar e compartilhar do respeito ao outro, a humanização e a capacidade de reinvenção. […] A abordagem e desenvolvimento da dimensão ambiental da prática educativa a partir do pensamento de Freire potencializa um diálogo entre os sujeitos envolvidos, promovendo uma educação emancipatória, crítica e transformadora, estabelecida entre educador-educando na dinâmica dos Círculos de Cultura, o qual promove uma interação com o meio, colocando o educando na situação de investigador, onde a partir do seu saber e experiências desvelam o entorno até então não problematizado, estabelecendo uma relação horizontal para com os demais investigadores, tendo como base os conceitos de situação-limite, ato-limite e inédito-viável. (DICKMAN; RUPPENTHAL, 2017, p.121).

Esta teoria levada ao mundo digital das redes sociais na internet se torna numa possibilidade aplicável, isto se comprovará no tensionamento da lógica das redes de esta e outras pesquisas. Considerando que a Internet é agora a forma que o ser humano inventou para se conectar ao mundo, vencendo as barreiras de tempo e espaço, além das distâncias geográficas que hoje não são um problema para quem se considera conectado.

Resgatam-se dois aspectos-base que se apresentam no método de Paulo Freire para o contexto descrito ao longo do documento: a detecção da situação-limite, que

permite que seja feita a partir de olhar o mundo dos próprios jovens, o que lhes surpreende da outra região, e quais são as curiosidades e dúvidas da outra distante realidade.

2.2.1 Criticidade com o Facebook

Ressaltar o significado das coisas e dos espaços que os jovens têm é chegar a valorizar uma educação que problematiza essas realidades com suas consequências, nesta pesquisa, o espaço usado para dialogar é a rede social, *Facebook* e se pretende ser crítico no seu uso pelos atores da pesquisa.

A visão de Paulo Freire procura um educador e educando que seja crítico e criativo e esteja disposto a um diálogo, que possa saber escutar com respeito aos saberes dos outros e compartilhe os seus próprios, com humildade. Hoje, estes valores vão se dissolvendo ao ter disponível um mar de informações, como é o caso da rede social *Facebook*, onde navegar com liberdade pode trazer sérios riscos para os jovens.

> Não são poucas as vozes que alardeiam os perigos e defendem orientações para uma navegação segura. Os mais exaltados não cessam de defender e propor mecanismos de controles, como a vigilância dos adultos sobre os mais jovens ou mesmo tentativas de proibição a determinados sites nas escolas, lan houses, computadores pessoais, tablets ou smartphones, sobretudo das redes sociais digitais. É possível perceber exageros e uma certa histeria que se espalha. (COUTO, 2014, p.48).

Certamente, *os* perigos[12] existem e é bom saber deles, muito mais em um ambiente educativo. Dentro de contextos onde se acham seres humanos criando tecnologia não só para resolver problemas, mas na tentativa de controlar outros seres humanos, como Vieira Pinto (2005) argumenta com base num processo da técnica e tecnologia na história da humanidade.

Os jovens e a sociedade em geral precisam desenvolver um espírito crítico, aprender a enxergar a essência das coisas. A escola tem o desafio de promover e cultivar um agir reflexivo ante tudo o que encontram na internet, já que é um ambiente que os alunos gostam de frequentar. As redes sociais são um risco sim, mas também se trata de um ambiente informal em que os membros compartilham, publicam, sociabilizam individualidades e geram opinião de formas variadas. Assim, os recursos,

> [...] as ferramentas, a inovação, a virtualidade e a construção coletiva podem fazer do Facebook um grande aliado na elaboração crítica e reflexiva do conhecimento. Realidade que pode ser associada às tendências da educação necessária à sociedade contemporânea. As ações do processo de ensinagem precisam atender à demanda de uma nova forma de apreender e romper com as formas de memorização. O Facebook estabelece momentos de experimentação, criação coletiva, compartilhamento do saber [...] (AZEVEDO, ANDRADE; DÉDA, 2012, p.305).

Novos saberes e novas formas de apreender, rompendo as formas tradicionais, provocam novas pesquisas que usam recursos como os que oferecem as mídias sociais, que além de ser um instrumento de comunicação podem chegar a infundir uma boa reflexão da realidade circundante, inclusive da mesma tecnologia e o seu impacto no ser humano, no ambiente do jovem. Porque,

> A rede social é o tecido da vida em si, o rizoma da interação humana em contínua e múltipla retroalimentação, encontrando na estrutura do ciberespaço um suporte para a expansão das possibilidades e alcance do poder de afetar das singularidades que lhe compõem numa velocidade que ainda estamos ensaiando aprender a lidar. Ações “simples” como tirar uma foto, um ato em si já carregado com um extenso histórico de significações e desdobramentos desde a invenção da fotografia, parece transfigurar-se quando o clicar confunde-se com o postar e o momento capturado torna-se instantaneamente acessível mesmo a um continente de distância. (FERNANDES et al., 2017, p.37).

Assim, verifica-se que a internet e as redes sociais têm um imenso potencial de comunicação e possibilitam interações que poderiam ser usadas pelas potências imperiais (por exemplo, corporações transnacionais e políticas comunicacionais) que invadem a cultura local produzindo uma sociedade globalizada, em que o jovem é fortemente influenciado, que longe de saber o que quer ao navegar na rede, corre sério risco de perder a direção correta por não ser ciente de onde ele vem, quer dizer, a cultura local perde significado entre tanta informação global.

2.2.2 Detectando a situação-limite

Realidades distantes e distintas geram dúvidas, que os jovens têm e formulam de diferentes formas por meio das mídias, sem saber se alguma vez terão a oportunidade de conhecer no mundo real, ainda assim e possível visitar, ‘chegar’ com a imaginação

ou com imagens de uma viagem virtual no mundo digital, facilidade agora disponível na rede de redes sociais, como é o *Facebook*.

Freire (1987, s.p.) propõe definir a situação-limite como “dimensões concretas e históricas de uma dada realidade, ou seja, são obstáculos, barreiras que precisam ser vencidas, superadas frente ao mundo” desta perspectiva, muitos estudos foram inspirados para descrever ao homem que como um ser criativo, inacabado, inconcluso com capacidade de refletir e agir diante da realidade objetiva com vistas a transformá-la. Por isso que o ser humano depara-se com as situações-limite no seu ambiente.

Nesse sentido, uma formação que possa superar a “concepção de que esta é somente um espaço para atualizar práticas pedagógicas”, sem compreender a realidade atual ao seu redor e sem considerar saberes dos outros seres humanos, mas também dos outros seres vivos que não precisam falar para ser ouvidos ou olhados.

Portanto, entre outros, o desafio está em que o ser humano, o jovem brasileiro, no caso, possa perceber sua realidade, de seu entorno a todos os níveis, em especial, o meio ambiental, para que possa ter um posicionamento a partir de sua própria percepção crítica do que acontece, algo também provocado por seu pensar e seu agir para com a Terra ou o Rio que vive do seu lado, entes vivos como ele.

Realidades distantes e distintas geram dúvidas, que os jovens têm e formulam de diferentes formas pelas mídias, sem saber se alguma vez terão a oportunidade de conhecer no mundo real, ainda assim e possível visitar, ‘chegar’ com a imaginação ou com imagens de uma viagem virtual no mundo digital, facilidade agora disponível nas redes sociais, como o *Facebook*.

Freire (1987, s.p.) propõe definir a situação-limite como “dimensões concretas e históricas de uma dada realidade, ou seja, são obstáculos, barreiras que precisam ser vencidas, superadas frente ao mundo” de uma perspectiva individual, muitos estudos foram inspirados para descrever o homem como um ser criativo, inacabado, inconcluso, com capacidade de refletir e agir diante da realidade objetiva com vistas a transformá-la. Por isso que o ser humano depara-se com as situações-limite no seu ambiente.

2.2.3 Na procura do conteúdo programático

O protagonismo do jovem na procura de compartilhar suas perguntas e respostas é motivação para esta pesquisa, e é a partir da detecção da sua principal curiosidade-dúvida que os próprios jovens geraram uma forma de responder estas questões. Esta proposta se baseia no protagonismo do jovem, a partir de seu aprendizado, sua vivência, suas procuras e ainda seus desejos e emoções que são aflorados nesta geração.

Os jovens alunos têm muitos saberes para compartilhar na escola e muito mais num mundo digital ao qual estão mais ligados como característica da presente geração. Paulo Freire propõe inovar na educação e faz desta proposta teórica uma 'práxis' experimentando e criando um método de agir uma maneira de fazer que não só é aplicável no seu tempo e na sua realidade. As conexões atuais no mundo digital mostram um espaço quase infinito para aplicar esta inovação com base na aprendizagem da vida real, necessária na escola hoje.

2.3 "A DIALOGICIDADE É A ESSÊNCIA DA EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE"

Para educar é preciso reconhecer o outro como sujeito e não objeto. É necessário admitir que não se sabe tudo, e que quando não se sabe se tem uma oportunidade para aprender. Na essência do diálogo se têm dois elementos que compartilham uma mesma importância: a ação e a reflexão, que longe de ter uma hierarquia entre eles põe um no mesmo nível do outro, quer dizer a ação sem reflexão é tão inútil como a reflexão sem a ação, nas palavras de Freire (1987).

A primeira situação seria chamada de "ativismo" e a segunda seria uma "palavra oca", alienada e alienante. As duas situações não trazem frutos que gerem um resultado que aporte aos participantes deste processo e a sociedade em geral.

A relação da ação e a reflexão terá uma interação entre os participantes desse processo comunicativo com a caraterística de ser "íntima e indissociável" segundo

Freire citado em Quirino (2012, p. 591). E esta é a relação da práxis, que permite transformar, problematizar e pronunciar uma realidade e interpretar o mundo. Enfim, como uma condição para existir, nas palavras de Freire (1987, s.p.): “o diálogo é uma exigência existencial”.

Quando somos conscientes que a existência de um ser humano depende de algumas condições para sua expressão frente a outros seres, é que um encontro das suas essências chamadas de Eu-Tu [que] será diferente que uma relação Eu-Isso, baseando-se em Buber (2006 [1979]). Com esta visão compreendemos que o viver de um ser e sua essência num encontro adequado, provoca diferentes relações, no entanto, nem todas elas cumprem um papel fundamental.

2.3.1 O significado de diálogo na essência da educação

Quando nos perguntamos o significado das coisas, aterrissamos na sua origem, no como e onde se originaram, é assim que se começa a explorar o significado de diálogo no contexto educativo. A *palavra* será a origem de qualquer conversa através de qualquer meio e é um termo muito importante para os autores que escrevem sobre o diálogo.

Em especial, Freire (1987, s.p.) faz a seguinte alusão “no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra”, então, podemos deduzir que ‘a palavra’ num diálogo é sua essência mesma. E esta é a percepção de diferentes autores que falam em diversos campos de estudo, Sanmya Tajra Feitosa, por exemplo, faz uma análise da importância da linguagem num espaço digital na sua publicação *Informática na Educação*,

> as palavras, como elementos do fenómeno biológico da linguagem, são modos de coordenações consensuais, são operações que surgem no fluir da existência dos seres vivos. A linguagem, também está relacionada com a dinâmica corporal num movimento circular integrado, da mesma forma que a dinâmica corporal interfere no linguajar. A postura e as reações corporais, aparentes ou não, são afetadas pela linguagem que se utiliza e pela emoção que flui em seu linguajar. [...] Os espações virtuais favorecem a conversação entre os humanos, permitem a utilização de uma linguagem constituída de uma rede de ações coordenadas que surgem no contexto em que se vive. Um contexto digital no qual estão também presentes a emoção e a razão, em que a linguagem emocional de um, afeta o pensar do outro. (FEITOSA, 2012, p.190).

E assim como a linguagem, as emoções de uns podem afetar no pensar do outro e como consequência a uma comunidade, isto se vai teorizando na Academia. A teoria do diálogo está ainda em construção, assim como nossa visão de seres humanos que “inacabados no sentido mais orgânico da palavra, estamos sempre em construção, em processo, em movimento. Nas interações, com e no mundo” (QUIRINO, 2012, s.p.) através de diferentes meios de comunicação complementam o que produz.

Deste modo, o pensamento freireano traz uma contribuição importante nesta pesquisa, pois como Freire (1987, s.p.) defende, é imprescindível a “ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo", esta base permite práticas pedagógicas sustentáveis em que professores e jovens serão desafiados a ter hábitos diferentes, pelo menos, mais críticos ante o seu meio ambiente real e/ou virtual.

2.3.2 Diálogo de Saberes Ambientais

Nesta movimentação de vida, a atitude de se “dispor para um diálogo" (FREIRE, 2000) como um meio para conhecer outros mundos subjetivamente, chega a ser uma interação entre diversidades que, feito de forma individual ou coletiva, consegue uma melhora no processo educativo em que um ser é construído para um mundo com os demais partindo de si mesmo, de sua essência.

> É possível diminuir barreiras espaciais e cognitivas e conciliar as contradições inerentes à vida, sem descaracterizar ou anular a essência e as especificidades de cada pessoa ou grupo, promovendo e ampliando a comunicação e a interação entre os diversos. [...] Desvendar-se e desvelar o Outro, num eterno entrelaçar de significados. Dialogando expomos nossa essência e ganhamos mais consciência de nós mesmos, de nossas fragilidades e fortalezas, virtudes e limitações, o que queremos e com o que não concordamos, encontrando nosso lugar na sociedade, que nada mais é do que a expressão da nossa identidade. (QUIRINO, 2012, p. 590).

O diálogo do conhecimento é parte de uma educação transformadora, de acordo com Freire (1973), permite transformar a realidade e, portanto, é considerado por muitos pesquisadores como um mecanismo de transformação e, dependendo do contexto, fazem diferentes reflexões. Freire (1973) propõe uma mudança de atitude, uma mudança de pensamento, de modo que a nova ação como humanidade seja

coerente e não como agora, é necessário compartilhar o saber de que não somos nada sem os outros, e que nada seríamos sem a terra que pisamos.

Neste sentido, pesquisadores contemporâneos propõem uma "revolução no pensamento humano", como afirma Vilar (1997, p.55), mais que uma mudança, o ser humano precisa de novas estratégias inteligentes para os fenômenos da globalização que levam a uma nova civilização em que o princípio da humildade seja a base para um novo pensamento e uma nova atitude, isso implica uma reforma da educação. Nesta pesquisa se concorda com esta visão, mas no contexto dos jovens e professoras, pretende-se fazer o que estiver ao alcance de uma ação e reflexão real. A história da educação na América Latina mostra que "desde a colônia até hoje, o caráter da educação que se infunde em todos os níveis, não mudou muito; apesar de reformas e boas intenções, ainda conservamos num ensino antropocêntrico, individual, competitivo e desintegrado" (MAMANI, 2010, p.8).

A necessidade de recriar nossa relação com o meio ambiente, o meio de vida e gerar um saber-ser, um saber-fazer, ou um saber-viver-juntos solidariamente é a razão para indagar sobre este tema na escola como Inés Copello (2006) dialoga com outros autores no seu artigo “Fundamentos Teóricos e metodológicos de pesquisas sobre ambientalização da escola”. É por meio de um diálogo de saberes ambientais que o ser humano aprende a entender, assimilar e apropriar a problemática ambiental, porque, juntamente com outros seres vivos, o homem faz parte do cenário da natureza, portanto, precisa valorizar e respeitar tudo o que o rodeia, seu ambiente.

Entre os pesquisadores mais reconhecidos neste campo está Enrique Leff, autor mexicano especialista em Epistemología Ambiental, que define um saber ambiental como

> un saber sobre un ambiente que no es la realidad visible de la polución, sino el concepto de la complejidad emergente donde se reencuentran el pensamiento y el mundo, la sociedad y la naturaleza, la biología y la tecnología, la vida y el lenguaje (LEFF, 2004, p.33).

Então, um saber ambiental está dentro de uma nova racionalidade teórica, de onde emergem novas estratégias conceituais, isso propõe a revalorização de um conjunto de saberes sem pretensão de cientificidade e tem profunda reformulação da educação como anuncia Leff (2004), que

> educar para formar un pensamiento crítico, creativo prospectivo, capaz de analizar las complejas relaciones entre procesos naturales y sociales, para actuar en el ambiente con una perspectiva global, pero diferenciada por las diferentes condiciones naturales y culturales que lo definen. (LEFF, 2004, s.p.).

Portanto, a procura é a de comprovar a possibilidade de um diálogo de saberes ambientais a partir um intercâmbio e interação através de uma rede social da internet, tecnologia que vence as barreiras do tempo e a distância, o que cria um cenário digital onde o diálogo de saberes ambientais dos jovens de regiões diferentes e distantes poderia se tornar, ou não, em uma construção de conhecimentos feita por eles mesmos.

2.3.3 Como um meio, uma ponte para políticas educacionais

O diálogo de saberes ambientais, considerado como um meio, uma "ponte" para estabelecer políticas, é inspirada pelo significado que une as duas situações, duas realidades, como mostra a citação de Mario Kaplúm, comunicador que deu à educação, importância fundamental ao longo de sua carreira.

Ele define ponte e pontífice desde a origem destas palavras até chegar a uma aplicação com todo o sentido de sua significação, da pessoa que, experiente nesta tarefa, faz da teoria a mais bela prática:

> En su origen, la palabra latina pontífice tenía un hermoso significado laico: hacedor de puentes. Si hemos de guardarnos de la tentación de pontificar acerca de algo tan nuevo y en construcción como lo es la Comunicación Educativa, de la que nadie puede jactarse de poseer preconceptos definitivos y absolutos, gustosamente me identificaría en cambio con el oficio que el término primigenio designaba. Necesaria y fecunda tarea la de tender puentes entre lo educativo y lo comunicativo; la de explorar la cuenca en que ambas vertientes confluyen y se alimentan recíprocamente. La certeza de que la Educación necesita abrirse a los aportes de la Comunicación no es en mi caso tan sólo un postulado teórico sino un preciado emergente de mi práctica: a lo largo de muchos años de transitar los caminos de la experiencia, me ha sido posible comprobar la dilatada medida en que el acto educativo se enriquece y se potencia cuando abreva en la fontana comunicacional. (KAPLÚN, 1998, p.195).

Para Heidegger, filósofo existencialista, epistemólogo e com vastas reflexões sobre o ser e a essência do ser, o ser humano é uma ponte, e faz uma descrição,

> Na ponte tudo se dá no 'entre', no entre espaço que comunica, ela por natureza é o espaço da indefinição, não pertence nem a um lado nem a outro, nem acima nem abaixo. Ela é intermediária, intermediação, quase uma terra de ninguém,

> uma terra de todos. [...] integrando a quadratura de tal modo que lhe propicia estancia e circunsta, pode dar espaço a uma estancia (estando) e circunstância, antes da ponte existir, existem ao longo do rio muitas posições ser ocupadas por alguma coisa. Dentre essas muitas posições, uma pode se tornar um lugar e, início e circunstância. (HEIDEGGER, 1993, s.p.).

Depois de duas definições, uma prática e a outra epistemológica, procurando definir o termo ponte, seu sentido, sua essência e sua função de unir e conectar este conceito na educação propõe-se uma categorização do diálogo de saberes ambientais, que implica em um encontro entre identidades, onde cada ser tem a maneira de ver a vida, fruto da sua vivência, sua história e seu contexto, como Leff (2007) afirma:

> La interdisciplinariedad se abre así hacia un diálogo de saberes en el encuentro de identidades conformadas por racionalidades e imaginarios que configuran los referentes, los deseos y las voluntades que movilizan a actores sociales; que desbordan a la relación teórica entre el concepto y los procesos materiales hacia un encuentro entre lo real y lo simbólico y un diálogo de saberes en una relación de otredad y en una política de la diferencia en la reapropiación social de la naturaleza. (LEFF, 2007, p. 48).

O diálogo do saber ambiental na sociedade pode nos dar pistas para responder as questões sobre a relação sociedade versus natureza, quais são os atores, quais são os limites, como eles são estabelecidos, se eles são realmente corretos até agora, observando as consequências que trouxeram, a ação humana e como ela pode influenciar na realidade.

> No hay límites imperativos en la relación de las sociedades con la naturaleza. Esos límites, necesariamente, deberán ser construidos entre hombres y mujeres de carne y hueso por medio del diálogo de saberes entre modalidades distintas de producción de conocimiento, ya sea al interior de una misma cultura o entre culturas distintas. ¡La especie humana deberá autolimitarse. Los límites son, ante todo, políticos! (PORTO-GONÇALVES, 2004, p. 26).

Uma política é orientada pela tomada de decisão de um grupo de pessoas, que de uma maneira ideológica governa seu comportamento como sociedade e suas relações com a natureza. As políticas adotadas alertam para uma contradição de consequências indesejáveis para a humanidade. Porto-Gonçalves (2004) diz:

> No nos extrañemos, pues, cuando sucesivos acuerdos y tratados diplomáticos que hablan de transferencia de tecnología no pasan de ser un gasto de tinta y papel, sin ninguna consecuencia práctica […] estamos inmersos aquí en una

> contradicción profunda de la sociedad moderno-colonial actual y, de ese modo, de producción de conocimiento que se dio —y se da— negando al otro, al diferente, así como a la idea de producción de conocimiento —de ahí que se hable libremente, de transferencia de conocimiento y no de diálogo entre matrices de racionalidades distintas. (PORTO-GONÇALVES, 2004, p. 86).

No entanto, são as políticas com as quais o mundo trabalhou até agora que não estão conscientes do que não vem da ciência, e isso levou a uma forma de desigualdade e desequilíbrio que se reflete na condição atual da sociedade que não reconhece o saber local, ao contrário, os apropria sem consideração.

Como disse Galileu Galilei, na citação de Porto-Gonçalves (2004), o mundo move e o conhecimento local, seja camponesa, nativa, aborígene, indígena, autóctone ou qualquer outro nome atribuído a ela, continua a ser produzida e a realidade difícil de aceitar, por mais suposta que seja, é a apropriação não reconhecida por grandes corporações que são extremamente zelosas da propriedade quando é própria e não do outro, o que causa indignação em muitos estudiosos em uma sociedade crítica em geral.

Portanto, ao se trabalhar a respeito dos saberes ambientais levando em consideração importantes dimensões da educomunicação e tendo em vista que o biorizoma que se forma nas relações feitas numa rede social é um fato que merece novas pesquisas, verifica-se que um grupo de *Facebook* é um espaço digital que já gera uma expectativa entre os jovens participantes do projeto e as professoras. São como duas margens unidas pela ponte, mas a ponte mesmo são as relações que eles constroem neste processo educomunicativo. Assim, o diálogo poderia gerar uma ponte entre características de duas realidades distantes geograficamente, mas a um *click* de distância digitalmente.

2.3.4 Implícito na educomunicação ambiental

Num diálogo de saberes, tanto a comunicação horizontal como a educação, estão implícitas, porque o processo educacional de formação inter-relacionado e o processo comunicativo de transmissão, exibição, troca e disseminação de mensagens, pensamentos, sentimentos e emoções, fazem com que isso aconteça. É por isso que se tem como,

> [...] principio clave para desplegar una educomunicación ambiental: La escucha, la cual implica reconocer al otro, entrar en relación con el otro, considerar lo que el otro me manifiesta, este es uno de los grandes desafíos de las sociedades modernas, escuchar, es decir, atender y procesar lo que mi interlocutor expresa. [...] Y aunque Comenio presenta una visión antropocéntrica respecto a la relación del hombre con la naturaleza sus postulados abrieron caminos a la identidad del educando, así como a una educación por los sentidos. De ahí que estos postulados son significativos para fundamentar una educomunicación ambiental orientada a promover el hombre en comunicación consigo mismo y la otredad, esto es, en relación con todos los seres vivientes del planeta. (BASTO, 2011, p.32-34)

É preciso, então, conhecer alguns dos principais fundamentos em torno do diálogo dos saberes ambientais para continuar aprofundando a compreensão e propor novas aplicações nos processos educacionais. Tendo em conta o diálogo dos saberes ambientais existentes, podemos abordar, a partir da Educação Ambiental, uma estratégia capaz de alcançar mudanças sociais e individuais em direção à sustentabilidade?

Finalmente, de que forma a virtualidade, a que oferece a internet e todas suas relações no mundo digital, contribui para gerar espaços que possibilitem o diálogo dos saberes ambientais na educação? Numa geração que está em constante transformação influenciada por muita informação que precisa ser apropriada e conhecida para ser bem aproveitada, uma das formas é usar esta movimentação dentro e fora de cada jovem para conhecer o outro, que como parte de uma instituição educativa pode compartilhar seus saberes e experiências através de um meio digital.

Num caso contrário, pode-se estar num mar de informação onde parece que ninguém sabe qual será seu destino e, no entanto, rodeado de saberes que bem poderiam marcar uma rota segura dentro de uma imensidade, em que, com certeza,

pode-se aprender, conhecer, valorizar, respeitar, entre muitos outros valores que só uma consciência crítica pode viver em harmonia com outros seres e a Terra.

2.3.5 Saberes ambientais em movimento: Desde Enrique Leff até a empiria da realidade

A ciência desconhece a sabedoria, gerada de fontes primárias da relação do ser humano com o seu meio ambiente, que não se encontra em livros, ou mesmo aquela que não se encontra estática, que dizer aquela não tem um “ponto fixo, que seja fonte emanadora do conhecimento” Neste contexto atual da educação, o papel de professor-educador não é “visto como aquele que detém o saber, mas, antes, aquele que fará circular os saberes, aí incluindo o seu próprio” concordando com Edson Campos no seu escrito *Fontes Primárias: Saberes em Movimento* (1997). E sobre o saber científico, se tem diferentes falas desde a ciência e,

> Se o discurso do especialista não foi ainda atingido por uma radical força desconstrutora no que se refere a uma efetiva descentralização de uma voz de poder, a crítica do saber científico, de alguma forma, vem atingindo ao pesquisador e o obriga à revisão de posições. Com isso pode-se dizer que, hoje, na área das Ciências Humanas, a própria exigência dos temas que se é obrigado a tratar leva a uma revisão não só do corpus, nosso objeto de trabalho, mas dos instrumentos metodológicos de investigação e de pesquisa. Por outro lado, também o professor se encontra em situação de maior abertura frente à inevitável interlocução presente na relação pedagógica. (...) Ao se conceber, ainda, o lugar do professor como descentrado, tem-se, da mesma forma, a certeza da inexistência de um saber pronto, completo, que se possa, ainda que gradativamente, transmitir. O saber é uma construção, que se faz na relação eu/outro, no cruzamento de olhares e práticas sobre o objeto, na busca de uma significação em movimento. (CURY, 1995 apud CAMPOS, 1997, s.p.).

De esse olhar e destas práticas é possível dar o verdadeiro valor ao saber como “força circulante que atua não só na relação do professor com seus alunos, mas na relação dos objetos de investigação com suas fontes” (LAPOUGE, apud CAMPOS; CURY, 1997). Gilles Lapouge em ensaio chamado *Os arquivos vazios da humanidade*, afirma que a ciência das civilizações triunfantes jogou na lata de lixo a ciência dos vencidos: "Nossa ciência, nossa religião são as dos vencedores. O resto desapareceu. Os arquivos da humanidade estão quase vazios." (LAPOUGE, apud CAMPOS; CURY, 1997, s.p.).

Portanto, e depois de desta realidade, a ciência está esquecendo de uma parte importante da realidade, até poderia se considerar que ela está esquecendo onde foi originada, por isto será “tempo de criar uma nova disciplina, a do não-saber” (LAPOUGE, apud CAMPOS; CURY, 1997).

Caberia, assim, ao pesquisador ir às fontes, destituindo-se de um saber instalado, fazendo falar os vazios, na proposta de Campos e Cury (1997, s.p.), o que provoca nos pesquisadores uma inquietação que se transmite ao leitor criando uma visão mais crítica para sua própria realidade, valorizando o que vale.

É assim que esta pesquisa se propôs a ocupar aqueles ‘vazios’ que a ciência está deixando de lado, num contexto que não tinha se pensado antes e num espaço que está sendo sobre-explorado, no entanto, de uma maneira comum deixando que aqueles não saberes fiquem sem serem visualizados e é ali onde estão as respostas mais inesperadas e, possivelmente, as mais valiosas.

2.4 DIALOGANDO SOBRE OS CONCEITOS DO SER, DA TECNOLOGIA E DA REDE

Seguindo o princípio de uma ação dialógica defendida nesta pesquisa, colocamos os termos ser, tecnologia e rede em diálogo com a sociedade atual e como está se difundindo num tempo de tantas mudanças, “a comunicação simbólica entre os seres humanos e o relacionamento entre esses e a natureza, com base na produção, experiência e poder, cristalizam-se ao longo da história em territórios específicos, e assim geram culturas e identidades coletivas” (CASTELLS, 2006, p.52).

A internet, a rede digital que aparentemente une o mundo, nasce da mente criativa do ser humano numa tentativa de se comunicar e ganhar uma guerra, assim é que surgem muitas inovações tecnológicas, a partir de crises, mas agora esta rede está unindo o mundo todo dentro de um aparelho (um computador ou um celular, por exemplo).

> Con el acercamiento de las distancias se reordena el tiempo y el espacio, para generar nuevos procesos que transforman la sociedad; algunos lo llaman globalización, y refiere a ese proceso que, gracias a las tecnologías de información, abre canales de comunicación y atraviesa fronteras, modificando culturas e identidades (CASTELLS, 2006 apud ANDRADE, 2010, p.140).

Então o ser humano cria uma tecnologia que o une e o comunica com o

mundo, mas o efeito desta nova dinâmica social chega a mexer na subjetividade de seu criador e usuários. Castells (2006) fala de uma globalização que se opõe à essência da identidade assim como uma rede vai afetando a essência do ser. Assim, a "questão principal num mundo caracterizado por globalização e fragmentação simultâneas como de fato! E porque observamos a tendência oposta em todo o mundo, o seja, a distância crescente entre globalização e identidade, entre a Rede e o Ser?" (CASTELLS, 2006, p.58).

Por sua parte, Vieira Pinto (1960, s.p.) em sua publicação: *Consciência e Realidade Nacional*, já fala de uma crise comparada com a "fronteira entre o ser e o nada, mas a fronteira entre o ser e o ser mais" analisando estas fronteiras como situações-limite (FREIRE, 1976), que ao contrário de ser aquele "contorno infranqueável onde terminam as possibilidades, [serão] a margem real onde começam todas a possibilidades" (VIEIRA PINTO, 1960, p.284) e estas possibilidades estão presentes ao longo desta pesquisa até sua conclusão e ainda as pesquisas que virão no futuro.

2.4.1 Álvaro Vieira Pinto, um olhar desde Brasil

O filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (1909-1987), considerado um dos "mestres" de Paulo Freire, se pronuncia sobre a tecnologia e a relação dela com o ser humano na vida real em seu livro *O conceito de Tecnologia*. Nesta obra, o autor faz uma necessária abordagem deste tema tão atual, ainda que tenha sido escrita em meados dos anos 1970 e publicada em 2005.

Vieira Pinto e Freire vivenciaram uma situação de perseguição do Governo nos anos da ditadura, obrigados a abandonar o Brasil, o que lhes permite ver outras realidades diferentes e serem críticos da realidade do seu país, a partir de uma perspectiva mundial e até universal, algo que só se consegue tendo um olhar de fora, que certamente será diferente e enriquecedor.

O autor escreve sobre a principal característica de um ser humano pensador, que é sua capacidade de se maravilhar pelo que observa no meio que o rodeia e, principalmente, a natureza com essa perfeita ordem que sempre chamou sua atenção.

Vieira Pinto diz que o

> Homem tem de maravilhar-se diante do espetáculo da natureza, ordenada tanto nos mais portentosos quanto nos mais recônditos detalhes, mas a maravilha diante da qual se espantava era o espetáculo do mundo, da natureza, especialmente dos céus, onde se exibia uma ordem perfeita, imutável e inexplicável (VIEIRA PINTO, 2005, p.30).

Outra característica do ser humano é pensar no seu próprio benefício, assim, a natureza precisa ser "dominada" e finalmente "o que distingue o maravilhar-se atual do antigo é que agora o homem se maravilha não diante da natureza, mais diante de suas próprias obras" (VIEIRA PINTO, 2005, p.5), ao querer ser dono e senhor dela. Baseado na sua visão existencialista e na sua crítica ao pensamento de Heidegger, o autor propõe ter uma "consciência crítica", ele fala também dos desiguais jogos do mercado onde um centro é favorecido por uma periferia que só "exportava o seu *ser* e importava seu *não ser*" (VIEIRA PINTO, 2005, p.5).

Toda cidade tem uma periferia 'que tudo o entrega ao centro' como parte um sistema desnivelado e burguês, por tanto, a proposta de Vieira Pinto era a de ir gerando uma consciência da importância da periferia para existência do centro, o que também se reflete a nível de países. O ponto de partida da sua análise e reflexão sobre a Tecnologia se baseia nesta realidade e na principal base teórica do "materialismo histórico-dialético de Karl Marx, com pitadas de Heidegger e Sartre" como relata Grohmann (2015),

> As contradições são inerentes aos movimentos históricos da sociedade: nem só emancipação nem apenas dominação, nem as "mil maravilhas" nem o "maior pesadelo do universo". Não se trata, então, de celebrar nem de demonizar as tecnologias, mas de compreendê-las em suas contradições e possibilidades na vida real. A partir disso, o ponto de partida de Vieira Pinto é entender a tecnologia a partir do sujeito social e do trabalho humano. [...] ou seja, a tecnologia é parte das práxis sociais, não se tratando de uma idealização ou de um dever-ser: o que importa é o plano material (GROHMANN, 2015, p.3).

Assim, os "processos comunicacionais" não podem ser deslocados do modo de produção capitalista, por isto, o autor propõe "entender, se apropriar, dominar suas possibilidades na vida real e compreender as suas contradições" (VIEIRA PINTO, 2005, s.p.). Ele deixou o seu escrito, corrigido minuciosamente, mas sem publicar e isto

dá uma pista do momento ditatorial que favorecia um sistema capitalista no Brasil ao redor de 1970.

Muitos anos depois da morte do autor, suas ideias ainda são tão atuais que conseguem dialogar, debater e rebater com outras concepções do conceito de tecnologia de autores contemporâneos que vivenciam hoje os inventos do homem nesta área, uma delas é Santaella (2007), que traz novas concepções como o pós-humanismo que "encontra-se no hibridismo do humano com algo maquínico-informático, que estende o humano para além de si. Assim, a condição pós-humana diz respeito à natureza da virtualidade, genética, vida inorgânica" (SANTAELLA, 2007, p. 129), biologia e sistemas de informação juntos.

Vieira Pinto (2005, s.p.) define a comunicação a partir do humano e "se contrapõe ao pós-humanismo, pois acha que não se pode haver fusão do homem com algo maquínico, pois este foi pensado pelo próprio ser humano" como complementa Grohmann (2015),

> seguindo o pensamento do filósofo brasileiro, os pós-humanistas possuem, em alguma medida, uma concepção linear da História e, principalmente os trabalhos mais "celebratórios" e acríticos em relação às tecnologias se esquecem de que quem as produz são os próprios homens, pois a ciência produzida a partir da biologia, da engenharia e dos sistemas de informação, por exemplo, são realizadas pelo trabalho humano, e não por ciborgues. Aliás, o fato de colocarmos a centralidade na pós-humano auxilia a ocultar a importância dessa "inteligência distribuída" para o capitalismo e sua produção de valor. (GROHMANN, 2015, p.10).

Portanto, se propõe realizar um diálogo dos autores respeitando as perspectivas e pontos de vista desde onde eles defendem seu posicionamento. Considera-se bom explicar que esta ação dialógica não tem como objetivo pesquisar o porquê das discordâncias, mas só considerar que pode existir este confronto entre os "analistas das novas tecnologias de comunicação" do Brasil para a sociedade "conectada", numa rede onde cada ser existe e se manifesta desde uma máquina do tamanho do mundo todo, que está a um *click* de distância.

2.4.2 Pierre Levy, um olhar desde o mundo

Temas relacionados, como a Tecnologia, o Ser e a Sociedade em Rede são postos na mesa do diálogo/confronto por Castells e Lévy, pesquisadores europeus que orientaram suas reflexões sobre esta nova realidade que o mundo vivencia onde o "usuário conectado" pode participar, socializar, compartilhar e até se emancipar em um "modelo desestabilizante e excludente da mutação técnica", como Lévy descreve,

> Novo pharmakon, a inteligência coletiva que favorece a cibercultura é ao mesmo tempo um *veneno* para aqueles que dela não participam (e inguém pode participar completamente dela, de tão vasta e multiforme que é) e um r*emédio* para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes. (LÉVY, 1999, p.30).

Estas são as novas formas de sociabilizar e de criar relações com espaço e tempo que descrevem a vida atual "numa sociedade em rede", descrita pelo sociólogo Manuel Castells (1999), como pensador contemporâneo, faz uma análise da relação do homem com suas criações tecnológicas, desde o início da história humana. Considerando que o ser humano é um ser social, que precisa sempre inventar formas de se relacionar, se comunicar com outros seres. É por isso que a

> sua diversificação, multimodalidade e versatilidade que o novo sistema de comunicação é capaz de abarcar e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais (CASTELLS, 1999, p.461).

Num processo de emissão-recepção, a ideia de centralidade também sofre profundas mudanças na cultura do ciberespaço, conforme apresenta Lévy (1999):

> O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecno-cosmos. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si. (LÉVY, 1999, p.44).

Então, o ser humano se acha dentro de "novos mecanismos de interação e de composição de uma identidade própria e múltipla" (SIMÕES, 2009, p. 5), num novo espaço-tempo que está sendo vivenciado de maneira gradativamente maior, neste

espaço físico de um espaço digital que praticamente elimina o físico e muda a percepção do tempo acelerado, aqui se percebe uma “fusão homem-máquina, constituindo o cyborg”, como escreve Simões (2009, p. 4).

Neste contexto, os processos de comunicação também tem tido “mudanças que interferem no pensamento humano, na sociedade, que culmina numa nova cultura” (SIMÕES, 2009, p. 7). Na Internet, rede em constante crescimento e que atualmente é “a base estruturante de todos os conceitos e de novas relações que compõem a sociedade em rede ou a cibercultura”, como os autores citados defendem e como se analisa no texto de Simões (2009), a fim de entender Manuel Castells e Pierre Lévy,

> Muito embora a linha de análise dos autores abordados siga caminhos díspares, sendo Castells com uma abordagem marxista da sociedade capitalista e Lévy com um pensamento antropológico, há um aspecto que não pode ser recusado na intersecção dos autores acerca dos estudos das tecnologias de comunicação, que nos leva a uma conclusão primordial: não é possível mais ignorar o impacto dessas tecnologias à vida humana, muito menos à vida em sociedade. A possibilidade de participação e a exclusão do universo digital, integrando-se ao processamento de dados e à geração de conhecimentos, ou mesmo estando à margem dessa dinâmica, afeta, sobretudo, a relação humana em que a comunicação se faz atuante, perpassando os aspectos antropológico, social e mesmo filosófico. (SIMÕES, 2009, s.p.).

Como consequência, o ser humano, ser social por natureza, precisa de mecanismos e meios para se relacionar e comunicar com os outros, isto é uma inversão de tempo e conhecimentos e que também cria desigualdades para quem não alcança a pagar os benefícios de estar incluso neste universo digital.

Assim, a tecnologia cria conexões físicas, que com força invisível e de rápida expansão chegam não só as mentes dos seres humanos de maneira propositiva, mas de maneira condicionante, o que só pode ser detectada desde um posicionamento crítico ante estas mudanças. Simões (2009) apresenta perguntas e questões importantes, como:

> [...] ao final de contas, as tecnologias de comunicação estão a serviço de que, ou de quem? Que mudanças são trazidas por essas tecnologias à vida do homem e à sociedade? O que desencadeou todo esse processo? E mais: o que pode ser apreendido dessa relação humana mediada por máquinas? [...] As abordagens de Castells e Lévy apontam como similaridades as inovações trazidas pela Internet, o que firmou a constituição da rede, projetando novas experiências ao homem e à sociedade. No entanto, se para Castells há um aspecto utilitarista da apropriação da dinâmica da rede, em

> Lévy essa observação não se faz presente, na medida em que o meio está por constituir a inteligência coletiva, onde a subjetividade adquire um caráter especial no jogo das relações, sendo eliminado o aspecto do poder. (SIMÕES, 2009, s.p.).

Outros autores europeus se manifestam de forma crítica, como Marko Ampuja (2015), nascido na Finlândia, país europeu muito adiantado na sua educação e tecnologia a nível mundial, que concorda com Vieira Pinto na "sua crítica aos autores que prometem o 'sublime digital' e, nesse caso, principalmente Manuel Castells" (AMPUJA apud GROHMANN, 2015, p.11), que compartilha sua visão com Lucia Santaella, no Brasil. O posicionamento crítico de Ampuja (2015 apud GROHMANN, 2015) a este respeito é que,

> a emancipação depende não da transformação das estruturas tecnológicas, mas mais propriamente da transformação dos sistemas políticos e estruturas de poder privado dentro das quais aquelas estão incorporadas. [Por isso, considera que as análises centradas somente nos aparatos técnicos] deveriam ser tratadas com suspeitas" (AMPUJA, 2015, p. 66 apud GROHMANN, 2015, p.11).

Diante disto, o propósito deste item é situar "o momento histórico no qual a informação ocupa uma posição de destaque no sentido de processamento e geração de conhecimentos" (AUTOR, ANO, s.p.) objetivando os conceitos de uma "sociedade em rede", termo de Manuel Castells ou de uma "cibercultura", descrita por Pierre Lévy, falando desde uma análise a nível mundial.

Se percebe um incremento de participação e pluralidade da sociedade em rede com a vantagem da estar conectada à Internet, mas tem padrões que se repetem também neste espaço digital, como as sociabilidades são formas de estabelecerem laços fracos, as identidades que mudam, fronteiras que são quebradas, incertezas que navegam junto com os indivíduos neste oceano, onde as experiências com o pensamento e a cognição, em tempo real e em constante processo de ressignificação (SIMÕES, 2009) vão aparecendo no dia a dia do ser humano.

Nos jovens, este processo está acontecendo sem eles tomarem conta disto e concordando com Simões (2009, s.p.), "só com uma apropriação social do fenômeno técnico" será possível uma consciência crítica, como defendia Álvaro Vieira Pinto, e não

aceitar inocentemente a mudança que não são consultadas ou explicadas.

2.5 O DIÁLOGO COMO FUNDAMENTO PARA O USO DA TECNOLOGIA

A tecnologia avança e, aparentemente, está direcionada a interesses de poucos, o porquê, o para quê, ou o como seria aproveitada a favor do bem-comum, é um dos desafios para educação que deve partir de todos seus atores.

Esta pesquisa aborda a perspectiva dos jovens a respeito das redes sociais na internet e as aprendizagens que se possibilitaram através deste cenário virtual e que, conformado por espaços digitais, estão tão presentes nesta geração e que estimulam o aprendizado uns com outros de maneira colaborativa, para além da educação da escola, uma educação dialógica possivelmente mais efetiva, pois vence tempos e espaços.

2.5.1 Espaços digitais e redes sociais como meio de um possível diálogo

Em toda sociedade, ao se formar e estruturar, se geram meios para representar "os processos produtivos, de experiência, poder e cultura", segundo Castells (1999, p. 565), pois "as redes constituem: uma nova morfologia social das nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica [estes processos] e os espaços digitais permitiram o surgimento de um novo paradigma da tecnologia da informação" (CASTELLS, 1999, p. 565).

> A existência destes espaços não estruturados, afirma-se, pois, como uma oportunidade para a integração das diferentes aprendizagens, concebendo desta forma a educação como um todo. Esta perspectiva deve de futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto em nível da elaboração de programas como na definição de novas políticas pedagógicas (UNESCO, 2003, s.p.).

Então este espaço digital permite a convivência de seres conectados às redes sociais, que na atualidade se criaram como espaços alternativos, em que "se fazem e reforçam amizades e que, como espaço social que são, dão igualmente lugar a processos de construção de identidade dos jovens" (AMANTE, 2014, p.35). Assim, estar nas redes sociais é uma oportunidade para orientar a própria identidade a partir

das relações sociais on-line, e uma das categorizações da participação nas redes sociais é:

> a) *Aprendizagem social*, evidenciada por meio duma participação do utilizador quando vê que os outros utilizadores fazem; b) *Retorno*, evidenciada por meio dos efeitos que os utilizadores têm num novo utilizador; c) *Distribuição*, manifestada pela estrutura geral do conteúdo e exposição alcançada por meio da participação. De acordo com esta categorização identificam-se níveis de participação dos utilizadores como por exemplo, um utilizador que apenas veja o que os seus contatos publicam e que não participa ou publica, não partilha as que vê como interessantes ou comenta, terá poucas oportunidades de aumentar a sua rede de contatos e de contribuir para a criação de conhecimento da comunidade/rede em que está inserido. (BURKE; MARLOW; LENTO, 2009).

Neste terreno digital surge a rede social *Facebook*:

> um *website* lançado no ano de 2004, desenvolvido para fins de criar um espaço *online* para universitários realizarem trocas de informações na Universidade de Harvard. Em 2005, o Facebook expande-se para as escolas do ensino médio e de outros países (ARIMA; MORAES , 2011, p. 4).

Na atualidade e na realidade brasileira, se percebe como:

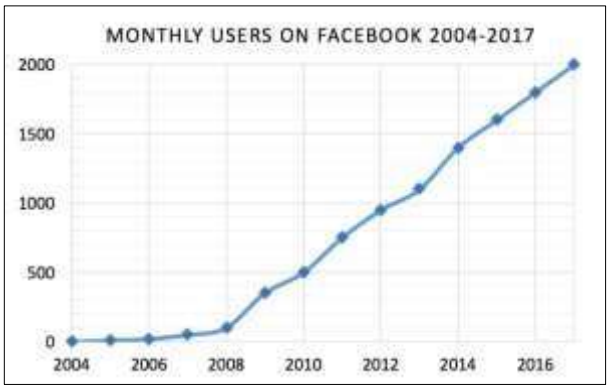
> um cenário privilegiado para aprender a conviver virtualmente num processo interativo e comunicacional no ciberespaço. [Além disso] não podemos escamotear o fato das redes sociais serem o *habitat* das gerações que, atualmente, recebemos nas nossas escolas (MOREIRA; JANUARIO, 2014, s.p.).

Dados estatísticos mostram a procura dos jovens para ser parte deste movimento digital e a educação precisa perceber e aproveitar esta movimentação, pois esse

> Potencial pedagógico torna-se evidente quando o professor utiliza, por exemplo, aplicativos educacionais que promovem experiências de aprendizagem interativa e colaborativa, reforçando assim o sentimento de pertença a uma comunidade virtual de aprendizagem (MOREIRA; JANUARIO, 2014, p.81).

A figura 5 contém dados da quantidade de usuários de *Facebook* em Brasil em comparação com outros países do mundo.

Figura 5 – Estatísticas dos usuários de *Facebook* no mundo e no Brasil



Fonte: http://www.allanperon.com.br/facebook-marketing/

O *Facebook* tem um enorme potencial do ponto de vista da aprendizagem colaborativa, porque é uma mídia social em ascensão e constante crescimento. Atualmente, está entre as ferramentas que mais possui interatividade e possibilidades de explorar conteúdo no ambiente digital e,

> [...] favorece a cultura de comunidade que se fundamenta em valores à volta de um objetivo comum e que gera sentimentos de pertença e de aprendizagem social; permite abordagens inovadores de aprendizagem, possibilitando, por um lado, a construção do conhecimento e o desenvolvimento de competências, e por outro, a aprendizagem ao longo da vida e atualização profissional mediante a colaboração entre pares; e permite a apresentação de conteúdos com recursos integrantes da rede social, como vídeos, produtos multimédia, blogues.(MOREIRA; JANUARIO, 2014, p. 79).

E por isso, ainda que muitas instituições educativas proíbam o uso do *Facebook* na escola é inevitável perder a proximidade com os alunos em si, uma vez que os professores ficam por fora destes espaços digitais, redes sociais aonde se vão criando comunidades virtuais acessíveis só com um perfil e que oferecem recursos didáticos para construir um espaço de aprendizagem estimulante, vivo e em movimento.

2.5.2 Comunidade Virtual: Grupo de Facebook, 'nosso espaço na rede'

Pierre Lévy em suas publicações *Cibercultura (*1999) e *Inteligência Coletiva* (2007) fala sobre a Terra, Território e a Mercadoria, como espaços do ser humano, e que na atualidade, além deles, surgiu "um quarto espaço a ser ocupado no Ciberespaço [denominado] como 'Espaço do Saber' [que] acolhe metamorfoses topológicas; cada intelectual ou imaginante coletivo nele abre planícies, topos, minas, novos céus" (LÉVY,

2007, p. 146).

Esta interpretação é gráfica em cada área descrita por Lévy pode-se desenvolver significações e maneiras de significar, mas qual o significado de território? E como este se pode relacionar no espaço digital? Nas relações sociais que foram sendo intensificadas hoje, deixando o real compartilhado ou complementado pelo mundo virtual.

Para responder a estas questões, retomamos as publicações de Guattari, que junto com Deleuze, na sua obra *Mil platôs* (1995); e com Rolnik, em *Micropolíticas, cartografia do desejo* (1996), afirma que "o território pode ser relativo tanto a um vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual o sujeito se sente 'em casa'. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma". (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323). Nesta pesquisa, território é o conjunto de representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos dos jovens e de cada sujeito que esteja participando, considerando também os investimentos, os tempos e os espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos que tem as escolas e cada uma das regiões involucradas.

As redes digitais com suas significações sociais e técnicas propõem ao usuário uma "linha de desterritorialização com os espaços territorializados" (LÉVY, 2007, p. 134) em que o Facebook tem diversos meios de comunicação que geram culturas colaborativas onde a participação é aberta a quem quiser criar seu perfil e começar a interagir, assim, "O espaço do saber deve ser reconhecido como uma virtualidade, uma recursividade em potência, cabendo aos homens com suas inteligências coletivas, fazê-lo realizar", afirma Lévy (2007, p. 120).

Os jovens se sentem à vontade de se expressar no Facebook, pelo menos isto se percebe nos espaços digitais gerados na rede, que chegam a sentir como próprio deles. Este sentido de pertencimento os converte em protagonistas neste seu território, em que podem compartilhar sua identidade, sua realidade, seu ambiente, suas curiosidades e, entre tudo isso, os seus valiosos saberes podem dialogar com os saberes de outros jovens.

Dentro desses espaços de partilha de saberes, interação e amizade dos jovens, o *Facebook* até agora é o mais popular, pois esta rede social oferece ao usuário recursos

cada vez mais personalizados, entre eles “Grupos com um objetivo/interesse particular, e que podem ser úteis para estudantes e professores trabalharem de forma colaborativa” como explica o livro *Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar* (2014),

> O grupo do Facebook se caracteriza como uma área disponível na interface em que um usuário (discente ou docente) poderá criar no momento que achar necessário. Os membros de um grupo não são necessariamente uns amigos do outro (ou que exista conexão anterior entre eles), o que possibilita uma troca de conhecimentos entre pessoas sem links na rede e a formação de novas conexões em suas redes. Dentre as características de um grupo no /facebook o mesmo poderá ser do tipo: **Aberto**, tanto o grupo, os participantes, como as publicações deste grupo, estão visíveis e o mesmo poderá ser achado na busca do Facebook; **fechado**, o grupo e os participantes estão visíveis, mas quem não faz parte do grupo não pode visualizar as publicações. Qualquer um pode solicitar participação neste grupo, mas tem que ser autorizado pelo administrador do grupo e o **Secreto**, somente quem está participando sabe da existência do grupo e das postagens do mesmo, neste tipo somente o administrador pode incluir um novo participante, que não pode recusar a inclusão, mas pode sair do grupo quando desejar. Ele não é encontrado na pesquisa do Facebook. A escolha do tipo de grupo é importante, pois como perceberam ele limita algumas ações, mas a qualquer momento o tipo de grupo poderá ser alterado. (CHAGAS; LINHARES, 2014, p. 298).

Nesta criação de grupos entre alunos e professores, existe a possibilidade de melhorar a comunicação entre eles ou, pelo menos, ter um espaço mais para se manifestar, integrando-os e mantendo um contato próximo, fazendo com que se sintam parte de uma comunidade: “O pertencer a uma comunidade que não se mostre fechada nas suas plataformas formais, mas que seja dinâmica e aberta ao mundo e a colaboração, assim como às redes sociais às quais os estudantes já chamam de suas” (MESSIAS; MORGADO, 2014, p.419), este possivelmente já é um grande e proveitoso cenário para aprender.

O interesse comum sobre algum tema ou disciplina na escola pode materializar-se na criação de grupos no *Facebook* aproveitando este recurso para criar uma participação dos alunos gerada por um grupo em que os compartilhamentos possam ter mais qualidade no decorrer do tempo e que as contribuições desta interação permitam um diálogo neste espaço dos jovens.

2.5.3 Interação e Indicadores de diálogo

Neste ambiente virtual que se gera aproveitando as vantagens de uma rede

social, como *Facebook*, que cumpre, neste caso, o papel de uma comunidade virtual de aprendizagem com recursos que possibilitam que o professor “reinterprete a forma de ensinar e de aprender num contexto mais interativo e participativo” (MOREIRA; JANUARIO, 2014, p.78).

> É em meio a esse fazer com os outros que cada um vai aprender a coordenar, administrar, selecionar e valorizar o quê, como, quando e quanto deve revelar de si mesmo. Essa exposição responsável de si deve ser ensinada e aprendida no próprio processo das dinâmicas das redes e das recentes orientações educacionais, em andamento. As narrativas pessoais se tornaram fecundas estratégias para produzir e compartilhar conhecimentos. (COUTO, 2014, p.62).

A participação, a interação, complexa, dinâmica, multidirecional e muito mais criativa permite uma colaboração entre os membros do grupo, ou do qualquer espaço digital destas características,

> É em meio a esse fazer com os outros que cada um vai aprender a coordenar, administrar, selecionar e valorizar o quê, como, quando e quanto deve revelar de si mesmo. Essa exposição responsável de si deve ser ensinada e aprendida no próprio processo das dinâmicas das redes e das recentes orientações educacionais, em andamento. As narrativas pessoais se tornaram fecundas estratégias para produzir e compartilhar conhecimentos. Pois é justamente aqui que a pedagogia das conexões deve se inserir, para compartilhar as orientações coletivas e livres onde cada um pode se projetar, olhar, perceber, aprender em conjunto a abrir e celebrar seus caminhos (COUTO, 2014, p.62).

Portanto, a tecnologia tem sido uma das ferramentas que o ser humano foi desenvolvendo para melhorar a conectividade mediante as,

> [...] múltiplas conexões de computadores, primeiramente, e mais tarde, entre dispositivos móveis como notebooks, *tablets* e telefones celulares. Com a conexão ampliada pela WWW (World Wide Web), as comunidades sociais passaram a se auto-organizar de forma rizomática, heterárquica e aberta, possibilitando conversas e narrativas para além do presencial [...] As interações e negociações dos participantes nas interfaces são construídas conforme as relações são estabelecidas, seja por meio de textos síncronos (chat) ou assíncronos (mensagem), videoconferência ou recursos específicos da própria plataforma. A conexão entre pessoas ocorre a partir do momento em que cada uma reconheça a outra como “amiga” (SANTOS; ROSSINI, 2014, p.93).

Estas possibilidades de interações ‘vivenciadas’ em diferentes espaços, além do real, narrativas baseadas no ambiente pessoal de cada jovem e as aprendizagens, serão inevitáveis.

2.5.4 Aprendizagem cooperativa colaborativa

Os desafios são grandes para sociedade e para educação que vivenciam momentos de mudança, a educação procura tornar-se mais personalizada, “com abordagens focadas no conhecimento, socialmente ligada e envolvente de modo a incluir, tanto os chamados nativos digitais, como os imigrantes digitais” (PRENSKY, 2001, s.p.). A interação entre os usuários gera uma aprendizagem que é colaborativa e cooperativa.

> O Facebook agrega uma significativa quantidade de recursos, funcionalidades, aplicativos que permitem ações interativas na web, tendo-se tornado, hoje em dia, um espaço inovador no qual se criam e desenvolvem interações, sociabilidades e aprendizagens, estas colaborativas em rede, por meio do diálogo e da construção coletiva de saberes (EDUCAUSE, 2007 apud MOREIRA; JANUARIO, 2014, p.75).

Estes desafios implicam que os alunos desenvolvam competências que lhes permitam aprender com recurso às ferramentas digitais, efetuar pesquisa, seleção de informação, reflexão, colaboração, produção e partilha de conhecimento. Assim, aprender na era digital não depende só de uma aquisição individual, centrada no armazenamento ou recolha de informação (MOREIRA; JANUARIO, 2014, p.403), pois a internet poderá contribuir de “forma positiva pelo seu lado social criando a sensação de pertença a uma comunidade e potenciando a integração ao mesmo tempo em que a partilha e a colaboração” (MOREIRA; JANUARIO, 2014, p.403).

Surge neste movimento um novo paradigma chamado da Navegação, que é o processamento da informação focado na melhoria da tecnologia do processamento da informação como fonte de produtividade, em um círculo virtuoso de interação entre as fontes de conhecimentos tecnológicos e a aplicação da tecnologia para melhorar a geração de conhecimento e o processamento de informação: surge um novo paradigma tecnológico baseado na tecnologia da informação (CASTELLS, 1999, p.54).

A internet é, muitas vezes, comparada com um mar de informações, e “vemos um novo paradigma da navegação que se desenvolve nas práticas de levantamento de informações e de aprendizagem cooperativa no centro do ciberespaço, mostra a via para um acesso ao conhecimento ao mesmo tempo massificado e personalizado” defende Lévy (1999, s.p.), inclusive antes de terminar o século XX, hoje muito autores

concordam com ele e se constata isto nas instituições educativas onde os alunos tem que aprender também a ‘navegar no oceano da informação e de conhecimento’ acessível na rede.

> As pessoas desenvolvem-se e aprendem mais quando estão inseridas num processo coletivo de aprendizagem. Nessa condição, elas compartilham significados e representações comuns, comunicam e discutem os seus pontos de vista, examinam e aperfeiçoam as suas ideias e, ainda, podem estabelecer o diálogo multidimensional acerca das questões colocadas, seja revisando, modificando ou contrapondo soluções e alternativas (TORRES, 2011, p. 54).

A globalização chega a cada jovem, pois ao ter um celular com conexão ele já está inserido em um tipo de processo onde o comum pode se tornar positivo ou negativo. O *Facebook*, em contexto de aprendizagem, permite o “desenvolvimento de estratégias de busca e seleção de informação, facilita a interação e a colaboração, permite a aprendizagem entre pares, desenvolve o pensamento crítico e reflexivo” (TORRES, 2011, p. 54), isto melhora as possibilidades de colaborar, favorece a autoestima e o autoconceito, entre outras capacidades do ser humano que respeita ao outro.

Assim, nesta pesquisa com jovens de geografias muito diferentes de um mesmo país, Brasil, conectados a um mundo que gira a uma grande velocidade e onde convêm serem críticos antes de tudo, aprender e ensinar criticidade e reflexividade, procurando estratégias para possíveis diálogos que gerem conhecimentos e valores é relevante.

3 DIALOGANDO E CHEG@NDO

3.1 NAVEGANDO ENTRE MEANDROS, REDEMOINHOS E CORRENTEZAS

> *Aqueles pequenos pedacinhos de nós onde nos projetamos, torcendo intimamente para que cheguem ao mar, para que não encalhem na primeira curva do rio. Mas seria só isso? Esse desejo de perder-se no fluxo para que a água leve consigo nossas coisas, nossos*

fragmentos, partículas de pele, de suor, de saliva, talvez nosso sangue? Deixar o eu se perder no indiferenciado, o romântico e mítico regresso ao oceano? (FERNANDES et al., 2017).

Numa face, a página Web forma a gotinha de um tudo fugidio, enquanto na outra face propõe um filtro peculiar do oceano de informações (LÉVY, 1999).

As nossas próprias possibilidades de construção local de um saber que seja nosso, para com as coisas locais e concretamente nossas? Por que isso? Como surgiram e se perpetraram entre nós? A favor de quem? Contra que? Contra quem nessa forma de ler o mundo? (FREIRE, 1992).

3.1.1 Que rota navegar?

Na movimentação atual dos jovens, semelhante ao fluir de um rio que passa por meandros, correntezas e redemoinhos, são as 'novas amizades' e relacionamentos que surgem constantemente na rede. A partir da necessidade humana de interagir, nasce esta pesquisa, que têm nos espaços digitais, em um grupo de *Facebook*, o cenário escolhido para a interação de jovens-alunos.

O nome do grupo de *Facebook* é "De Cá para Lá" e os membros foram duas professoras e vinte jovens de 8° e 9° ano do Ensino Fundamental da educação formal, alunos de quatro escolas de regiões geograficamente diferentes, duas da Região Norte e duas da Região Sul do Brasil.

3.1.2 Etapas e instruções

Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizada uma revisão da literatura que embasa teoricamente o tema estudado. Uma vez escrito o projeto, foi submetido a um Comité de Ética da UDESC, universidade em que está lotada a co-orientadora desta dissertação, no cumprimento da Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. As etapas da pesquisa são descritas na seguinte tabela.

Tabela 5 – Etapas da pesquisa seguindo a metodologia Pesquisa-Ação

PLANO **Período**	**AÇÃO** **Na Navegação**	**REFLEXÃO** **Sob as Rotas tomadas**	**OBSERVAÇÃO** **do Ciberespaço**
Janeiro – Julho 2017	**Referencial Teórico** Na procura de autores e correntes teóricas que contribuam o tema de pesquisa**.**	A base freireana, foi necessária para organizar um diálogo amável e colaborativo entre os teóricos e cada tópico foi abordado com 'criticidade', sempre necessária.	Cada autor contribuiu num diálogo sobre jovens, novos saberes, Educomunicação, interações digitais redes sociais, tecnologia na educação e outros.
Abril 2017 - Agosto 2017	**Discutir os Temas** 1. Apresentações dos jovens participantes 2. Dialogando na Procura de conteúdo programático e situação limite. 3. Construindo as instruções	1. A apresentação foi feita em grupos, os jovens gostaram disto 2. O chat deu um espaço para socializar as perguntas e curiosidades da outra região de maneira livre, no entanto há alguns jovens que permaneceram em silencio! 3. As instruções foram feitas com cuidado de tempos e espaços nas regiões	Observa-se a emoção dos jovens de se apresentarem no grupo de Facebook. No outro extremo estão os jovens que não tem a forma de se reunir para gravar juntos. No Norte, a limitação foi maior, pela sua geografia e conexão.
Agosto – Outubro 2017	**Qualificação**	Qualificou-se com a escrita teórica da pesquisa e com as atividades já se tornando uma realidade no grupo de Facebook: "De cá para lá"	Os obstáculos, no bom entendimento das instruções e na região amazónica, foram pela conexão de internet.
Julho 2017 - Dezembro 2017	**Interação dos jovens** Fizeram provocações aos jovens junto às instruções: 1. Para eles se presentarem 2. Para eles expressarem curiosidades sobre a outra região 3. Para eles produzirem um mini reportagem compartilhando seus saberes ambientais	1. Os tempos determinados se estenderam por motivos de organização e baixa conexão 2. A segunda instrução de expor sua curiosidade foi feita pelo *chat,* recurso não planejado no começo da pesquisa 3. Boa organização e trabalho grupal no mini reportagem, só os jovens do sul conseguem entender e agir nesta instrução	Observou-se uma interação muito boa no chat, e nos comentários a ausência foi forte. É provável que os jovens se sintam menos pressionados na sala de chat, que a publicar um comentário, o temor é de errar em público.
Janeiro 2018 – Março 2018	**Redigir a dissertação** A interação dos jovens se finalizou, guardando os comentários, diálogos e vídeos postados.	Analisaram-se os dados e se fez um recorrido pelas interações mais importantes no Grupo "De Cá para Lá " os possíveis diálogos nos comentários e no recurso do Chat do Facebook.	Percebeu-se que se tiveram muitas possibilidades de diálogo que geraram um conhecimento, isto é relatado com detalhe.

Abril 2018	**Defensa**	O grupo de Facebook: “De Cá para Lá” é agora um deposito virtual de conteúdos produzidos pelos jovens a partir da riqueza de seus saberes.	Compartilham-se os resultados da pesquisa com escolas participantes.

Elaboração: Da autora, 2018

No quadro se visualizam as etapas e datas que deram um horizonte nesta rota de navegação, junto as necessidades de atenção e correção da rota que foram se mostrando no caminho à medida que se avançava no desenvolvimento da pesquisa.

3.1.3 Grupo em *Facebook*

Depois da aprovação do Comitê de Ética (CAAE 68041317.7.0000.0118, ver Anexo A), a 5 de julho de 2017 é criado o cenário virtual, um grupo fechado no *Facebook*, para a interação digital dos jovens e das professoras que receberam instruções por este meio. Pediu-se aos jovens para dar um nome ao grupo e surgiram diferentes opções, das quais a maioria concordou com o nome proposto pela jovem do Sul [J2–S]: “De Cá para Lá”, nome celebrado e escolhido, isto deixou todos muito satisfeitos com a ideia de já ter um espaço ‘seu’ que permitisse uma interação.

Figura 6 – Capa do Grupo “DE CÁ PARA LÁ”, espaço dos jovens participantes da pesquisa no *Facebook*

Fonte: Grupo do Facebook “De lá pra cá”

Interagir neste processo educomunicativo, exige passos e decisões críticas. Ao definir o que era possível fazer dentro do tempo do Mestrado, procurei fazer o melhor planejamento de tempo para a interação, tempo para discutir os temas e tempo para redigir a dissertação, na base da metodologia escolhida.

A partir da criação do grupo no *Facebook*, os jovens e professoras começaram a interagir e os dados foram surgindo. Para o Exame de Qualificação, foram descritas e apresentadas as primeiras interações digitais, além da apresentação da metodologia, da proposta de análise de dados e previsão de divulgação dos resultados.

O procedimento de coleta de dados se realizou em três momentos a partir da criação do cenário virtual. Cada momento teve instruções específicas para os jovens, com a mediação da pesquisadora e das professoras envolvidas.

3.1.4 Apresentação dos jovens e suas escolas

O primeiro momento se desenvolveu no período de julho a agosto de 2017 com as instruções iniciais. Nesta etapa, os jovens eram livres[12] para interagir de modo informal, o mais próximo ao comportamento normal para eles, com a única instrução de se apresentarem por meio de um vídeo ou foto juntos.

Figura 7 – Apresentação dos jovens das escolas Prof. Jacinto Garcia e Jadielson de Souza Moraes

Fonte: Grupo do Facebook “De lá pra cá”

Os jovens da Escola Professor Jacinto García, localizada na Ilha Tentém, no Rio Tocantins, publicaram um vídeo se apresentando. A professora do Norte, que ensina Espanhol postou,

> E esses são os alunos da EMEF Profe. Jacinto Garcia, como disse antes, eles estão com problema de internet... O áudio ficou um pouco baixo, e todos estão no 8° ano, e assim que puder enviaremos informações sobre a região do Rio
>
> Tentém saludos! (publicação da [Prof-N] , rio Tentém, Cametá, PA)

Desse modo, ainda com uma conexão da internet oscilante, realidade da região amazônica, os vídeos e fotos dos jovens são publicados no grupo ‘De Cá para Lá’. No Norte, a professora é quem posta os vídeos, isto permite a participação indireta dos jovens. Esse é um caminho, sempre se terá *‘um jeito’* para cumprir as instruções.

[12] Livres no sentido de se comportarem como se comportam normalmente na rede, sem instruções. Isto para ter uma aproximação à realidade inicial, antes da proposta de mudança que propõe a pesquisa.

São cinco jovens de uniforme amarelo da escola localizada em Tentém e cinco jovens de uniforme azul da escola localizada em Pacovatuba. A travessia de barco dos professores é um deslocamento diário para poder cumprir a sua função na sala de aula. Continuando com a apresentação dos jovens da segunda escola, a professora faz a seguinte postagem,

> *Olá, estas são as alunas da EMEF Jadielson de Souza Moraes e que fica na localidade da ilha de Pacovatuba em Juaba/ Cametá.*
>
> *Por sequência apresento as alunas quase todas tem 13 anos, fazem o 8° ano na referida escola ... como a internet é recente no município, às vezes não há conexão, e ficamos devendo por algumas vezes informações para vocês... Aqui é outra região, e que fica bem próxima do Rio Tentém... a distância entre as escolas é de aproximadamente de barco é de 30 min. Grata! — (Publicação da [PROF-N], Rio Pacovatuba, Cametá, PA).*

Segundo informação da professora, perceptível depois das apresentações, na região Norte se tem poucos alunos do sexo masculino, a razão é porque eles têm que trabalhar na safra de açaí num período importante do ano escolar. Um baixo rendimento escolar nos jovens é gerado por muitas condicionantes socioeconômicas até o abandono da escola tendo, assim, um futuro acadêmico prejudicado, importantes dados que não são considerados pelas autoridades na formulação das políticas educacionais.

Nesta região ribeirinha, o sinal de internet tem problemas para chegar a seus usuários, isto se justifica pela geografia e energia elétrica oscilante, o que não impede que os jovens tenham suas contas no *Facebook*, no entanto, a professora que mora no centro da Ilha de Juaba, onde a conexão melhora, é quem pode fazer as publicações e subir os vídeos e fotos.

Simultaneamente, na região Sul, os jovens depois de se organizarem e decidirem 'democraticamente'[13] a melhor forma de gravar seu vídeo de apresentação, também postaram suas produções. Cada escola faz um vídeo para apresentar os jovens participantes. Desde o roteiro até a gravação do vídeo os jovens alunos cooperam muito ativamente, logo, um deles publicou o vídeo em sua conta no *Facebook*.

[13] Interessante o trabalho dos jovens do Sul, que junto à professora deixaram clara a forma de fazer suas atividades decidindo democraticamente o seu melhor agir.

São as apresentações postadas pelos mesmos jovens que expressam a sua emoção de participar e poder compartilhar seus saberes e imagens, seu meio ambiente o lugar onde nasceram e a escola em que estudam. Ao gravar o vídeo juntos e editá-lo conseguiram levar o seu cenário físico ao seu habitat virtual, algo novo para eles.

Figura 8 – Apresentação dos jovens das escolas Professor Penedo e São Paulo

Fonte: Grupo do Facebook “De lá pra cá”

Os jovens de uniforme azul são da escola Professor Penedo, que publicaram o seu vídeo de apresentação:

> *Oi! Meu nome é [J6-S] estudamos na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Penedo, localizada em Candelária no Bairro Rincão Comprido, RS. Sou [J7-S]. Sou [J8-S]. Sou [J9-S]. Sou [J10-S] e estamos participando do projeto: Dialogando Saberes Ambientais do Norte e Sul do País. Vai ser muito legal fazer esta troca de Saberes. Conhecer. Curiosidades de outras coisas do País. Conhecer a Flora e a Fauna de lá — (Publicação de [J6-S] em Candelária, RS).*

A seguir se detalha a apresentação dos jovens da escola São Paulo, localizada no interior de Candelária, na Linha do Rio Pardo, que com muita criatividade e iniciativa própria gravaram um vídeo fora da escola mostrando uma parte de sua paisagem natural. A professora nem precisou motivar muito os jovens, para eles se sentirem animados com a proposta da pesquisadora. E esperando as instruções, organizaram um roteiro e foi um deles, [J1-S], quem postou o vídeo no grupo com a seguinte descrição:

> *Oii nesse vídeo nos estamos nos apresentando e estamos muito empolgados com o projeto e esperamos conhecer vcs aí da cidade de Cametá-Pará. Abraços — me sinto entusiasmado. (Publicação de [J1-S] em Linha do Rio, Candelária, RS).*

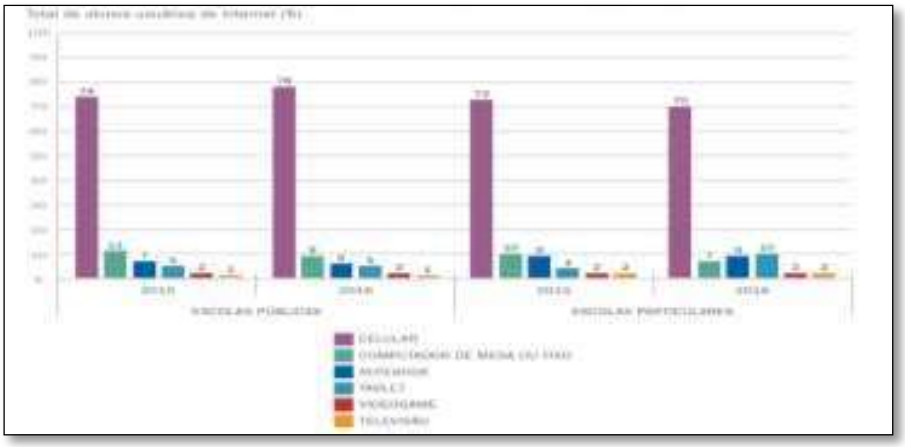
Nesta etapa, os jovens empolgados pela oportunidade de conhecer novas amizades e compartilhar sobre sua região, se comparam com a movimentação da água de aparência lisa no início, onde as pequenas figuras que se percebem na superfície, se tornam timidamente em formas diversas que surgem "*de cá e de lá".* Esta movimentação é como quando a água se mexe de maneira espontânea por um vento, se pretende movimentar a subjetividade de cada jovem na alteração de um espaço que surge, consequência de novas formas de fazer as coisas em novos cenários. Assim, o grupo começa a interagir.

3.2 DESCRIÇÕES DAS MOVIMENTAÇÕES NO *FACEBOOK*

Para a interação dinâmica, aberta e criativa dos jovens se usou recursos do *Facebook* como grupo de amigos, mural, botão curtir, publicação de vídeos, comentários, *chat* e outros, aproveitando uma maior participação deles, isto como uma estratégia educomunicativa que fomenta outra visão de ensino/aprendizagem, em que as professoras são parte ativa desta viva movimentação, com o protagonismo dos alunos.

Dando continuidade à análise dos dados, se procurou estatísticas sobre a acessibilidade à internet dos jovens alunos. O IBGE, fonte de dados atuais, como se observa na Figura 9, apresenta o percentual dos dispositivos mais usados na escola brasileira para estarem conectados, como o celular, o computador de mesa, o notebook, o tablet e outros.

Gráfico 1 – Alunos e o principal equipamento para acessar a internet na escola



Elaboração: Infográfico elaborado em outubro de 2017 baseado em IBGE (2016)

Esta preferência dos usuários da internet pelo celular não acontece só no ambiente educativo, mas na sociedade em geral. Na escola brasileira, os alunos usam o celular para ter um “acesso instantâneo à informação, às redes sociais que permitem interação com pessoas em espaços e tempos diversos, entre outros recursos” (ALMEIDA, 2016, s.p.).

Na escola, ainda há proibição do celular na sala de aula, mas na maioria das vezes, quase todos os alunos têm um celular e tem domínio sobre este aparelho e seu uso, em qualquer momento, já se tem convertido como imprescindível. Na seguinte tabela pode-se observar dados por regiões e séries.

Tabela 6 – Alunos por principal equipamento utilizado para acessar a internet

Total de alunos usuários de Internet

Percentual (%)		Celular	Computador de mesa	Computador portátil	Tablet	Televisão	Videogame	Outro
TOTAL		93	52	47	35	29	25	1
SEXO	Feminino	94	49	48	36	27	16	0
	Masculino	92	55	45	34	31	37	1
REGIÃO	Norte	94	35	38	27	19	16	1
	Centro-Oeste	94	49	51	35	35	28	1
	Nordeste	93	38	37	31	18	15	0
	Sudeste	93	61	50	39	34	32	1
	Sul	93	56	55	32	33	29	1
DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	Pública Municipal	89	46	37	34	22	20	0
	Pública Estadual	94	53	47	30	28	26	1
	Total - Públicas	93	50	43	31	25	24	0
	Particular	93	82	67	54	46	39	1
SÉRIE	4ª série/5º ano do Ensino Fundamental	87	47	40	43	35	24	0
	8ª série/9º ano do Ensino Fundamental	95	54	48	34	32	28	1
	2º ano do Ensino Médio	87	54	51	29	29	26	1

Fonte: CGI.br/NIC.br (2016)

No panorama apresentado na Tabela 6, se visualiza que a procura da capacidade depende da adaptação dos jovens usuários ao avanço da tecnologia. Na região Norte, 94% dos alunos usa o celular para acessar internet, na região Sul 93%, esta pesquisa se centra no 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, que tem 95% de alunos usuários da internet.

Segundo aos dados divulgados por CGI.br/NIC.br (LUCENA, 2016), o número de alunos brasileiros que usa tecnologias, especialmente celular, é elevado. Um celular geralmente tem GPS[14], o que permite um acesso geográfico de outros lugares e por esta razão se têm pesquisadores que anunciam e colocam na mesa de diálogo o fato de que as novas gerações não habitam mais o mesmo espaço, mas um novo *habitat*, e que por celular, tem acesso a pessoas do mundo todo e por "GPS, a todos os lugares; pela internet, a todo o saber: circulam, então, por um espaço topológico de aproximações,

[14] *GPS* (sigla de *Global Positioning System*), sistema que permite determinar em toda a terra a posição de um objeto, com precisão de centímetros. Sistema disponível num celular 'conectado'.

enquanto nós vivemos em um espaço métrico, referido por distâncias" (SERRES, 2013, p. 19).

Sendo o Brasil o terceiro país em usuários registrados na rede social *Facebook* e como as regiões de Cametá e Candelária a predominância etária é entre 10 e 14 anos, pensa-se que a "geração atual, a qual está imersa nas tecnologias digitais e hiperconectada, tem hoje acesso a toda informação, comunica-se e produz conteúdos. O que, então, a escola pode oferecer a esses jovens? O que ensinar? Como ensinar?" (LUCENA, 2016, p.277).

O propósito desta pesquisa é abrir possibilidades de diálogo com os jovens participantes guiados pelas professoras, dando-lhes assim a liberdade de expressar o que eles sabem e que possam ser protagonistas para um ensino/aprendizagem em 'seus' espaços onde compartilhem o que eles têm curiosidade de aprender.

Dessa maneira, expressando suas dúvidas e interagindo por meio das mídias digitais e com a mobilidade que oferece um celular, este é o aporte deste trabalho a outras futuras e necessárias pesquisas nesta área, em que os lugares mais remotos estão a um 'click' de distância.

3.2.1 A partir do rio Tocantins, no Norte, começa o fluir

No estado de Pará, as escolas participantes estão localizadas na orla do Rio Tocantins, rio que é apresentado em postagens pela professora do Norte.

Ela apresentou as escolas em que trabalha com um vídeo na sua publicação no grupo do *Facebook*, começa descrevendo a geografia da Ilha Tentém[15], onde está localizada a EMEF Professor Jacinto Garcia, aonde ela chega depois de dar aulas em outra escola, a EMEF Jadielson de Souza Moraes, de Pacovatuba, outra ilha imersa no extenso Rio Tocantins.

Na postagem se descreve o Rio Tocantins que banha as baías destas ilhas. A natureza é para seus jovens um espetáculo muito mais valorizado e admirado pelos

[15] Tentém, nome de um pássaro da Amazônia, saber que os jovens do Norte compartilharam.

visitantes, como a professora que nasceu na cidade de Belém e que com muita emoção diz: “eu sou de Belém e fico admirada pelas paisagens daqui. Imagine quem vem de mais longe!”. A figura abaixo descreve esta travessia, viagem dos docentes entre as escolas, no Tocantins.

Figura 9 – Publicação da professora do Norte sobre o rio Tocantins e sua ida as escolas

Fonte: Grupo do Facebook “De lá pra cá”

Assim, esta região é apresentada pela professora do Norte, Prof-N, no relato que ela faz de sua travessia de barco nas águas do Rio Tocantins, por ser o único meio de se movimentar, por isto, os habitantes têm uma relação muito estreita com o rio e com o ambiente.

A Prof-N, nascida em Belém, considera um diálogo do ser humano com a natureza ao poder enxergar as vivas paisagens que falam sem palavras, na sua trajetória até o trabalho. Ela faz vídeos falando das escolas participantes e publica no grupo “De Cá para Lá”, para que os jovens do Sul conheçam esta geografia, vida e seu ser amazônico.

3.2.2 Desde o Sul, Rio Pardo: de uma história a um destino

Longos anos passaram, história de diásporas, para as famílias brasileiras de descendência alemã no Sul brasileiro. Tempos de diálogos de seres humanos imigrantes com a natureza, no seu novo ambiente, no seu trabalho da agricultura em terras novas. Nesta região, as águas do Rio Pardo permitem colheitas proveitosas, e a professora do

Sul, Prof-S, considera importante compartilhar a paisagem que rodeia os jovens desta região, alunos das escolas localizadas no município de Candelária, Rio Grande do Sul, participantes da pesquisa.

Certamente, o rio ajuda a que estas terras fiquem aptas para o cultivo de tabaco[16], soja e outros produtos agrícolas. Além disto, as famílias criam gado para seu sustento, mas isto não seria possível sem o trabalho esforçado do habitante do lugar. Os jovens participantes da pesquisa, inclusive a professora, ajudam as suas famílias no labor do campo, o que os torna donos de saberes valiosos pela sua prática e experiência.

Figura 10 – Publicação da professora do Sul das plantações de tabaco

Fonte: Grupo do Facebook “De lá pra cá”

A reação dos jovens e da professora do Norte a esta postagem foi respeitosa e o interesse deles produziu a interação da [Prof-S] com a [Prof-N] e com [J1-N], que conhecendo o que se faz no Sul ficaram surpresos pelas divergências de costumes e cultivos, segue o diálogo entre eles,

> ***[Prof-N]:*** *Interessante à plantação do tabaco. e totalmente diferentes as regiões, como clima, vegetação, frutas ... ☺ eita mundão!*

[16] Na região, o tabaco é chamado de fumo. As famílias procuram todos os anos ter a melhor colheita do ‘seu fumo’, pois isso é o que sustenta a economia da região. Aqueles que tiverem mais dinheiro tem a opção de plantar soja.

> ***[J1-N]:*** *Muito interessante*
>
> ***[Prof-N]:*** *Faltou mostrar o açaí ... é que por aqui a tecnologia é muito escassa ainda... é algo novo pra nós... Portanto acredito que vamos ficar devendo essa ...* 😑

Expressões como: “Eita mundão” denotam emoção, um outro jeito de estar no mundo. As interações aparecem e os diálogos vão surgindo timidamente, por meio dos comentários e das reações dos jovens, mas principalmente das professoras, as quais motivam a participação dos jovens. As geografias e costumes alimentares são de grande variedade de Norte a Sul, a tentativa foi tornar accessíveis estes saberes, por meio de uma comunicação dialógica pelos participantes da pesquisa.

Os jovens, como as regiões nas que habitam, são diversos, no entanto, já no mundo digital esta diversidade permanece ignorada, por estar em meio a muita informação. Assim, foi e é necessário ser consciente e crítico nos ambientes virtuais para saber-se parte de uma história própria, que, como um rio, tem uma origem e um destino. Outra postagem da Prof - S foi sobre o pinhão (*Araucaria angustifolia*), fruto muito consumido na região nos meses de inverno. Este é um saber alimentar antigo – valorizado pela riqueza de nutrientes deste fruto – passado de geração em geração.

Figura 11 – Publicação da professora do Sul [Prof-S] sobre o fruto da araucária: o pinhão

Fonte: Grupo do Facebook “De lá pra cá”

No Sul, os jovens das escolas Penedo e São Paulo, são em sua maioria descendentes de famílias alemãs. A história regional é muito rica em detalhes na qual as contribuições dos imigrantes para a realidade atual é importante. Segundo a Deutsche Welle, empresa de comunicação internacional da Alemanha,

> A maior parte dos primeiros imigrantes alemães no Brasil eram de camponeses. Mas também vieram muitos artesãos que contribuíram para o início da industrialização no Sul do país. Tanto uns quanto outros procuravam no Brasil condições para progredir que não encontravam mais na Alemanha, explica o historiador Telmo Lauro Müller, autor de mais de 20 livros sobre a colonização alemã no Brasil. (Entrevista[17] publicada em 2004 no site do Deutsche Welle)

Desde 1808, quando houve a abertura das fronteiras brasileiras nesta região, a realidade do Sul foi e ainda é marcada fortemente pela influência dos costumes alemães, foi observado este fato no trabalho no campo, algumas famílias utilizando artefatos que os imigrantes europeus trouxeram para a agricultura que praticavam na região.

[17] Publicação de uma entrevista ao professor Muller, no ano 2004. Accessível em http://p.dw.com/p/4rT4.

3.3 JOVENS EM DIÁLOGO

De acordo com o desenho metodológico utilizado para a realização desta pesquisa, o interesse centra-se na perspectiva dos jovens em relação à suas experiências, aqui desempenham papel importante as interações digitais que ocorrem no espaço criado na mídia social *Facebook* por conta de suas vantagens comunicativas, as quais colaboram com o desenvolvimento de uma ação dialógica sobre a qual se refletiu, considerando suas possibilidades e limitações.

3.3.1 Ir e vir de perguntas postadas

O que é uma Pergunta? Palavra de suma importância para uma educação real. Paulo Freire define-a em a *Pedagogia da Esperança* como uma "curiosidade viva, verdadeira indagação, jamais fórmula mecanicamente memorizada" (FREIRE, 1992, p.8). O ser humano e mais as crianças e os jovens têm a caraterística, na sua essência, de serem curiosos com o que acontece no mundo, convergência que se identifica nos participantes da pesquisa, tanto do Norte, quanto do Sul.

Pode-se perceber a liberdade (até certo ponto limitada[18]) de expressar suas perguntas sobre a outra região, o outro extremo de um Brasil diverso, que tem 'o mundo todo'[19] no seu território. As perguntas mais significativas, feitas pelos jovens a partir das suas curiosidades, se apresentam aqui. Seguindo a metodologia, por meio de perguntas, eles irão dialogando sobre suas dúvidas, curiosidades da outra região. Em procura do conteúdo programático a partir das situações-limite de suas realidades, como aconselha Freire (1987). Assim, eles escolheram o 'seu' tema gerador de diálogo, pois, Sul e Norte do Brasil não se conhecem.

Entre as interações relevantes estão aquelas que representam a realidade do ambiente dos jovens refletida no ambiente virtual, uma delas é a postada no dia 13 de

[18] Limitada por ser um grupo de *Facebook* onde as professoras também eram membros. A limitação dos jovens se percebeu na sua participação, na tentativa de seguir uma instrução, alguns sem saber o que fazer sem ela (!).
[19] Brasil é um país de uma diversidade muito grande, gerações de descendência de muitos países do mundo formam da sua população

novembro de 2017 por uma jovem do Sul em um vídeo no qual fala sobre a infraestrutura da sua escola e faz sua pergunta,

> *Meu nome é [J6-S], a gente agora está na nossa escola, no começo do ano a nossa escola estava passando por reformas, uma reforma geral e daí a gente não tinha como estudar aqui, fomos para uma escola que é longe, fica do outro lado da cidade e era ruim de chegar até lá, e a maioria dos alunos mora nesse bairro aqui, no Rincão. Também agora a gente já* voltou, está muito melhor nossa escola, várias melhorias, coisas novas. Eu estou gostando bastante de participar do projeto e eu queria perguntar ao *[J8-N],* sobre como é o relevo da cidade de vocês. *(Publicação de [J6-S], Candelária, RS).*

Figura 12 – Pergunta de [J6-S], da escola Prof. Penedo, sob o relevo da geografia de Cametá

Fonte: Grupo do *Facebook* “De lá pra cá”

A este questionamento, a professora do Norte respondeu, porque J8-N não tinha acesso à internet nesse dia por razões de baixo sinal e falta de recursos econômicos para comprar créditos telefônicos. É, assim, como um lugar e grupo social vão aparecendo numa outra realidade que já não é desconhecida.

> *Oi [J6-S] aqui na região tocantina o que predomina mesmo no relevo é a planície. Pela foto do lugar notará que é plano. E é assim, como a maioria dos colegas tanto do Pacovatuba e no Tentém não estão com Internet, então me cabe responder por eles pra não deixar sua curiosidade em branco. (Publicação da [PROF-N], Cametá, PA).*

Gerou-se, assim, um interesse sob a geografia da região amazônica para quem assistiu ao vídeo. A curiosidade ganhou forma de expressão por meio da rede, o instrumento de comunicação. De onde poderia sair a melhor resposta? Das pessoas que moram na orla do Rio Tocantins, fonte confiável e real. Logo [J6-S] e todos os participantes da pesquisa que visualizaram este diálogo de saberes ambientais, aprenderam interagindo. Em 26 de setembro [J3-S] perguntou,

> *Olá! Meu nome é [J3-S], eu moro no RS, minha localidade é o Quilombo, interior de Candelária. Eu estudo na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Paulo, localizada na Linha do Rio. Eu tenho 13 anos. E eu quero fazer a minha pergunta pra vocês que é "Quais são os tipos de matas predominantes". (Publicação de [J3-S], Candelária, RS).*

Em muitas perguntas feitas pelos jovens, se percebe que foram pensadas junto as professoras e eles publicam perguntas que tem um modelo como se estivessem prontas, isto tem a ver com o costume que tem os alunos de dependerem de uma ordem ou modelo dentro da escola.

Figura 13 – Pergunta de [J3-S] da escola São Paulo, Candelária, sobre as matas de Cametá

Fonte: Grupo do *Facebook* “De lá pra cá”

Nesta interação [J2-N] respondeu: “Eu irei responder os tipos de matas são MATAS FECHADAS”, esta interação gerou também uma aprendizagem, nesta oportunidade, sobre as matas predominantes na região amazônica, compreende-se que os jovens

podem achar respostas às suas curiosidades e juntos completar o que se aprende na escola.

Os jovens do Sul têm curiosidade, os jovens do Norte vão respondendo e vice-versa, isto anima aos jovens a querer ter novas curiosidades. O meio virtual propicia estas interações diversas que, longe de limitar sua geografia física, pode permitir um tipo de deslocamento a partir das suas ‘novas amizades’.

Em Cametá, as escolas participantes são escolas ribeirinhas que desfrutam de uma natureza exuberante, estão longe do centro urbano e tem a conexão com a internet de baixa qualidade. Ainda assim, acharam a maneira de interagir aproveitando quando o sinal melhorava. E, além disso, aproveitaram da mobilidade da [Prof-N] que mora no centro urbano do município e viaja a Belém frequentemente.

Em uma nova interação, a publicação de [J6-N] gerou um diálogo rico em novidade para os jovens e professora do Sul. A postagem foi feita no dia 22 de outubro de 2017, com a seguinte descrição: “Olá, venho aki trazer algumas frutas daki😍😍caju, cacau, manga, açaí-branco, banana e açaí-preto😍😍 nossas delícias do Tentém e outros locais”.

Figura 14 – Jovens e professora do Norte respondendo às perguntas sob as frutas da região amazônica

Fonte: Grupo do *Facebook* “De lá pra cá” (21 visualizações)

Gerou-se um conteúdo dialógico bem sortido. A Figura 14 mostra as imagens postadas e uma parte do diálogo provocado que é transcrito depois dela. A interação teve como produto o seguinte diálogo, em que a curiosidade foi se revelando por meio de perguntas e respostas,

> ***[J1-S]:*** *O cacau pode comer puro??*
>
> ***[Prof-N]:*** *Dá um pouco de trabalho, mas comemos e depois podemos deixar secar, torrar e fazer chocolate...* 😊☺
>
> ***[J1-S]:****Vale a pena ter trabalho só para depois saborear a vitória hehe* ***[Prof-N]:*** *E com chocolate então, o Sul é mestre ...*
> *Aqui já fazem também experiência do chocolate com o caroço do cupuaçu...*
> 😁
>
> ***[J1-S]:*** Não sei o que é cupuaçu hehe
>
> ***[Prof-N]:*** *Olha aqui o cupuaçu, minha gente! Podemos fazer suco, creme e doce também, seu sabor é um pouco azedo, mas é de uma delícia sem fim...* 😁
>
> ***[J1-S]:*** *Que legal. E fica bom? Imagino o gosto já estou com água na boca* 😀
>
> ***[J7-N]:*** *O cacau além de suas sementes tem o famoso "talo" que comemos dele.*
>
> ***[J1-S]:*** *Que legal*

Esta interação deixa nos jovens do Sul a emoção de saber, conhecer e reconhecer os frutos amazônicos, sua forma de consumi-los e até imaginarem os gostos e sabores. Algumas postagens não obtiveram resposta, somente visualizações, como o vídeo postado por [J5-S] que fez uma pergunta direcionada: “Olá. Minha pergunta é para a aluna [J5-N] da escola Jadielson de Souza Moraes. E eu gostaria de saber quais são os animais predominantes e se tem perigo de extinção”.

Figura 15 – Vídeo postado por uma jovem de Candelária, perguntando à jovem de Cametá

Fonte: Grupo do *Facebook* “De lá pra cá” (19 visualizações)

Nesta postagem, o vídeo publicado só teve visualizações e curtidas, mas não respostas, este é um exemplo de outras postagens que ficaram soltas, quer dizer sem comentários respondendo a curiosidade. Os motivos deste ‘Silêncio na Rede’ são variados, mas convergem numa conectividade e acessibilidade na hora da postagem, além de outros fatores que serão analisados.

Dessa maneira, o cumprimento da segunda etapa da coleta de dados da pesquisa foi feito no período estabelecido, mas o tempo se estendeu por conta da dificuldade dos alunos do Norte por fatores que são relatados nas Limitações e Limitantes desta pesquisa. Houve aprendizagem a partir das interações digitais, as postagens e comentários foram importantes, por outro lado, surgiu uma impactante experiência, não planejada, usando o recurso da sala de chat do *Facebook*. Nem todos os participaram constantemente porque as instruções deixavam os jovens livres para participarem ou não.

3.3.2 Chat: Perguntas e respostas daqui e dali

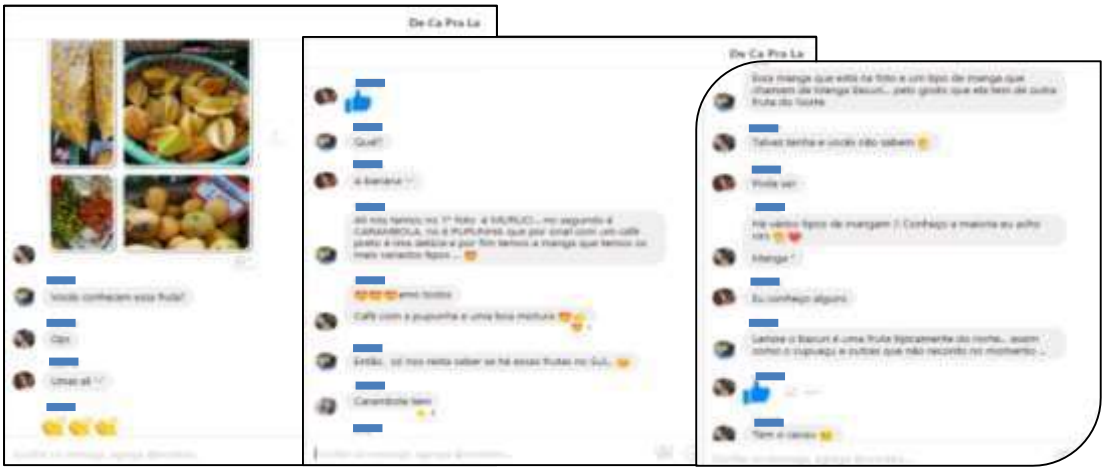
Em determinados momentos, as professoras apresentaram dúvidas ou insegurança sobre as instruções e a necessidade de um diálogo coletivo para esclarecimentos tornou-se imprescindível à criação de um espaço para resolver essa situação. Um espaço adequado para estes questionamentos foi a sala de chat do *Facebook*, cujo uso não foi planejado inicialmente, mas que se revelou útil para o desenvolvimento da pesquisa.

Todos os jovens e todas as professoras estavam incluídos nas conversas realizadas no *chat* e foram desenvolvendo habilidades de participação e construção de questionamentos entre eles. Este espaço virtual permite a comunicação síncrona[20] ou assíncrona e as vantagens de seu uso aumentaram ao emergir maior afetividade com a liberdade para se expressar e a confiança para começar um diálogo a partir das perguntas que não foram postadas no grupo de "De cá pra lá", por timidez ou outro fator.

O tema das frutas retorna nas conversas no chat e a discussão propicia aprendizagens aos jovens e às professoras, como visto nas conversas transcritas a seguir.

[20] Uma comunicação síncrona tem a possibilidade de receber resposta no momento, com quem esteja conectado ao mesmo tempo. A comunicação assíncrona é a que se faz em diferentes tempos, o receptor, qualquer membro do grupo, não precisa responder imediatamente, só no momento em que se conecta, ele pode decidir responder.

Figura 16 – Chat sobre as frutas amazônicas, suas variedades e as formas de comer: interação [Prof-N], 2[J-N] e 2[J-S]



Fonte: Grupo do *Facebook* “De lá pra cá”

A seguinte interação começou com uma pergunta da [Prof-N] no *chat*,

[Prof-N] Vocês conhecem essa fruta? (imagem de diversos frutos)
[J5-N] Ops
[J7-S] Umas ali '-'
[Prof-N] Qual você conhece, [J7-S]?
[J7-S] Mas prefiro doce mesmo [Prof-N] Qual?
[J7-S] A banana '-'
[Prof-N] Ali nós temos no 1° foto é MURUCI... no segundo é CARAMBOLA, no 3 é PUPUNHA que por sinal com um café preto é uma delícia e por fim temos a manga que temos os mais variados tipos ... 😍
[J5-N] 😍😍😍amo todos Café com a pupunha é uma boa mistura 😍👏
[Prof-N] Então, só nos resta saber se há essas frutas no Sul...😊
[J3-S] Carambola tem.
[Prof-N] Manga também, né?
[J3-S] Sim.
[J7-S] Mangá, sim.
[J3-S] As outras eu acho q n tem N tenho certeza
[Prof-N] Essa manga que está na foto é um tipo de manga que chamam de Manga Bacuri... pelo gosto que ela tem de outra fruta do Norte
[J5-N] Talvez tenha e vocês não sabem 🤦‍♀️
[J7-S] Pode ser

[J5-N] Há vários tipos de mangam !! Conheço a maioria eu acho rsrs 🤦‍♀️❤️
Manga *
[J7-S] Eu conheço alguns
[Prof-N] o bacuri é uma fruta tipicamente do norte... assim como o cupuaçu e outras que não recordo no momento ...
[J5-N] Tem o cacau 😊

[Prof-N] [J5-N] A bacaba que eles dizem de açaí branco 😋
[Prof-N] O cacau no Sul é uma covardia, né? Só o chocolate que fazem lá... que delícia! Penso que e2nem o açaí aqui, é assim na região de vocês: [J7-S] e [J6N]?
[J3-S] Como?
[Prof-N] O cacau que faz o chocolate aí é que nem o açaí aqui... fazem o melhor chocolate do Brasil...Amo os chocolates daí... já tive oportunidade de comer... 😀
[J3-S] Acredito eu q n E uma pergunta, que frutas vocês consomem mais no Sul? Fiquei curiosa, afinal já dissemos quais nós consumimos aqui...😁
[J6-N] Vdd
[J7-S] Eu acho q a laranja

Fonte: Grupo do *Facebook* “De lá pra cá”

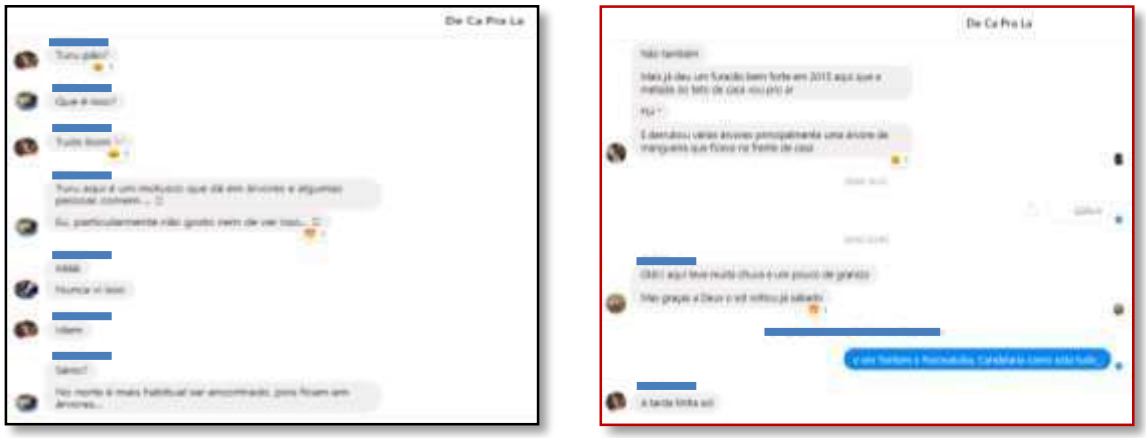
Desse modo, uma vez mais o tema “frutas amazônicas” produz aprendizado nos participantes pela diversidade de saberes compartilhados. Outro tema que fez que os jovens ficassem curiosos por conhecer novas formas de fala, foram as gírias do Sul e seu significado no Norte. Segue um diálogo iniciado com a peculiaridade das saudações que tem palavras regionais, que causam interesse e risos,

[J1-N]: Boa noite
[J3-S]: Bah Noite **[J7-S]** Turu pão?
[Prof-N]: Que é isso?
[J7-S] Tudo bom '-'
[Prof-N] Turu aqui é um molusco que dá em árvores e algumas pessoas comem ... Eu, particularmente não gosto nem de ver isso.
[J1-N] Kkkk Nunca vi isso
[J7-S] Idem
[Prof-N] Sério? No norte é mais habitual ser encontrado, pois ficam em árvores... **[J7-S]** Ss
[Prof-N] Gabriel precisas vir conhecer... 😄 Só não vou pro Sul por causa do frio... 🙈 😔
[J7-S] Q frio 😂
[J3-S] Vem no verão ué
[Prof-N] Aqui é calor ... O verão de vocês já é frio ... o calor aqui chega aps 40' ... 😅
[J7-S] Aqui está Calor
[Prof-N] Calor ou frio?
[J7-S] Calor

Fonte: Grupo do *Facebook* “De lá pra cá”

Cada tema de interação que gera aprendizagem cumpre as condições para ser um diálogo porque as informações são novas e ditas com respeito e na escuta atenta do outro, indicador de reciprocidade sempre presente nos participantes.

Figura 17 – Chat sobre as gírias e o clima, no Norte e no Sul do Brasil: Interação entre [Prof-N], [J1-N] e [J8-S]



Fonte: Grupo do *Facebook* “De lá pra cá”

Por exemplo, no tema do clima, as interações revelaram mudanças nas intensidades climáticas vivenciadas nos últimos anos no município de Cametá, Pará, como chuvas, tormentas ou ventos fortes que chegam no verão (meses de dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril e maio). Os jovens têm lembranças de árvores ou casas derrubadas e população atingida pelos fenômenos naturais, fora do normal em alguns anos, como se lê na seguinte intervenção,

> **[Prof-N]:** o clima não era assim, o tempo mudou muito, vimos hoje que a partir de dezembro já começava a chover com maior intensidade e só parava em torno do mês de maio, e já começava intercalando com o sol ... portanto houve muitas mudanças climáticas sim... Não vi... aqui semana retrasada uma ventania muito forte que destelhou várias casas e derrubou várias casas... Desculpa... várias casas não 😅foram árvores... 😔
> **[J5-N]:** Não também. Mais já deu um furacão bem forte em 2015 aqui que a metade do teto de casa vou pro ar. Foi * E derrubou várias árvores principalmente uma árvore de mangueira que ficava na frente de casa

Por fim, se percebe que o *chat* foi um espaço onde os jovens se sentiram mais confiantes de escrever suas perguntas e respostas. Nesta segunda etapa, a movimentação de saberes dialogados no grupo da rede social se afiançou e considerou o contexto físico e meio ambiente dos participantes, que ainda tendo realidades distantes sofrem mudanças, transtornos, transformações e outros acontecimentos, que são entendidos se escutados com atenção e empatia.

Ali e aqui os jovens imaginaram a geografia, a natureza, as comidas, o clima, as falas e outros detalhes de seus semelhantes a partir destas interações. Deste modo, o conteúdo programático estava pronto e seguindo a metodologia que propõe Paulo Freire para uma pedagogia dialógica, a partir das curiosidades dos jovens, protagonistas da pesquisa. Assim, a terceira e última atividade esteve pronta para acontecer, com uma melhora na base do diálogo e entendimento com as professoras e os jovens.

3.3.3 Minirreportagem

Avançando com o cronograma e as instruções construídas em diálogo com as professoras, os jovens foram respondendo suas curiosidades na segunda etapa. Já no terceiro e último momento da pesquisa, período de fazer uma minirreportagem (Instruções detalhadas no Apêndice B), os jovens de cada escola guiados pela professora, postaram seus vídeos falando sobre sua região e respondendo de maneira criativa as perguntas que se fizeram na etapa anterior.

No período de novembro e dezembro de 2017, o tempo para cumprir a última instrução, os jovens se organizaram para cumprir os prazos e as atividades. Registraram-se vídeos em que eles expõem seus saberes sobre seu meio ambiente e fazem entrevistas com pessoas de mais idade para saber dados históricos, enriquecendo suas produções.

É a escola São Paulo, da Linha do Rio, interior de Candelária, localizada na orla do Rio Pardo que começa a publicação das minirreportagens seguindo o planejado. O vídeo foi produzido de forma colaborativa pelos cinco jovens da instituição guiados pela professora, [Prof-S], o tema foi *Seu Rio*.

[J4-S]: *Olá, no nosso reportagem vamos falar de nosso rio, o Rio Pardo que tem muitas afluentes. É com nossa colega [J2-S] que irá mostrar uma da suas afluentes.*

[J2-S]: *Este o rio Pardo, próximo a escola "São Paulo" da Linha do Rio, onde podemos ver um encontro do arroio Quilombo que vem ser um de seus afluentes, agora vamos para uma outra localidade. E é nossa colega [J5-S] que ira falar.*

*[**J5-S]:*** *Estamos aqui num afluente do rio Pardo que o arroio Paso Sete, e aqui esta construída a Ponte do Império, que esta localizada a 17 quilômetros de nossa cidade.*

Figura 18 – Compartilhando minirreportagem sobre o Rio Pardo, seus afluentes e história

Fonte: Grupo do *Facebook* "De lá pra cá"

Depois da descrição feita pelos jovens alunos, o Rio Pardo não é mais desconhecido no grupo "De Cá para Lá", admira-se a capacidade dos jovens para um trabalho em equipe, na escrita de seu roteiro, na pesquisa da sua região e a produção do seu vídeo. Os jovens da escola São Paulo, da Linha do Rio, Candelária [J1-S..J5-S] falaram do 'seu rio' e o importante que é para as famílias de lá. Tem muita estória para se contar e se escutar, agora eles são conscientes do valor que tem este rio para o habitante desta região e que está implícita no seu viver diário, mas precisa de uma confirmação, que é outro indicador de diálogo proposto por Buber (2001 [1923]) na sua filosofia dialogia do ser humano.

A escola "São Paulo" está localizada numa margem do Rio Pardo e alguns alunos atravessam uma ponte de madeira para assistir aulas. No processo de cumprimento da terceira instrução da pesquisa, os jovens tiveram que se reunir e um deles até entrou no

rio para fazer uma boa reportagem, postar no *Facebook* e ganhar curtidas. Levaram a sua realidade física e geográfica a seu outro habitat, o virtual, na rede.

Os jovens relataram que o dia da gravação se tornou um dia divertido nas palavras de [J1-S]: “Otimo dia de gravação :) ! Confesso que deu vontade de pular na água :D!”. Dia cheio de movimentação e de aprendizado compartilhando saberes sobre o ambiente, e quem visualizar este vídeo verá que os protagonistas são os jovens.

Figura 19 – Compartilhando o dia de gravação da minirreportagem da escola São Paulo, Linha do Rio

Fonte: Grupo do *Facebook* “De lá pra cá”

Observa-se, assim, que ter um espaço de interação com a natureza é valorizado pelos jovens e pela professora. Esta experiência movimentou subjetividades e foi compartilhada com os jovens do outro extremo do país.

A postagem seguinte foi da escola Professor Penedo, com o tema da cidade de Candelária. Os jovens [J6-S..J10-S] fizeram uma descrição da sua cidade, conhecida por se achar restos de animais pré-históricos. A visita ao museu principal e entrevista com o paleontólogo encarregado enriqueceu a produção audiovisual. Além disso, num outro vídeo, se fala do Cerro Botucaraí, atrativo turístico de uma história impactante e que especialmente na Semana Santa adquire importância religiosa na região. Transcreve-se aqui só uma parte significativa da fala dos jovens, isto pela limitação de um documento escrito porque os vídeos são ricos em informação e foram feitos com muita criatividade:

[J6-S]: *Olá, meu nome é [J6-S] hoje vamos falar sob as belezas naturais de*

Candelária, considerado um dos maiores morros isolados de Rio Grande do Sul. É com você [J10-S] quem irá falar soba beleza natural do Cerro Botucarai.

***[J8-S]**: O Cerro Botucaraí possui uma altitude de 560 metros em relação ao mar, importante ponto turístico de Candelária[..] Há varias lendas que o cercam, é disso que vai falar minha colega [J10-S]. É com você,*

***[J10-S]:** Muitas lendas se tem acerca do Cerro Botucaraí, a principal delas é sob o monje João Maria D'Agostini que se refugiou lá. Às sextas-feiras santas a gente sobe para pagar promessas e buscar água santa abençoada pelo Cerro Botucaraí.*

***[J9-S]:** Olá, sou [J9-S] hoje também falaremos sob os esqueletos paleontológicos da cidade de Candelária. Canelaria é a cidade mais rica em f*ósseis que há no mundo, e é o que meu colega vai explicar. É com você [J7-S].

*[**J7-S]:** (Entrevista ao encarregado do Museu* Municipal Aristides Carlos Rodrigues em Candelária*).*

Figura 20 – Compartilhando minirreportagem sob a *cidade de Candelária* e seus atrativos

Fonte: Grupo do *Facebook* "De lá pra cá"

Uma vez mais se ressalta o trabalho esforçado e colaborativo dos jovens alunos para cumprir a instrução dada. A riqueza dos aprendizados depende da atitude e disposição ao diálogo, outro indicador importante para esta pesquisa, Paulo Freire e Martim Buber convergem nesta característica do diálogo.

Só os alunos do Sul fizeram vídeos de suas minirreportagens, os jovens do Norte não participaram com comentários neste momento da pesquisa. O motivo desta pouca participação dos jovens da região amazônica foi o sinal fraco da internet e pelo fato de a professora do Norte estar longe deles por diversos motivos. Ressalta-se que todos os jovens da região Sul se esforçaram muito para realizar o trabalho, o que foi valorizado pelos participantes da pesquisa que visualizaram os vídeos.

Esta movimentação de saberes que tocam subjetividades chegou à direção das escolas, as que ficaram exultantes pelo potencial e criatividade dos seus alunos. Além disso, o repositório destas produções está disponível, no espaço dos jovens alunos na rede, para futuras atividades e experiências educativas, comunicativas e dialógicas.

3.4 INTERPRETAÇÃO DA AÇÃO DIALÓGICA "DE CÁ PARA LÁ"

3.4.1 Da Interação digital

A participação dos jovens alunos e professoras, com a produção de seus vídeos e compartilhando seus saberes sobre seu entorno com outros alunos, enriqueceu o diálogo proposto, através das publicações, os comentários, as curtidas e, principalmente, nas interações no *chat* se percebe que o objetivo da pesquisa foi formando parte de cada sujeito da pesquisa.

As interações nas atividades no grupo de *Facebook* "De Cá para Lá" se caracterizaram pela criatividade e pelo esforço que as professoras puseram para interagir dinamicamente.

A rede oferece recursos para aprender e ensinar em colaboração, no caso desta pesquisa se usa o *Facebook* por ser uma plataforma muito frequentada pelos jovens em comparação as outras. Muitos pesquisadores estão usando as redes sociais aproveitando as vantagens de ser "um processo de socialização, algum tipo de interação coletiva e social, presencial ou virtual, que pressupõe a partilha de informações, conhecimentos, desejos e interesses" (FRANCO, 2012, p. 117).

A concepção educomunicativa e dialógica desta pesquisa é apoiada sob a base freireana e guiada por um diálogo com outros autores que mergulham no significado das relações a distância e fazem interpretações das interações abertas e infinitas entre indivíduos, que podem ser verbais, visuais, sonoras e outras, como define Bakhtin (2012),

> O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra "diálogo" num sentido amplo, isto é, não apenas como a

> comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2012, p. 117)

Desse modo, o sentido do diálogo em um contexto determinado é importante para chegar à compreensão ativa entre os sujeitos. Se deduz assim que o ato de compreender pressupõe o princípio dialógico da noção de alteridade. O *Facebook* é só um de tantos meios para atos de linguagem que os jovens participantes desta pesquisa usam para interagir nas redes sociais da internet e que estão produzindo também novas identidades na geração atual. Este tema não será analisado nesta pesquisa, mas convém estarmos cientes do impacto que tem esta tecnologia na juventude e na sociedade geral, cabe aprender, ensinar e ser crítico ante esta realidade.

É assim que os jovens compartilharam, ensinaram e dialogaram seus saberes, por intermédio da produção e do compartilhando de vídeos, imagens e textos, o que possibilitou o estreitamento de vínculos entre suas identidades, suas culturas, suas geografias e outras aproximações.

3.4.2 Das situações-limite e limitantes

As situações foram emergindo de cada atividade proposta, por exemplo, na primeira etapa, as professoras e jovens ficaram empolgados[21] com as possibilidades de manifestar sua curiosidade e fazer novas amizades no outro extremo de Brasil.

Nesta etapa, o conteúdo programático da *Pedagogia do Diálogo,* proposta por Paulo Freire, é baseada nas situações-limite que surgem da realidade do jovem ao olhar o seu contexto e enxergar suas necessidades, dúvidas e questionamentos. Mergulhados nas suas procuras na internet, oceano de informações, há possibilidade de naufragar ou girar em torno de um dado incorreto, perdendo tempo. Neste contexto, uma fonte de informação direta, quer dizer de outro jovem que esteja numa outra realidade, esclarecia dúvidas de maneira confiável.

---

[21] Que significa que está cheio de entusiasmo, alvoroçado, motivado, inspirado com a pesquisa, essa foi a atitude e palavras expressadas por [J1-S] se manifestando assim em muitas oportunidades.

Com a pesquisa em andamento, os riscos foram tomados em conta sempre, como o de manter os princípios da metodologia da pesquisa, em um agir e refletir apropriado, e a de manter um ambiente virtual seguro para os participantes, preservando o anonimato dos nomes dos jovens protagonistas da pesquisa na análise e apresentação dos dados coletados.

O processo da pesquisa esteve sempre acessível para os alunos e professores, bem como aos diretores das escolas e pais dos jovens, pois, ainda que se trate de um grupo fechado do *Facebook*, quem deles tivesse interesse, tinha acesso ao grupo e ainda que sem poder interagir, poderiam acompanhar as atividades.

Os resultados serão difundidos por meio de publicação de artigos científicos. Além disso, os resultados desta pesquisa podem servir de apoio na elaboração de propostas futuras por parte das professoras para as escolas participantes. Prevê-se um vídeo ou cartilha que resuma a dissertação para cada escola participante como parte da difusão de resultados, último passo da metodologia da pesquisa-ação. O vídeo 'De cá para lá' teria as publicações dos jovens no grupo de *Facebook* junto com a teoria, a mais importante base esta pesquisa, para que finalmente cada participante possa se sentir um tempo de diálogo com aprendizados de saberes compartilhados.

Aspectos Positivos

Ao longo das atividades da pesquisa é importante que se ressalte a emoção que provocou nos jovens e nas professoras a novidade que representou saber sobre lugares geograficamente distantes pela visualização nas telas dos seus celulares conectados à rede, usando uma mídia social, como o *Facebook*.

Distâncias e tempos já não são limitantes com as novas tecnologias de comunicação, a educação estuda a forma de aproveitar estas vantagens, no entanto, é indispensável sermos críticos diante da movimentação de informação, inclusive falsas, que essas tecnologias possibilitam.

Entre as professoras, o afeto surgiu imediatamente, na interação pelas redes sociais, vencendo distâncias com a tecnologia. A professora do Norte, a professora do

Sul e pesquisadora, formaram um “triálogo”[22], que se materializou através de um grupo de contatos em outra rede social tão popular quanto o *Facebook,* o *Whatsapp*. Elas são educadoras que questionam e refletem sobre as realidades dos seus educandos. Paulo Freire fala daqueles educadores que a educação precisa, aqueles que problematizam sobre o que acontece na escola e fora dela com os educandos e esta foi uma característica e aspecto fundamental para a pesquisa ir adiante, visíveis na reação das professoras diante de qualquer dificuldade, levando a pesquisa adiante.

Esta característica facilita e permite que as professoras, pesquisadoras na sala de aula, se sintam animadas e inspiradas pelas oportunidades de compartilhar os saberes de seus jovens-alunos. Percebe-se que não olharam para o esforço adicional e tempo que esta pesquisa requereu delas, para cumprir as instruções não obrigatórias, que foram à guia para fazer desta travessia uma viagem com propósito. Os resultados, ainda que não sejam perfeitos, compensaram qualquer esforço adicional e motivaram para todos a esperar uma nova versão da pesquisa, com certeza com muitos aprendizados da primeira experiência.

Mergulhando nas conversas e diálogos que levam a imaginação longe, se acham necessárias visões que podem desconstruir e reconstruir significados dos preconceitos ou preconcepções da outra região. Verificou-se isto nas reações das professoras ante as interações dos três momentos da pesquisa. Atendidas as perguntas dos jovens por respostas de outros da mesma idade, se ampliou a possibilidade de saber ‘*em primeira mão’*[23], o que acontecia em outras realidades distantes (não só o referido a geografia, mas os mais variados temas do ambiente que os circundam). Os pequenos-grandes detalhes surgem das relações entre duas essências, o que se confirma na teoria.

> Para que uma pessoa avalie como reais suas percepções, é preciso que exista um expectador, alguém com quem compartilhar o fenômeno vivido. É preciso um reconhecimento [...] extremamente necessária para a elaboração e a produção de significados, desde que não se torne a forma predominante de relação com o mundo. (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010, p. 7778).

[22] Triálogo, substantivo masculino que significa interlocução que ocorre entre três indivíduos; comunicação entre três formas de expressão.

[23] Expressão que alude a algo que é novo, desconhecido, não usado anteriormente. Na pesquisa, uma expressão dos jovens foi ‘*Ela nos disse a notícia em primeira mão’.*

O ser humano, um ser de relações, precisa sentir e dialogar sobre seu relacionamento com o seu ambiente para confirmar a sua existência nele, algo que pouco se faz nestes tempos corridos da sociedade atual. Segundo Paulo Freire e Martim Buber, autores nos quais se baseia a teoria dialógica desta pesquisa, convergem em que *o homem não se faz sozinho, e sim na coexistência*. Os jovens, além de criar um vídeo falando de seus saberes e percepções sob sua região e seu mundo, o compartilharam, o que, "não é um simples Ele ou Ela limitado por outros eles ou Elas, um ponto inscrito na rede do universo de espaço e tempo. [Mas] Ele é Tu, sem limites, sem costura, preenchendo todo o horizonte" (BUBER, 2006 [1979], p.57).

Desse modo, os aspetos positivos foram inspiradores, no entanto, o que surgiu a partir da experiência sempre se valoriza pelo aprendizado, em que os aspectos negativos alertam a tomar cuidado e aos participantes da pesquisa, especialmente, a pesquisadora e as professoras devem guardam estas aprendizagens para aplicá-las em futuras experiências.

Aspectos Negativos

No processo da materialização de um possível diálogo entre os participantes da pesquisa foram emergindo algumas problemáticas a serem refletidas, por exemplo, na primeira etapa, momento de apresentação, a instrução tinha a palavra "livre" enfatizada para que os jovens pudessem se sentir à vontade para se apresentar, mas esta possibilidade não é contemplada quando eles sabem que é uma atividade da escola, assim necessitam de instruções detalhadas.

Será um aspecto negativo porque a pesquisa precisa um agir dos jovens, sem muita intervenção das professoras e pesquisadora, para registrar um antes da mudança proposta conforme requer a metodologia escolhida.

Esta necessidade dos alunos de serem guiados em tudo pela escola, impedindo-lhes de ser propositivos em qualquer atividade relacionada ao meio escolar, minando a sua criatividade, fez com que estivesse sempre esperando que a professora fizesse 90% das propostas, isto aconteceu marcadamente nos jovens do Norte de Brasil, região amazônica, "onde os jovens aceitam, tudo o que a lhes falamos, lhes falta ser críticos e

ter opinião própria, e essa timidez que desespera no caso de não poder lidar com ela impede muitas coisas" (fala da [Prof.-N], julho de 2017).

Nos jovens do Sul se percebeu uma participação em todas as atividades pelo rápido acesso à internet, no entanto, algumas delas se tornaram mecânicas, quer dizer, todos os jovens faziam o mesmo que o outro (algumas vezes a ideia nascia na professora e isso ia se repetindo), isto se percebeu claramente na segunda etapa. Na terceira e última atividade, a produção de uma minirreportagem, eles se tornaram cheios de ideais novas e propostas, ou seja, eles entenderam o seu protagonismo e isso exige da pesquisadora e as professoras, comunicação e diálogo continuo que pelas distâncias e acessibilidade se tornou difícil em alguns momentos

Seguindo o relato do que faltou fazer se chega à sistematização que exige uma pesquisa-ação, que é muito estrita, e tem que estar em constante atualização. No entanto, os resultados estão presentes e são boas referências para novas pesquisas, percebeu-se que uma melhor organização teria dado resultados mais abundantes, que certamente não caberiam em uma dissertação de Mestrado, pois, existem dados, diálogos, interações e publicações que ficam pendentes de ser analisados, porque neste escrito se apresentam só os mais importantes interagires.

Silêncio na Rede

Outro aspecto importante é a peculiaridade de cada jovem, características pessoais, como a timidez ou a eloquência, que os motivava ou os impedia de participar no grupo de *Facebook* por meio de comentários ou nas conversas do *chat.* A professora do Norte viu como grande desafio lidar com a timidez de seus alunos, o que foi o principal motivo para que as postagens da região fossem poucas em comparação com o Sul.

Reconhece-se o valor da 'disposição ao diálogo' considerando o outro, que até um tempo atrás só conhecia de ouvidos das mídias de massa, mas que já eram parte de seu círculo de amizades dentro de seu espaço, o grupo "De Cá para Lá". Olhando para os resultados da movimentação de saberes que esta pesquisa provocou na subjetividade dos participantes, incluída a pesquisadora, percebe-se que aqueles

silêncios também ensinaram algo aos participantes, “na reflexão da situação” se acharam as possíveis respostas.

Do outro lado estava o jovem que não participava escrevendo ou perguntando ou postando, mas lendo o interagir dos outros, isso não sendo tão efetivo gerou também um tipo de aprendizado.

Segundo Paulo Freire, uma tentativa de comunicação sem palavras pode ser positiva ou negativa. No processo desta interação digital se corrobora que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, na ação-reflexão” (FREIRE, 2008, p. 90). Verifica-se que os jovens que mais comentaram as postagens tinham um aprendizado melhor, pois foram resolvendo dúvidas de participação no andamento da pesquisa.

Por outro lado, Freire (2008, p. 56) argumenta, “mas há um silenciar que a educação precisa cultivar. É aquele silêncio que torna possível o verdadeiro diálogo, a palavra autêntica. Quem não escuta não pode falar”, publicar e aprender a interagir para dialogar, completando a sentença deste pedagogo do diálogo, que se manifesta contra invasões culturais, mas que baseia sua teoria antidialógica da ação, fato do qual não se pode fugir na rede de internet, nas redes sociais e na vida.

Por fim, após um período de adaptação, os alunos começaram a se familiarizar com este novo contexto, a utilizar as várias ferramentas que a rede social disponibilizava e a participar nas atividades propostas. A realidade geográfica e tecnológica da Amazônia gerou a dificuldade na conexão e organização dos jovens do Norte porque para eles se reunirem fora da escola era muito complicado, pois na orla de um rio tão grande como o Tocantins o transporte, um barco, depende de mais fatores para se movimentar.

Vencendo os silêncios, que são um indicador para esta pesquisa, os jovens que só visualizaram as publicações aprenderam e tem um espaço onde eles acham seus vídeos, produções de saberes que compartilharam sobre sua região. Enfim, como defende Paulo Freire, os silêncios podem ser positivos ou negativos, dependendo da atitude e disposição de quem participa no diálogo.

3.5 SABERES COMPARTILHADOS, DOS MEANDROS ATÉ AS CORRENTEZAS

Nesta movimentação de saberes que tocam subjetividades, na tentativa de fazer uma avaliação das experiências da pesquisa se procurou realidades e tomando como base os dados estatísticos, se apresentam tabelas sobre o uso da tecnologia nas escolas brasileiras a partir de instituições sérias, como o CETIC,

> O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) tem desenvolvido, no Brasil, pesquisas anuais sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) [...] a disseminação e o uso dessas tecnologias aumentam cotidianamente, de forma significativa, criando novas formas culturais, principalmente entre os jovens que estão presentes nas escolas e nas universidades. Assim, percebe-se que a cada novo desenvolvimento de meios de comunicação, novas formas culturais são criadas pelos praticantes que deles se apropriam, recriando seus usos (LUCENA, 2016, p.279).

Os jovens criam conteúdos para se apropriar das novas ferramentas e recursos que oferecem as redes sociais. As formas culturais que nascem de jovens que criam e recriam formas de expressão merece atenção e análise. Esta pesquisa se centra na essência dos jovens e professores do norte e sul, seres ‘conectados’, cada um com suas características, peculiaridades, culturas, geografias e acessibilidades.

Escolheu-se um território dentro da internet onde se mistura a geografia de um país extenso como o Brasil, com dois extremos, norte e sul, dialogando saberes sobre seus ambientes que surgem da história, das vivências e subjetividades de cada participante. O cenário, o *Facebook*, facilitou a participação de todos, pois é a rede social mais conhecida com bons recursos, que podem se aplicar na educomunicação.

3.5.1 Do Sul ao Norte: a figura de um possível meandro

As relações feitas pelos participantes desta pesquisa educomunicativa, num mundo de contatos, como o *Facebook*, permite um espaço seguro para um diálogo aproveitando as vantagens deste entorno virtual. Assim como na trajetória de um rio, onde as formas vão surgindo a cada detalhe da natureza, pois há seres que vivem nos mais diversos meandros, depois de prestar atenção no ambiente do outro, foi possível entendê-lo, isso gerou reciprocidade num diálogo.

As interações vão surgindo, como as gotas da chuva que rompem a superfície lisa da água até então estacionada, formando figuras diversas apresentando as paisagens, rios, barcos, cascatas, cerros, árvores, frutas etc. Toda imagem, vídeo e compartilhar provoca uma movimentação que leva a entender um pouco mais a história daquele lugar.

No Norte brasileiro está Cametá, que sempre terá um porto pronto onde atracar para os visitantes que chegam lá por meio de barco ou fazendo uma comparação no território virtual, usando a rede de um celular, pois é possível também chegar e se conter.

Lugar distante geograficamente, convida a conhecer Candelária, lugar de muitas histórias, cascatas, rios e pontes. As distâncias, contudo, desaparecem para quem está conectado ao oceano de informações que é a internet onde os jovens têm o mundo acessível o tempo todo em suas mãos.

Um meandro é uma curva pronunciada que forma um rio em seu curso. Os rios da Amazônia oferecem uma visão cheia de meandros ao visitante que chega de avião. Embelezam a região, estas imagens, em que a sabedoria da natureza procura seus próprios caminhos para que suas águas cheguem onde tem que chegar, onde seres convivem nos mais recônditos espaços, e é a [Prof-N] que faz postagens do Rio Tocantins, descrevendo a trajetória que ela faz dia a dia para ir à escola onde ensina.

Figura 21 – Professora do Norte apresentando suas emotivas viagens as escolas no Rio Tocantins

Fonte: Grupo do *Facebook* “De lá pra cá”

Prestando atenção no rio e seus espaços, percebemos algumas curvas reduzidas onde é difícil navegar para os barcos, nesses setores do rio se precisa de bons motoristas. A vida, no entanto, não deixa de surpreender aos passageiros com o espetáculo de seres que vivem e convivem nesse contínuo fluir.

Os jovens ficaram surpresos pelas convergências e divergências em seus ambientes. O transporte escolar é uma das divergências. Na região tocantina tem-se escolas nas quais os alunos enfrentam algumas dificuldades para chegar a suas salas de aula em épocas quando o nível das águas não é favorável. No Rio Pardo, no Sul do Brasil, os meandros são menores em tamanho e profundidade, o baixo nível de água permite atravessar a pé em alguns setores e em outros há pontes.

Toda esta experiência natural pode-se comparar os meandros das relações feitas entre jovens e professoras do norte ao sul brasileiro, que se converte em,

> um *habitus [...]* que se caracteriza, dentre outros fatores, pela intensa imersão nas culturas digitais. São jovens que já não aceitam mais formas convencionais de ensinar e aprender, pois aprenderam, com as tecnologias e as redes, a interagir, a produzir e a publicar (LUCENA, 2016, p.277).

Esta proposta de diálogo através de uma rede social é movimento que vai dar uma nova perspectiva nos meandros de uma proposta educacional que pode utilizar a mediação tecnológica.

3.5.1 Do norte ao Sul: os possíveis redemoinhos na correnteza

O Rio Tocantins é apresentado pela professora do Norte, através de vídeos de suas travessias que faz cada dia até as escolas onde ela trabalha, nas Ilhas de Tentém e Pacovatuba. Certamente cada viagem se converte em uma emoção única diferente ao dia anterior, disto fala suas postagens, desde a paisagem até o ruído do motor do barco que a transporta e que se escuta em toda a gravação do seu vídeo.

Um redemoinho, fenômeno da natureza que é um movimento forte em espiral, exige a atenção de quem o assiste. Deixar o que estiver fazendo para poder atender as possíveis consequências de um agir é uma atitude coerente e que o pesquisador tem que fazer ante cada situação-limite dentro da metodologia usada, como, por exemplo, a falta de participação dos jovens do Norte pela conexão dificultosa.

No outro extremo do país, a professora do Sul compartilha no grupo “De cá para lá” uma dica a mais para conhecer a região além de lugares turísticos com cascatas, como a do Véu da Noiva de Arroio Grande (Figura 22).

Figura 22 – Professora do Sul apresentando as paisagens de grandes quedas d’águas da região

Fonte: Grupo do *Facebook* “De lá pra cá”

As professoras e os jovens, através do *Facebook*, foram passando por etapas, de correntezas até redemoinhos e logo outras correntezas. Assim, se representam as interações, diálogos e amizades feitas.

3.5.2 Contribuições da pesquisa, indicadores de diálogo e saberes valorizados

As redes sociais permitem uma interação com o jovem que por agora nenhum outro meio tem, destacando as possibilidades imediatas de resposta como quando se usa o recurso do *chat*. Hoje, não só os jovens, mas a maioria das pessoas dificilmente passa muito tempo sem acessar o *Facebook* e outras mídias sociais, por isto é preciso perceber a oportunidade e aproveitá-la na educação, já que os jovens podem interagir-ensinar e aprender criativamente compartilhando seus saberes, pronunciando e recriando o seu mundo e ambiente pelas suas próprias palavras.

Nesse sentido, acha-se uma forma de materializar o dialogismo de Paulo Freire, baseado no respeito, fé e amor numa interação mútua de compromisso de professoras-pesquisadora e jovens-curiosos do mundo que aparentemente se limita a uma tela. A interação mútua é uma relação de diálogo na medida em que cada sujeito que compõe esta pesquisa educomunicativa tem a possibilidade de intervir, perguntar, responder, criar e modificar em uma relação de igualdade.

Segue a tabela com alguns dos saberes ambientais dialogados, na base de ter um resumo dos saberes compartilhados em diálogos específicos e de detectar os indicadores já mencionados no referencial teórico, que se apresentam em cada situação:

Tabela 7 – Resumo dos resultados do conteúdo dos saberes compartilhados no grupo “De cá para lá”

Tema	Saber ambiental	Interação	Diálogos compatilhados	Indicador
Frutas Amazónicas	Sobre o cacau	[Prof. N] [J-N] [J-S]	***[J1-S]:*** *O cacau pode comer puro??* ***[Prof-N]:*** *Dá um pouco de trabalho, mas comemos e depois podemos deixar secar, torrar e fazer chocolate* ***[J7-N]:*** *O cacau além de suas sementes tem o famoso "talo" que comemos dele.*	*Reciprocidade, respeito, construção de conhecimento* *Horizontalidade na relação professora e jovem* *Interpelação e resposta ação reciproca dos jovens*
	Carambola, Cajú, mangos, bacaba, açaí, pupunha	Prof. N] [J-N] [J-S]	***[Prof-N]:*** *a 1° foto é MURUCI... no N CARAMBOLA, no é que por sinal com um café delícia e por fim temos a temos os mais variados tipos ...* 😍 ***[J5-N]:*** 😍*amo todos* *Café com a pupunha e uma boa mistura* 😍👏 *Vocês conhecem essa fruta?* ***[J7-S]:*** *Umas ali '-'*	*- Reciprocidade, respeito, construção de conhecimento* *Horizontalidade na relação professora e jovem* *Interpelação e resposta ação reciproca dos jovens*
Frutas Gaúchas	Sobre pinhão, laranja e outras	[Prof. S] [J-N] [J-S]	***[Prof-S]:*** *O pinhão fruto das Araucarias. Típico do inverno. Meses de muito frio.* *Reação de 13 curtidas e 26 visualizadas.*	*- Reciprocidade, respeito, construção de conhecimento*
			[J6-N]: *Acredito eu q n* *E uma pergunta, que frutas vocês consomem mais no Sul?...*😁 ***[J6-S]:****Eu acho q a laranja* ***[J7-S]:*** *Tem várias na vdd.*	*Horizontalidade na relação professora e jovem* *Interpelação e resposta ação reciproca dos jovens*
Matas no norte	Sobre as matas predominantes na região tocantina	[Prof. N] [J-N] [J-S]	***[J3-S]:"****Quais são os tipos de matas predominantes lá?”* ***[J2-N]:*** *“...são as MATAS FECHADAS”*	*Reciprocidade, respeito, construção de conhecimento* *Interpelação e resposta ação reciproca dos jovens*
Geografia do Norte	Sobre relevo de Cametá, Pará, Norte de Brasil	[J-N] [J-S]	***[J6-S]:*** *Como* é o relevo da cidade de vocês? ***[J8-N]:*** *aqui na região tocantina o que predomina mesmo no relevo é a planície pela foto do lugar notará que é plano*.	*Reciprocidade, respeito, construção de conhecimento* *Interpelação e resposta ação reciproca dos jovens*

Peculiaridades Linguísticas dos Jovens do Sul	Sobre gírias do Sul e Norte	[Prof. N] [J-N] [J-S]	***[J7-S]:****Turu pão?* ***[Prof-N]:*** *Que é isso?* ***[J7-S]:****Tudo bom '-'* ***[Prof-N]:*** *Turu aqui é um molusco que dá em árvores e algumas pessoas comem ...* *Eu, particularmente não gosto nem de ver isso..*	*Reciprocidade, respeito, construção de conhecimento* *Horizontalidade na relação professora e jovem* *Interpelação e resposta ação* *Reciproca dos jovens* *Confirmação inter-humano e com a natureza*
Clima	Sobre a temperatura no momento através do *chat* e os desastres naturais que passaram	[Prof. N] [J-N] [J-S]	***[Prof-N]:*** *Não vi... aqui semana retrasada uma ventania muito forte que destelhou várias casas e derrubou várias arvores...* ***[J5-N]:*** *Não também. Mais já deu um furacão bem forte em 2015 aqui que a metade do teto de casa vou pro ar.* *Foi * E derrubou várias árvores principalmente uma árvore de mangueira que ficava na frente de casa*	*Reciprocidade, respeito, construção de conhecimento* *Horizontalidade na relação professora e jovem* *Confirmação inter-humano e com a natureza*

Elaboração: Da autora, 2018

Uma conversa será um ato dialógico quando os indicadores de empatia, respeito, construção de conhecimento e cultura, horizontalidade na relação professora e jovem, confirmação inter-humano e com a natureza demostrem que se considerado pelos participantes, ouvintes, falantes. Neste processo, o uso da tecnologia digital, enquanto meio de comunicação interativa, não necessariamente garante o dialogismo freiriano. Num exemplo de que estes indicadores foram cumpridos, está a seguinte interação das professoras, onde se ressalta um real diálogo de saberes ambientais (Figura 23).

A tecnologia digital possibilita a mediação do dialogismo freiriano desde que os interlocutores tenham uma relação de confiança e amor, condição sempre presente em quem se aventura a este tipo de pesquisas, que nasce gota a gota e se converte em rios que podem ter tal força e levar nas suas correntes tantas aprendizagens que os participantes se sentem importantes e protagonistas nesta travessia.

Comprova-se no diálogo seguinte que entre as professoras a relação de compromisso e amor entre os jovens, professoras e pesquisadora, mediados pelo mundo, seu meio ambiente virtual, pela sua cultura e pela tecnologia digital, é que possibilita o dialogismo freireano, consequentemente, o ato político de transformar o

mundo. O mundo de cada um que será um pouco diferente que sem esta disposição a entender o mundo do outro.

Figura 23 – Descrição do diálogo entre professoras sobre cultura gaúcha e amazônica e as comidas

Na relação estabelecia através deste tempo juntos, jovens, professoras, pesquisadoras, padres, diretoras das escolas e professores de universidades participantes todos num espaço comum, que ainda virtual, aproximaram as distâncias reais a um ponto que deixaram sentir que somos seres que precisamos ser entendidos e ainda mais importante entender as outras realidades para poder desfrutá-las como elas se apresentam, com seu calor, sua forma, seu ambiente, sua vida...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada, do barco à ponte: não se precisa pular para viver!

Importante na escola
não é só estudar, não é só
trabalhar, é também criar laços de
amizade...
Sem a curiosidade que me move, que me
inquieta, que me insere na busca,

não aprendo nem ensino..

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas
na palavra, no trabalho, na ação-reflexão...

a educação é comunicação e na medida em que
não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos
interlocutores, que buscam a significação dos significados.

(Paulo Freire)

A minha relação com ele ou ela não é a mesma que eu tenho com cada pessoa em geral, nem se limita a uma função específica[...] O ser humano deseja ser confirmado no seu ser por outro ser humano, e deseja estar presente no ser de outro... Ele anseia por um Sim que lhe permita ser e que só ele pode chegar a través de um outro ser humano"

(Martin Buber)

DA IDEOLOGIA À IDEIA: ESSÊNCIA POR APARÊNCIA

Como pesquisadora admito que a ideia, primeira gotinha onde se inicia este fluir, nasce numa ideologia própria, de olhar a vida que se esconde detrás das aparências, neste caso, das reações digitais de seres, realmente distantes uns dos outros, tentando um diálogo.

"Esse tipo de pesquisa é muito trabalhosa e precisa de tempo e um mestrado é pouco tempo" foi a chamada de atenção de minha co-orientadora, profa. Dra. Ademilde Sartori, para os cuidados que este tipo de pesquisa precisa e das exigências que faz: "Então, você precisa deixar bem-definido quais são seus objetivos. O que você quer alcançar com essa pesquisa? O que você quer saber? O que você quer fazer?" Estas palavras chegaram depois de dialogar a ideia com as professoras convidadas a participar e me fizeram refletir sobre os desafios já colocados sobre a mesa.

Não dava mais para desistir. Minha essência me levou à ação, mas a “ficha caiu”. As palavras da professora foram uma guia ao longo desta travessia, um leme que me ajudou a navegar nessas águas. Esta objetividade me salvou de um possível naufrágio pois, como todo rio, são necessárias muitas águas para se chegar ao mar.

Figura 24 – Barco chegando à escola na orla do Rio Tocantins

Foto: Autora, 2017

A pesquisa se apresentou como “uma metáfora das geografias por meio de uma interação no mundo digital” de dois diferentes grupos de jovens, cada um com uma viva essência, de duas diferentes regiões do Brasil, norte e sul. Na bela região amazônica, ao interagir pessoalmente com professores e jovens de escolas ribeirinhas, percebi que a geografia deve ser entendida pela população e no âmbito escolar com mais razão. Um exemplo que me levou à reflexão foi o modo como os alunos chegam à escola: o barco que transporta os escolares.

Figura 25 – Transporte escolar e pontes na região amazônica de Cametá, PA.

Foto: Autora, 2017

Como transporte escolar, um barco, não é novidade para quem mora no Rio Tocantins, mas isto foi motivo de grande surpresa para os jovens e comunidade educativa do Sul. E seguindo a metáfora da pesquisa, nos grandes rios que levam ao mar será necessária uma embarcação para ir de uma margem a outra margem, pois uma ponte já não é suficiente mediação para esta travessia, no entanto, as pontes ainda existem, e são tão úteis quanto os barcos

Já no Sul, as pontes ainda são o meio para alguns alunos chegarem à escola que fica na outra margem do Rio Pardo, ali os barcos não foram imprescindíveis para atravessar de uma margem a outra e aqui surge a pergunta: serão as geografias as que se refletem nas conexões das essências dos seres humanos e isto se reflete no acesso às tecnologias? “De Cá para Lá”, mostra que estas mediações influenciam, sim, nas relações de uns com outros e inclusive na relação de um consigo mesmo e o seu ambiente, todos como seres em diálogo mediatizados pelo mundo.

Figura 26 – Rio Pardo e pontes da região gaúcha de Candelária, RS

Foto: Autora, 2017

Neste contexto, o objetivo concreto é responder à pergunta feita no início da pesquisa: É possível um diálogo de saberes ambientais entre jovens de Norte e Sul de Brasil por meio do *Facebook*? Este questionamento foi se tornando aquele rio largo onde as professoras e diretoras das escolas e alunos gostam de navegar. Boa motivação inicial. Logo depois, a interação se desenvolveu seguindo as instruções e, finalmente, as possibilidades de diálogo se materializaram no nosso espaço digital.

Sendo autocríticos com o espaço digital escolhido: o *Facebook*, Paulo Freire defende uma educação crítica antes de tudo o que está ao redor do educando e exige um educador que possa problematizar aquilo.

Neste caso, o espaço de relacionamento viabilizado pelas mídias, entre as quais o *Facebook* tem maior popularidade, foi colocado na mesa de diálogo, com criticidade ante suas influências na subjetividade dos jovens. O debate com respeito ao tema das redes sociais, o *Facebook* em específico, foi mais efetivo na região Sul, porque a atenção da direção, professoras e alunos se tornou uma constante até o final da pesquisa.

No Norte, a comunicação foi difícil devido à falta de conexão com a internet nos momentos-chave e os alunos estavam longe da instituição educativa onde o acesso, de barco, não é simples fora do horário de aulas, no entanto, a disposição da professora do Norte foi muito valorizada pelos jovens e diretivos, pois, na realidade, esta região tem muito a compartilhar e muito a refletir e é necessário o apoio logístico a seus jovens.

Diálogos de saberes e subjetividades mediatizados pelo ambiente: o mundo

A interação e o compartilhar de saberes sobre seu ambiente a partir de cada participante geram perspectivas da realidade das culturas, amazônica e gaúcha, que são diferentes e distantes, que neste processo educomunicativo aproximaram-se com resultados dialogados desde o seu início até o seu fim.

Esta pesquisa se centrou na subjetividade dos sujeitos, jovens, professoras e pesquisadora, oferecendo um espaço para que cada ser participante pudesse se expressar e dialogar, respeitando o outro ser humano que,

> Ontologicamente diferente dos demais seres, tendo recebido, na sua humanidade, condições específicas para dar conta da própria vida, sustentá-la e ampliá-la. Ele é um feixe de possibilidades, sempre em aberto, podendo transcender e surpreender a si mesmo, lançado no mundo sem o controle da vida e sem certezas sobre o seu destino. Assim, por mais que busque a estabilidade e a segurança de diversas formas ao longo da história, o homem está sempre diante de questões existenciais que o desestabilizam e o colocam em movimento. É um ser em constante construção, o que se dá a partir do contato com os outros, na coexistência. Ele é único e irrepetível, ao mesmo tempo em que herda toda uma cultura construída ao longo do tempo por muitos outros, seus semelhantes. (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010, p.76)

Ao aplicar a pesquisa-ação, observei criticamente todo o cenário e o processo, planejando a mudança de uma realidade, através de um diálogo respeitoso. Em seguida, refleti sobre os resultados para melhorar e seguir num movimento em espiral, que é aquele que propõe este encontro de essências que se confirmam com reciprocidade, respeito e empatia. Assim, o agir das professoras e pesquisadora, em comunhão com o mundo dos jovens, ofereceram possibilidades de aprendizagens por meio das interações digitais.

O pensador do diálogo, Martin Buber afirma que o homem no mundo tem múltiplas possibilidades de existir, dependendo de como se coloca. Assim,

> As palavras-princípio eu-tu e eu-isso assinalam modos de ser do homem, formas de responder à realidade, que sempre solicita um posicionamento. O eu que se abre para um tu não é como o eu que se relaciona com um isso, ou seja, a forma de relacionamento estabelecida fundamenta o modo de ser. Por isso, a relação produz diferentes possibilidades de a pessoa estar no mundo. Eu-tu e eu-isso são parte do movimento humano, sendo inseparáveis, alternando-se constantemente a cada relacionamento. (BUBER, 1923/2001).

Como ser de relacionamentos, o ser humano se interessa pelas possibilidades que o *Facebook* oferece de se relacionar, conversar, dialogar ou fazer novas amizades. As redes sociais são uma janela para um mundo de encontros, de geografias distantes que estão visíveis e acessíveis, isto tem que ser apropriado criticamente na sociedade e ensinado aos jovens a não serem enganados por superficialidades, e aprender a ver além das aparências.

Ensinando, aprendendo e dialogando. Construindo conhecimento?

O entorno do aluno, seu ambiente, é importante, porém, na educação formal isto é desvalorizado e desconsiderado. Paulo Freire, em sua pedagogia do diálogo, dá um vivo exemplo disto na sua obra *Pedagogia da Esperança* na qual se refere ao educador que,

> [...] faltoso de limites ou se, pelo contrário, os pescadores, ao enfatizar a liberdade, condicionados por seu próprio contexto cultural, não estariam contando com a natureza mesma, com o mundo, com o mar, em que e com que as crianças se experimentam, como sendo as fontes dos necessários limites à liberdade. Era como se, amenizando e diminuindo o seu dever de educadores de seus filhos, pais e mães o compartilhassem com o mar, com o mundo mesmo, aos quais caberia através da prática de seus filhos, estabelecer-lhes os limites a seu que-

> fazer. Aprenderiam assim, de forma natural, o que podiam e o que não podiam fazer. (FREIRE, 1997, p.11).

A aprendizagem tem a ver com a atenção que se põe ao redor. O contato, o diálogo e a interação com grupos de jovens de culturas diferentes, se tornou uma rica experiência em termos ambientais sobre paisagens, climas, cultivos e sobre como aprender dessas coisas pelo diálogo mediado por uma tecnologia.

Eu, como pesquisadora, encontrei-me errando em tempos e espaços, mesmo observando, planejando, agindo, refletindo e aprendendo na prática junto às professoras participantes, pesquisadoras também na aplicação da metodologia escolhida. Um constante 'aprender no processo', estar atenta sempre, ligada e 'conectada' foi imprescindível a esta conexão, que não é só aquela oferecida pela tecnologia, mas essa que o espírito humano precisa para 'perceber ao outro' e ainda, de longe, tentar um real diálogo.

Assim, constatei que "a gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática" (FREIRE, 1991, p. 58). O desafio foi viver esta prática dialógica e intercultural, de pensar com o outro, professoras do Norte e do Sul do Brasil, reconhecendo e valorizando o que eles pensam e praticam em seus cotidianos, em seus ambientes a partir de seus saberes, isto tem me permitido me tornar mais aberta às experiências do duvidar, do questionar, do indagar e dialogar, no entanto, percebi que o alongamento excessivo do tempo para realizar as atividades foi um fator de desmotivação dos jovens, além da difícil conexão de alguns deles.

Períodos de interação mais curtos geram dinamicidade, atrativa ao jovem, mas que as instruções fiquem claras para todos é uma dificuldade a ser resolvida, que depende da conectividade tecnológica e outros aspetos. Nessa dinâmica de postar perguntas, produzir vídeos, conversar no *chat* e tentar um diálogo em todo ambiente virtual ao usar os recursos do *Facebook*, se conseguiu um agir reinventando, desconstruindo e construindo outros modos de pensar e fazer a formação continuada. Movimentados pelo coletivo, podemos ampliar maneiras de ver, recriar, significar saberes e vivências na

escola e no meio ambiente em que os jovens alunos vivem, o que inclui suas realidades ambientais, seu mundo.

Cada detalhe no mapa da rota é importante para nosso navegar, nosso dialogar!

A sistematicidade é importante para a pesquisadora e para as professoras, num processo Educomunicativo como este na rede e com jovens, é importante estar atento a gerar tempos, atividades nestes tempos, a renovação destas atividades no sentido de ir enviando novidades para poder manter o interesse até fechar o projeto de maneira cordial.

Finalmente, se apresenta um diálogo de jovens do Norte e Sul do Brasil, de sua geografia até sua tecnologia. Geograficamente se avistam rios grandes e rios pequenos, tecnologicamente se vivenciam conexões fáceis e difíceis. Escolas ribeirinhas no Brasil, da orla de um rio amazônico até a margem de um rio gaúcho. Fruto de uma minuciosa análise de dados coletados em diálogo com os indicadores propostos pelos autores escolhidos, este é o resultado da pesquisa, uma empiria valiosa conectada à teoria para futuras propostas de estratégias educomunicativas, interações biorriozomáticas, políticas educativas e outras.

Para compreender qualquer ser humano, se precisa saber sobre sua geografia, seu contexto, seu ambiente e uma rede social como o *Facebook* possibilita isto, porém, não é a única ferramenta para este propósito, existem muitas outras opções. Esta pesquisa quis mostrar essas possibilidades objetiva e subjetivamente, às vezes, os limites estão na cabeça e no coração dos seres humanos que dizem querer ser educados. A teoria estará longe da prática. Mas,

As Fronteiras

Onde estão?

Numa prática reflexiva?

Como contar tudo o que foi vivido?

Como contar tudo que foi dialogado? Como colocar um oceano em um copo?

É esta uma situação limite?? ato-limite? Ou um inédito-viável?

Paulo Freire (1987, s.p.) propõe definir a situação-limite como “dimensões concretas e históricas de uma dada realidade, ou seja, são obstáculos, barreiras que precisam ser vencidas, superadas frente ao mundo”. O propósito da pesquisa foi atingido ao comprovar a possibilidade de tocar as subjetividades, a consciência e o respeito a outras culturas e ao ambiente, isso ocorre com a mediação da tecnologia que estendeu a realidade para ser encaixada numa tela e sair de novo no outro extremo de Brasil, da realidade ribeirinha amazônica até a orla de um rio gaúcho. Nesse movimento, como os rios que fluem incansáveis, está o ser humano, ser de relações, que numa atitude e disposição ao diálogo, aprende a ver além do aparente, pois na essência das coisas está a vida que surpreende.

REFERÊNCIAS

AMANTE, L. Facebook e novas sociabilidades contributos da investigação. In: PORTO, C.A. **Facebook e educação**: publicar, curtir. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p. 27-46.

ANDRADE, Polyana Bittencourt; AZEVEDO, Denio Santos; DÉDA, Talita de A. Práticas de Ensinagem e Redes Sociais na Internet: um estudo de caso do Facebook como ambiente de aprendizagem. In: III SIMPÓSIO EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃOINFOINCLUSÃO: POSSIBILIDADES DE ENSINAR E APRENDER, Aracaju. **Anais...** Aracaju: GECES-UNIT, 2012. p. 301-316.

ARIMA, Kátia; MORAES, Maurício. O futuro da web está no Facebook? **Rev Info. Fev**., São Paulo, p. 22-37, 2011.

AZEVEDO, Claudio. **Por uma Educação Ambiental biorrizomática: cartografando devires e clinamens através de processos de criação e poéticas audiovisuais**. 2013. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – UFRGS, Porto Alegre, 2013.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**.13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

BASTO, S. La comunicación y la naturaleza en las teorías pedagógicas de Comenio, Rousseau, Pestalozzi, Buber y Freinet, hacia la fundamentación de una Educomunicación ambiental. **Espiral, Revista de Docencia e Investigación**, v. 1, n.1, p. 29-44, 2011.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. São Paulo: Porto, Porto Editora, 1994.

BUBER, M. **Yo y tu [I and Thou]**. Buenos Aires: Galatea, 2001 [1923].

_____. **Eu e Tu.** 2. ed. São Paulo: Cortez e Moraes, 2006 [1979].

_____. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BURBULES, Nicholas C. Los significados de “aprendizaje ubicuo””. Archivos analíticos de políticas educativas, v. 22, n. 104, 2014. **Revista de Política Educativa**, Buenos Aires, ano 4, n. 4, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.v22.1880>. Acesso em: 23 jun. 2018.

BURKE, M., MARLOW, C., LENTO, T. Feed Me: Motivating Newcomer Contribution in Social Network Sites. In: PROCEEDINGS OF THE SIGCHI CONFERENCE ON HUMAN FACTORS IN COMPUTING SYSTEMS, Boston. **Anais…** Boston, 2009. Disponível em: <https://dl.acm.org/citation.cfm?id=1518701>. Acesso em: 25 jan. 2018.

CHAGAS, A.M.; LINHARES, R.N. As interfaces de interação para uma aprendizagem colaborativa no Facebook. In: PORTO, C.A. **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

CAMPOS, Edson Nascimento; CURY, Maria Zilda Ferreira. Fontes primárias: saberes em movimento. **Revista da Faculdade de Educação**, 1997, vol. 23, no 1-2.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

COPELLO, Maria Inés. Fundamentos teóricos e metodológicos de pesquisas sobre ambientalização da escola. **Pesquisa em Educação Ambiental**, 2006, vol. 1, no 1, p. 93-110.

COREY, S. Esperar? Ou começar a saber! In: MORSE, W.; WINGO, G.M. **Leituras de psicologia educacional**. São Paulo: Nacional, 1979. p. 296-302.

COUTO, E. S. Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades In: PORTO, C.A. **Facebook e educação**: publicar, curtir. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p. 47-65.

DELEUZE G.; GUATTARI F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **O que é filosofia**. Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34,1992.

DEMO, P. Pesquisa-Participante: usos e abusos. In: TOZONI-REIS, M. **A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental**: reflexões teóricas. São Paulo: Annablume, 2007. p. 57-81.

DENIS, Leon. Direitos animais: um novo paradigma na educação. In: ANDRADE, Silvana (org.). **Visão Abolicionista**: ética e direitos animais. São Paulo: Libra Três, 2010. p.171-179.

DICKMAN, Ivo; RUPPENTHAL, Simone. Educação Ambiental Freiriana: pressupostos e método. **Revista de Ciências Humanas**, v. 18, n. 30, p. 117-135, 2017.

ECO, Humberto. ¿El público perjudica la televisión? In: MORAGA, M. **Sociología de la Comunicación en Masas**. Madrid: Gustavo Gili, 1979.

FERNANDES, Rodrigo Emanoel et al. **O punctum na sarjeta**: as redes sociais digitais e as histórias em quadrinhos. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-graduação em Educação, Unicamp, 2017.

FERRAZ, R., JACOBI, P. Pesquisa-ação e educação: Compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 122, p.155-173, 2013.

FRANCO, I. Redes sociais e a EAD. In: FREDRIC, M.; FORMIGA, M. (Orgs.). **Educação a Distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson, 2012.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2008.

FRANCO, Maria Amélia. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa.

14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____. Pedagogy of the Oppressed. 20th anniversary. In: HERON, J. **Cooperative Inquiry**: Research into the human condition. London: Sage,1996.

GARCIA, Paula Regina Rubires. Você já nasceu nas redes sociais? In: GIARDELLI, Gil (Org.). **Redes Sociais e Inovação Digital**. São Paulo: Gaia Creative, 2011.

CANCLINI, N. G. **Culturas populares en el capitalismo**. Mexico: Grijalbo, 2002.

GROHMANN, Rafael. A comunicação a partir do humano e do material: o conceito de tecnologia em Álvaro Vieira Pinto e implicações para as teorias da comunicação In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2015

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes 1993.

HERON, J. **Co-operative inquiry**. Londres: Sage, 1987.

KAPLÚN, Mario. **Uma Pedagogia de la Comunicación**. Madrid: Ed. De La Torre, 1998.

LEFF, Enrique. Complejidad, racionalidad ambiental y diálogo de saberes: Hacia una pedagogía ambiental. In: V CONGRESO IBERO-AMERICANO DE EDUCACIÓN

AMBIENTAL – BRASIL, Cidade do México. **Anais…** Cidade do México: Programa de las Naciones Unidad para el Medio Ambiente, 2007. p. 45-60.

_____. **Racionalidad Ambiental**: La reapropiación social de la naturaleza. Cidade do México: Siglo XXI editores, 2004.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

LUCENA, S. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 59, p. 277-290, 2016.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli, E.D. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. Sâo Paulo: EPU, 1986.

LUCZINSKI, Giovana Fagundes; ANCONA-LOPEZ, Marília. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estud. psicol.** n.1, p.75-82, 2010.

MAMANI, F. H. **Buen Vivir / Vivir Bien Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas**. Lima: Minkandina, 2010.

MESSIAS, I.; MORGADO, L. Facebook + LMS cenários para o envolvimento do estudante na aprendizagem a distância. In: PORTO, C. A. **Facebook e educação**: publicar, curtir. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p. 403- 427

MOREIRA, J.; JANUÁRIO, S. Redes sociais e educação reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, C.A. **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p. 67-84.

PANIAGO, M. C. Diálogos entre professores em/sobre formação continuada virtual: sentidos inacabados e provisórios no Facebook. **Acta Scientiarum,** Maringá, v. 36, n. 2, p. 217-222, 2014.

OCDE. **Panorama de la educacion**: indicadores de la OCDE. Madri: OCDE, 2016. Disponível em: <http://www.mecd.gob.es/dctm/inee/eag/panorama2016okkk.pdf?documentId=0901e72b82236f2b>. Acesso em: 23 jun. 2018.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **El desafío ambiental**. Rio de Janeiro: Programa de Naciones Unidas para el Medio Ambiente, 2004.

QUIRINO DE LUCA, Andréa; FONSECA DE ANDRADE, Daniel; SORRENTINO, Marcos. O diálogo como objeto de pesquisa na educação ambiental. ***Educação & Realidade***, 2012, vol. 37, no 2.

RECUERO, R. **Comunidades virtuais**: uma abordagem teórica. 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf >. Acesso em: 25 fev. 2017.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, 2014, p. 15-22.

SANTOS T.; ROSSINI E. Comunidade REA-Brasil no Facebook um espaço de ativismo, autorias, compartilhamentos e inquietações. In: PORTO, C.A. **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p. 85-112.

SERRES, M. A. **Polegarzinha**: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SIMÕES, Isabella de Araújo Garcia. A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. **Temática**, ano 5, n. 5, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. Comunicação regional e local na Europa Ocidental – Situação geral e os casos português e galego. 2016. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-comunicacao-regional-naeuropaocidental.html>. Acesso em: 29 set. 2017.

DE SOUSA, Cirlene Cristina; MAGELA PEREIRA LEÃO, Geraldo. **Ser Jovem e Ser Aluno**: entre a escola e o Facebook. ***Educação & Realidade***, 2016, vol. 41, no 1.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez Editora, 1986.

TOLEDO, Renata Ferraz; JACOBI, Pedro Roberto. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educ. Soc.**, v.34, n.122, 2013.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Educação para os objetivos de desenvolvimento sustentável**. 2017. Disponível em: <http://docplayer.com.br/52412202-Educacao-para-os-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel.html 2017>. Acesso em: 23 jun. 2018.

VALENZUELA, C. **Educomunicación más allá del 2.0**. Bogotá: Gedisa: 2010.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e Realidade Nacional**. Rio de Janeiro: ISEB, 1960. v. 2.

_____. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VILAR, S. **La nueva racionalidad**. Barcelona: Kairós, 1997.

VIZZOTTO, Lucimara. **Representação de mundo**: iniciando um trabalho psicopedagógico em interface com uma geografia fenomenológica em Geografia e Educação Geração de Ambiências. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

APÊNDICES

Apêndice A – Instruções para os jovens no terceiro momento da pesquisa

1)ª Atividade (em grupo) – Apresentação do grupo (postar o vídeo na pagina "####" do Facebook até o dia ####)

Querido aluno, para ser parte do projeto **Jovens do norte e sul dialogando seus saberes ambientais**, primeiramente, monte um grupo de cinco alunos. Depois de montado o grupo, vocês precisam se apresentar aos jovens que moram em uma região distante. Será uma conexão enriquecedora!

Vocês devem gravar um vídeo feito em grupo. Cada grupo grava um apenas um vídeo.

Nesse vídeo, cada membro do grupo deve se apresentar da seguinte forma:

1. Fale seu nome.
2. Responda a essas perguntas: se você fosse algo da natureza que o cerca, o que você seria? Por que você escolheu ser esse elemento da natureza? O que você gostaria de saber sobre a região norte do Brasil (Amazônia/Rio Tocantins)?

   Para os alunos da região norte a pergunta acima deve ser substituída: o que você gostaria de saber sobre a região sul do Brasil (Rio Grande do Sul/Candelária)?

2ª Atividade (em grupo) – Telejornal (postar o vídeo na página ## do Facebook até o dia ###)

Agora, o grupo deve organizar um telejornal, no estilo **Globo Repórter.** O primeiro passo é escolher um assunto sobre o meio ambiente que seja importante para sua cidade, que seja importante para sua comunidade. Escolheram o assunto? Então, vão para o segundo passo!

O segundo passo é pesquisar e estudar sobre o assunto. Vocês precisam ler tudo o que encontrarem sobre o assunto.

O terceiro passo é escrever o roteiro. Mas, como se faz um roteiro? Vamos pensar num telejornal, por exemplo. Num telejornal, primeiro o apresentador fala de dentro do estúdio. Depois, o apresentador passa a palavra para o repórter, que pode fazer duas coisas: mostrar o meio ambiente e entrevistar pessoas. Veja o exemplo abaixo, de um roteiro de um telejornal, no estilo **Globo Reporter.**

Apresentador Cid Mangabeira (filmagem dentro dos estúdios): "Boa Noite, queridos telespectadores. Hoje, o nosso programa irá falar sobre a casa dos esquimós: o Iglu. Como uma casa feita de neve pode proteger uma pessoa do frio? É o que o repórter Paulo Costa vai explicar agora. É com você Paulo"

Paulo Costa (Filmagem ao lado de um Esquimó e de um Iglu) – Boa Noite Cid Mangabeira. Estamos aqui na Groenlândia ao lado do Esquimó da tribo Inuite, no Labrador. Ele vai nos explicar como pode ser que fora do Iglu a temperatura é de 45 graus Celsius negativos e dentro do Iglu a temperatura pode chegar a 16 graus positivos. Como isso é possível meu amigo (dirigindo-se ao esquimó)?

Esquimó: Muito simples. Com a neve construímos nossa casa, o Iglu. Dentro da parede de neve, ficam bolhas de ar. Assim, a neve junto com as bolhas de ar servem de isolante térmico, deixando nossa casa mais quentinha.

O Exemplo acima é fictício. Mas pode servir para inspirar vocês a construir um roteiro no estilo Globo Reporter. Depois de escrito o roteiro, vamos para as filmagens. O vídeo deve ter uma duração de Proximadamente 5 minutos. Um pouco mais, um pouco menos, tudo bem. O video esta pronto? Entao, publique no Facebook!

3ª Atividade (individual) – Assistir os vídeos e comentar (postar esses comentário até o dia ##)

Agora, você deve assistir aos telejornais no estilo **Globo Reporter** que os outros grupos fizeram. Assista com calma cada um dos telejornais. Depois de assistir, você deve fazer um comentário sobre cada um dos vídeos postados. O comentário deve ter entre 5 e 10 linhas.

4ª Atividade (individual) – Fazer perguntas para alguém que mora em xxxxxxxx(postar os dois vídeos com as perguntas até o dia ####)

Agora, você deve escolher um colega que mora em xxxxxxxxxdo. Depois, grave um vídeo com uma pergunta sobre o video desse colega. No seu vídeo, você deve deixar bem claro para qual colega é realizada a pergunta. A pergunta deve estar relacionada ao assunto sobre meio ambiente que foi tratado no video.

5ª Atividade (individual) – Responder às perguntas (postar o(s) vídeo(s) com a resposta até ##)

Caso alguma pergunta tenha sido feita para você, você deve gravar um vídeo com a resposta. Caso tenham sido feitas mais de uma pergunta para você, você deve gravar mais de um vídeo. Enfim, você deve gravar um vídeo para responder cada uma das perguntas que foram feitas a você. Não esqueça de, no início do vídeo, deixar bem claro qual é a pergunta que você está respondendo e para quem é essa resposta.

Apêndice B – Roteiro de entrevista para diretor e professor

A entrevista é uma entrevista aberta que permite que o diretor ou professor se manifeste com liberdade falando de sua escola com líneas diretivas que se da no inicio baseadas nas seguintes perguntas.

Perfil do professor ou diretor

Nome, Função na sua Instituição de formação (pública ou privada)?

Formação

Quantos anos que trabalha na sua função?

PERGUNTAS

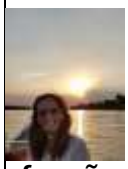
1. Olhando para a escola e sua experiência faça uma avaliação do estado atual da sua escola?
2. Quando você iniciou seu trabalho de diretor ou professor a infraestrutura da escola foi melhorando? O acesso a internet? E o que surpreendeu você de uma forma positiva?
3. Você teve ou tem dificuldades com os jovens na sala de aula com o uso inadequado com as tecnologias como o celular? Que tipo de dificuldades? Como você lida com isso?
4. Em geral, você se interessa em um dialogo? Como você faz para lidar com aqueles alunos

Desinteressados?

5. Você acho boa ideia uma correta utilização do Facebook pra se comunicar entre os jovens e que aquilo poderia ser aproveitado pela escola?

FINALMENTE, Você tem uma mensagem para a regiao do (Norte ou Sul) á outro ponto que gostaria de comentar? Qual?

Apêndice C – Entrevistas das professoras



FALA DA PROFESSORA DO NORTE – Data: 26 de Julho de 2016

Bom dia professora, seu nome e função na escola?

Oi meu nome é Anna Lucia sou a profe de Espanhol da escola Professor Jacinto Garcia e aqui les apresento a 'escuela' e esse pátio, 'muy' bonito. Temos 208, mais o menos, o total de estudantes, não tenho certeza. E eles estão em dois horários nem? Pela manhã a educação básica, fundamental menor, pela tarde pelo fundamental maior. Nos temos 6, são 6 salas de fundamental maior porque vai do sexto ao nono ano.

O que é bom? O que E mão? E o que se precisa na escola?

O que o bom, é por causa dessa natureza nem? Não se nem como te descrever. O bom, é porque é... a natureza por si só já ajuda. E o ruim, sendo porque a gente leciona na tarde e ali o sol é causticante. Como algumas salas tem ventiladores e outras não tem. Ali, a garganta fica um pouco forçada em isso. Mais é bom, eu gosto.

E a necessidade que você achou?

Foi uma realidade muito diferente a o que eu já tinha, a dois anhos que venho trabalhando aqui.

Uma experiência boa e nova?

Bem inovadora! (risos) porque eu trabalhava numa escola que tinha todos os aparatos, ar acondicionado, etc. Aqui não temos, a gente vai lutar pra isso e essa sala de multimídia que hoje é fundamental.

Tem uma mensagem para os jovens do sul?

Para eles! venham a conhecer também nem? Que uma realidade assim, si para min que já sou do Norte, é diferente!... Imagine para eles.VENHAM A CONHECER A VILA DO TENTÉM!

FALA DA PROFESSORA DO SUL- Data: 31 de Janeiro de 2017

Bom dia professora, seu nome e função?

Em dialogo com o norte,

Olá sou a professora Adriane, trabalho faz este ano são 24 anos completando que eu sou professora. Eu atuo em duas escolas de ensino fundamental: Escola Penedo e escola São Paulo que fica na área rural. Eu amo o que eu faço e porque eu posso de certa forma contribuindo com os sonhos de nossos jovens e além disso sempre havendo uma troca, sempre havendo um aprendizagem. Tu ensina, e ele sempre tem algo para nos ensinar, então o que nos temos ao final é conhecimento.

Mensagem para professora Ana:

Olá Ana, eu sou a professora Adriane, de Rio Grande do Sul, um prazer estar conversando com você. Não conheço você pessoalmente mais deve ser uma pessoa maravilhosa, um dia a gente vai poder trocar informações, essas informações são conhecimentos, cultura, saberes e vai ser muito legal essa troca desse conhecimento. Eu estou apostando nem, que a gente vai aprender, a gente vai interagir, e uma coisa muito importante, a gente vai se conhecer também que isso é muito importante. Este trabalho que vem a propor Marianela, vai nos acrescentar, nos agregar nos nossos conhecimentos e eu acho que vai ser uma coisa muito bacana porque vai ser muito bom conhecer coisas que vocês tem lá que nos não conhecemos, por exemplo que costumes danças, lazer, como é o aprendizagem, como funciona o ato de aprendizagem então são todas informações que a gente pode com esse decorrer do tempo podem se ir trocando as ideias. Então vai ser muito bom, vai ser prazeroso e a gente vai ter muito que conversar e vai ter muito que trocar. Obrigada.

Apêndice D – Reações das professoras fechamento da pesquisa

A COLETA DE DADOS NO FINAL DE DEZEMBRO DE 2017:

[Prof - N] *Que a alegria e o espírito do Natal jamais sejam passageiros, mas façam eterna morada dentro de nossos corações, e que a cada novo amanhecer possamos ter a certeza de que Jesus é*

conosco, vive dentro de nós e com Ele podemos vencer, pois assim como Ele venceu o mundo, nós também venceremos!" FelizNatal Quero te agradecer de coração por estas novas amizades este ano, e em especial para o pessoal do Sul pela grande oportunidade em conhecer um pouco mais de vocês e a Marianela, pois sem ela não seria possível acontecer, e pedindo a Deus que renove nossos votos de amizade por muitos outros anos e que em todos eles possamos estar com saúde, 🎅😍❤️

Amor, felicidade e acima de tudo cercados de bênçãos do Pai.

[Prof - S]: *Muito obrigada Ana ! Que mensagem linda. Tbm amei conhecer vcs ai do Norte temos muito q aprender. Desejar um Feliz Natal para pessoas tao especiais q são vcs é muito bom, não tem preço, posso dizer é um presente de Deus agradeço de coração por fazer parte de minha vida este ano e outros q virão. Minha felicitações tbm vão pra vcs nossos alunos e pra ti Marianela q chegou pra acrescentar e unir nossas vidas tão distante tornam assim tão perto tenho só agradecer*

muito obrigada.Que Deus abençoe e ilumine cada um de vcs ❤️

Pesquisadora: *Queridos jovens espero que tenham gostado de este DIALOGO, eu aprendi tanto de voces jovens e gente linda brasileira... e ainda aprendo. Algumas FRONTEIRAS E DISTANCIAS Estão só nas nossas Cabeças. Não deixemos que nosso coração esteja LIMITADO a uma ideia de como será "LÁ",... SÓ PERGUNTANDO, RESPONDENDO, DIALOGANDO, poderemos saber que é tão valioso como "Cá" !! Admiro muito vôces obrigada as Professoras @Adriani Feistler Schunke e @Ana Lúci a por tanta VIDA ... que cuida de cada Jovem com tanta VIDA.*

[Prof - S] : *Faltam palavras pra te agradecer e pela oportunidade que deste a nós. Experiência fantástica pra mim e meus alunos nesta troca de saberes de uma forma inicial bem tímida e aos poucos foi evoluindo, as vezes com o imprevisto do sinal da Internet trouxe um co nhecimento e mostrando a realidade de cada lugar. Puxa de País mais rico que temos, quanto beleza naturais e estes alunos que lindos, gentis, amados e interessados. Amo ser professora. Esta participação no projeto Dialogando saberes ambientais De Lá pra Cá trouxe uma visão de vida que nem imaginei que vcs vivenciam esta rotina diariamente totalmente diferente daqui,mas todos temos um objetivo comum aprender ,aprender o que não sabe sempre buscar aperfeiçoar assim tornamos seres comprometido com a vida.*

[Prof - N] *Muito verdadeira sua afirmação, dialogando saberes ambientais foi e continuará sendo uma troca de vivências, e fiquei muito feliz pela aproximação com as pessoas e em especial a*

Adriani , pois me parece que já a conheço desde sempre ... Obrigada a todos pelo empenho e pela sabedoria em que todos procuraram fazer o seu melhor...Até uma próxima vez!

👏👏👏 😘

ANEXOS

Anexo A – Resolução n. 510, 07 de abril de 2016

O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua Quinquagésima Nona Reunião Extraordinária, realizada nos dias 06 e 07 de abril de 2016, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei no8.080, de 19 de setembro de 1990, pela Lei no8.142, de 28 de dezembro de 1990, pelo Decreto no5.839, de 11 de julho de 2006, e Considerando que a ética é uma construção humana, portanto histórica, social e cultural; Considerando que a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos;

Considerando que o agir ético do pesquisador demanda ação consciente e livre do participante;

Considerando que a pesquisa em ciências humana se sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes;

Considerando que as Ciências Humanas e Sociais têm especificidades nas suas concepções e práticas de pesquisa, na medida em que nelas prevaleceu uma acepção pluralista de ciência da qual decorre a adoção de múltiplas perspectivas teórico-metodológicas, bem como lidam com atribuições de significado, prática se representações, sem intervenção direta no corpo humano, com natureza e grau de risco específico;

Considerando que a relação pesquisador-participante se constrói continuamente no processo da pesquisa, podendo ser redefinida a qualquer momento no diálogo entre subjetividades, implicando reflexividade e construção de relações não hierárquicas;

Considerando os documentosque constituem os pilares do reconhecimento e da afirmação da dignidade, da liberdade e da autonomia do ser humano, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de1948 e a Declaração Interamericana de Direitos e Deveres Humanos, de1948;

Considerando a existência do sistema dos Comitês de Ética em Pesquisa e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa;

Considerando que a Resolução 466/12, no artigo XIII.3, reconhece as especificidades éticas das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais e de outras que se utilizam de metodologias próprias dessas áreas, dadas suas particularidades;

Considerando que a produção científica deve implicar benefícios atuais ou potenciais para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado; e

Considerando a importância de se construir um marco normativo claro, preciso e plenamente compreensível por todos os envolvidos nas atividades de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, resolve:

Art.1**o**Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução.

Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:

I– pesquisa de opinião pública com participantes não identificados*;*

1. –pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei n**o**12.527, de 18 de novembro de 2011;
2. –pesquisa que utilize informações de domínio público;
3. -pesquisa censitária*;*
4. -pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual; e
5. -pesquisa realizada exclusivamente com textos científicos para revisão da literatura científica;
6. -pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito; e VIII –atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização. §1**o**Não se enquadram no inciso antecedente os Trabalhos de Conclusão de Curso, monografias e similares, devendo se, nestes casos, apresentar o protocolo de pesquisa ao sistema CEP/CONEP; §2**o**Caso, durante o planejamento ou a execução da atividade de educação, ensino ou treinamento surja a intenção de incorporação dos resultados dessas atividades em um projeto de pesquisa, dever-se-á, de forma obrigatória, apresentar o protocolo de pesquisa ao sistema CEP/CONEP.

Anexo B – Projeto aprovado pelo comitê de ética da UDESC

UDESC UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: JOVENS DO NORTE DIALOGANDO COM JOVENS DO SUL DO BRASIL: Um diálogo de saberes ambientais por meio do Facebook.

Pesquisador: Marianela Laura Quisbert

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68041317.7.0000.0118

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.102.545

Apresentação do Projeto:

Trata-se da versão 2 para atendimento as pendências do parecer Consubstanciado nº 2.073.570.

O projeto de pesquisa proposto está intitulado "JOVENS DO NORTE DIALOGANDO COM JOVENS DO SUL DO BRASIL: Um diálogo de saberes ambientais por meio do Facebook". Tal projeto tem como pesquisadora responsável a Marianela Laura Quisbert e está vinculado (segundo o projeto detalhado) ao "Maestría Académico em Educação e Cultura-PPGEDUC da Universidad Federal de Pará/UFPA –Campus Universitário del Tocantins" sob orientação do Prof. Drº. Ariel Fieldman e co-orientação da Prof. da UDESC Drª Ademilde Silveira Sartori.

A pesquisa será realizada no espaço virtual e se concentra no diálogo de saberes por

Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O(a) seu(ua) filho(a)/dependente está sendo convidado a participar de uma pesquisa mestrado intitulada: JOVENS DO NORTE DIALOGANDO COM JOVENS DO SUL DE BRASIL: Um diálogo de saberes ambientais por meio do Facebook, que fará uma descripção da interação dos jovens participantes na internet, tendo como objetivo uma reflexão sobre a mídia social Facebook – como um instrumento de comunicação de jovens – meio onde pode-se gerar uma ação dialógica de saberes ambientais entre Norte e do Sul do Brasil, isto para uma sensibilização ambiental. Procurando compreender as proximidades culturais entre as regiões Cametá, Pará e Candelaria, Rio Grande do Sul; conhecendo e descrevendo os panoramas com relação às tecnologias da comunicação e da informação que dizer disponibilidade de infraestrutura e acesso a internet dos participantes; explicitando as possíveis contribuições que podem fazer que o estudante, membro de comunidade virtual, interage e gere um diálogo de saberes ambientais.

Serão previamente marcados as datas de períodos de interação no grupo virtual a través de instruções das professoras guias dos alunos, utilizando entrevista as professoras, diário de campo do processo e documento gerado por a interação dos jovens. Os dados serão coletados num grupo fechado creado em Facebook onde interagiram 5 jovens das escolas: E. M. E. F. Prof. Jacinto Garcia, E. M. E. F. Prof. Dalila Leão, como escolas do estado de Pará. E.M.E.F. São Paulo e E.E.E.F. Prof. Penedo como escolas do estado de Rio Grande do Sul.

Também será realizada a divulgação dos resultados da pesquisa através da mesma mídia social da internet. Não é obrigatório participar nas atividades, nem obedecer toda instrução. Os jovens se sentiram livres de interagir, só recebendo instruções em momento determinado para assim cumprir a metodología da pesquisa.

O(a) seu(ua) filho(a)/dependente e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de dano, durante a pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos pois o grupo de Facebook é fechado a outros participantes por envolver um ideal científico que será considerado para um adequado embasamento metodológico.

A identidade do(a) seu(ua) filho(a)/dependente será preservada pois cada indivíduo será identificado por um número.

É necessário que fique claro que os riscos de participar nesta pesquisa são mínimos porque os jovens não realizam ou se envolvem em atividades que possam afetar a sua segurança tanto física quanto emocional. As ações para amenizar estes riscos, que são mínimos, são a criação de um grupo de Facebook fechado no qual os integrantes da pesquisa podem interagir sem que outras pessoas possam afetar o diálogo, a garantia do anonimato, a garantia de que podem abandonar a pesquisa se e quando quiserem, o conhecimento, consentimento e acompanhamento do Facebook por parte dos pais, a participação de professoras das escolas que conhecem a realidade local e podem tomar atitudes necessárias para resolver qualquer situação que por ventura traga algum inconveniente aos participantes e, principalmente, pelo fato de serem sempre convidados a realizar as atividades, podendo não realiza-las se não quiserem, e o modo de realiza-las é da escolha deles, dentro da realidade em que vivem. Por isto os riscos destes procedimentos serão mínimos são mínimos.

A identidade do (a) seu(sua) filho(a)/dependente será preservada pois cada indivíduo será identificado por um número no analise das conclusões, no processo se requere que os jovens apresenta vídeos e se pedirá o consentimento para isto, tanto dos jovens como dos pais, se for preciso .

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão importantes tanto para os jovens como para os professores porque fazem a diferença com seu agir em uma rede social, a qual já é parte de seus cotidianos. O fato de ser um projeto que coloca em contato jovens que estão distantes geograficamente é, em si, motivador, fazendo com que os jovens queiram e gostem de participar desde o momento em que se propõe a pesquisa e esse é um fator que influenciará no processo e nos resultados da pesquisa. Entre os benefícios que podemos indicar está a troca de conhecimento sobre aspectos culturais e geográficos regionais e a possibilidade de se comunicar com outros jovens, trocando experiências e aprendendo de modo coletivo.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores Marianela Laura Quisbert, Dr. Ariel Feldman e Dra. Ademilde Silveira Sartori como orientadores da pesquisa.

O(a) senhor(a) poderá retirar o(a) seu(ua) filho(a)/dependente do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso dos dados do(a) seu(ua) filho(a)/dependente para a produção de artigos técnicos e científicos. A privacidade do(a) seu(ua) filho(a)/dependente será mantida através da nãoidentificação do nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em

poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Marianela Laura Quisbert
NÚMERO DO TELEFONE: (48) 991914379
ENDEREÇO: ADEMAR MANOEL BENTO, 11, Barrio Trinidade, Florianopolis, SC.
ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Marianela Laura Quisbert
Ass: Pesquisador Responsável

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPSH/UDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC - 88035-901
Fone: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com
CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF-
CEP: 70750-521 Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

Anexo D – Consentimento para fotografias, vídeos e gravações

UDESC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

cepsh Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de meu filho/dependente para fins da pesquisa científica intitulada *" JOVENS DO NORTE DIALOGANDO COM JOVENS DO SUL DO BRASIL: Um diálogo de saberes ambientais por meio do Facebook "*, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas ao meu filho/dependente possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, o meu filho/dependente não devem ser identificado por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso, e que as fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade e guarda do grupo de pesquisadores do estudo.

Candilária, 17 de Abril de 2017
Local e Data

Silvana Beise Brixner
Nome do Responsável pelo Sujeito Pesquisado

Silvana B. Brixner
Assinatura do Responsável pelo Sujeito Pesquisado

Avenida Madre Benvenuta, 2007, Itacorubi, CEP 88035-901, Florianópolis, SC, Brasil
Telefone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com
CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521

Anexo E – Entrevista do jornal de Candelária com a pesquisadora

Jornal de Candelária — GERAL — Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2017 – 9

INTERCÂMBIO CULTURAL

Candelária acolhe pesquisadora boliviana

MARIANELA QUISBERT VEIO A CANDELÁRIA DESENVOLVER PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ALUNOS DAS ESCOLAS SÃO PAULO E PENEDO

Martina Wrasse Scherer
martinascherer.jc@gmail.com

Depois de ter conhecido Candelária durante a realização do 1º Festival Internacional de Folclore, em 2014, a boliviana Marianela Laura Quisbert retornou ao município no início do ano por outro motivo, igualmente nobre. Marianela está realizando sua pesquisa de mestrado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e vai desenvolver, com estudantes das escolas Professor Penedo e São Paulo, do Bairro Rincão Comprido e da localidade de Linha do Rio, respectivamente, a parte prática do seu projeto.

Intitulada "Diálogos e saberes ambientais: jovens do Norte dialogando com jovens do Sul", a pesquisa na área da educação ambiental aliada à tecnologia e redes sociais, vai aproximar os alunos candelarienses - amparados pela professora de Matemática e Ciências Biológicas

tes do município de Cametá e da localidade interiorana de Rio Tentem, na mesma cidade - no estado do Pará, onde Marianela tem suas aulas do mestrado.

Segundo a pesquisadora, que é engenheira eletrônica por formação, especializada em educação ambiental e tecnologias da informação e comunicação, a ideia de colocar dois contextos extremos em diálogo foi surgindo aos poucos, a partir das experiências vividas em suas pesquisas anteriores. Durante sua pós-graduação, cursada na Colômbia, Marianela viajou por três anos e meio e desenvolveu projetos voluntários voltados à educação ambiental por vários países da América Latina, como Panamá, Costa Rica, Guatemala, Nicarágua e México, encerrando o trajeto em Cuba.

Na maioria deles, a boliviana aproveitava para compartilhar situações vividas em seu país, como a Guerra da Água, em 2000, e buscava aprender e conhecer mais sobre a realidade local e o que estava se fazendo da área da educação ambiental.

Marianela: pesquisa de mestrado vai colocar jovens candelarienses e do Pará em diálogo pela

Com os estudantes do município e também do Pará, Marianela busca, justamente, essa interação de contextos e realidades. "Serão dois extremos conversando, trocando informações sobre suas ideias, projetos e realidades", explica. "Duas re-

dades sociais na educ
Facebook, com
catalisador poderia
de todo o mundo"